



VII SAB NE
ARQUEOLOGIA
EM CENÁRIOS DE FOMES
21 a 24 set 2022



Livro de resumos expandidos da VII SAB Nordeste
VOLUME 4. Nº 1 - 2022

Delmiro Gouveia - Alagoas | 2022

SAB
SOCIEDADE
DE ARQUEOLOGIA
BRASILEIRA

**REGIONAL
NORDESTE**

VII SAB NE
ARQUEOLOGIA
EM CENÁRIOS DE FOME

21 a 24 set 2022



ARQUEOLOGIA EM CENÁRIOS DE FOME
Respeito, dignidade, alimento e conhecimento

– Livro de resumos expandidos da VII Reunião da SAB Nordeste –

CAETÉ

Revista de Ciências Humanas

Delmiro Gouveia - AL | 2022

SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA COMISSÃO CIENTÍFICA GESTÃO 2022-2023

Adriana Schmidt Dias – Presidente
Marcelo Fagundes – Vice-presidente

REPRESENTAÇÃO DA REGIÃO NE DA SAB 2021-2022

Agnelo Fernandes Queiróz
Fabiana Comerlato
Olívia Alexandre de Carvalho

COMISSÃO ORGANIZADORA DA VII REUNIÃO DASAB NORDESTE – 2022

Fabiana Comerlato - Coordenadora
Albérico Nogueira de Queiroz
Ana Rosa Silva Lima
Agnelo Fernandez Queiróz
Cidália de Jesus Ferreira dos Santos Neta
Flávio Augusto de Aguiar Moraes
Maíza Sampaio dos Santos Olívia
Alexandre de Carvalho

INSTITUIÇÕES ORGANIZADORAS

Grupo de Pesquisa Recôncavo Arqueológico
Programa de Pós Graduação em Arqueologia e
Patrimônio Cultural/ UFRB
Laboratório de Bioarqueologia – UFS
Núcleo de Pesquisa e Estudos Arqueológicos e
Históricos (NUPEAH-UFAL/Campus do
Sertão)

ORGANIZADORES DA EDIÇÃO

Agnelo Fernandes Queiróz
Fabiana Comerlato
Olívia Alexandre de Carvalho

Albérico Nogueira de Queiroz (UFS)
Arkley Marques Bandeira (UFMA)
Carlos Alberto Etchevarne (UFBA)
Carlos Xavier de Azevedo Netto (UFPB)
Flávio Augusto de Aguiar Moraes (UFAL)
Marcelia Marques (UECE)
Maria Conceição Soares Meneses Lage (UFPI)
Maria Fátima Robeiro Barbosa (UNIVASF)
Roberto Airon Silva (UFRN)
Suely Luna (UFRPE)

MONITORIA

Angélica Rodrigues de Oliveira (UFRB)
Bianca Araújo Freires (UFRB)
Brisa Santana Pires (UFRB)
Cristiano da Silva Araújo (UFRB)
Gilcimar Costa Barbosa (UFRB)
Henrique Correia da Silva (UFAL)
Jaciera Pereira Lima (UFS)
João Pedro Santos Guedes (UFRB)
João Vitor dos Santos e Santos (UFRB)
Laiane Nunes Lima (UFRB)
Leonardo Lopes Rangel (UFRB)
Maria Clara Viegas Aquije (UFS)
Olga Natália da Paixão Vidal (UFRB)
Paulo Otávio Laia (UFRB)
Rafael Alves Moreira Nascimento (UFRB)
Sueli de Jesus Correia (UFS)
Yuri Barbosa Barros (UFRB)

DIAGRAMAÇÃO

Henrique Correia da Silva

Simpósio de Arqueologia em Cenários de Fome: respeito, dignidade, alimento e conhecimento - Livro de resumos expandidos. Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira Regional do Nordeste, 21 a 24 de setembro de 2022/ Agnelo Fernandes Queiróz, Fabiana Comerlato, Olívia Alexandre de Carvalho, Flávio Augusto de Aguiar Moraes (organizadores) – Delmiro Gouveia, AL: UFAL, 2022, 256 p.:il

ISSN: 2675-1666

1. Simpósio. 2. Arqueologia. 3. Nordeste do Brasil. I. Queiróz, Agnelo Fernandes. II. Comerlato, Fabiana. III. Carvalho, Olívia Alexandre de. IV.

APRESENTAÇÃO

Este caderno reúne as atividades da VII Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira/Sessão Nordeste, de 21 a 24 de setembro de 2022, com sede na cidade de Cachoeira (BA).

O tema principal do evento evoca as agruras do cenário nacional, os enormes desafios do campo universitário e o agravamento das condições de vida dos brasileiros. “Arqueologia em cenários de fomes”, fomenta o debate da Arqueologia e a realidade social que o Brasil e, especialmente, o Nordeste vive na atualidade. Ao mesmo tempo, que convida toda a comunidade arqueológica a debater o papel social do seu ofício e de suas práticas e a troca de conhecimentos e saberes.

4

Os simpósios temáticos propostos tiveram como baliza os seguintes eixos norteadores: 1. Gestão social do patrimônio arqueológico e direitos humanos; 2. De onde viemos e para onde vamos: a Arqueologia nordestina e os desafios contemporâneos; 3. Arqueologia e multiambientes no Nordeste; 4. Arqueologia preventiva: experiências, aprendizados e rumos; 5. A pesquisa arqueológica: metodologias, tecnologias e inovações.

O caderno reúne o resumo das comunicações de 11 simpósios temáticos, somando 43 trabalhos de 129 aceitos e 198 autores dos 9 Estados do Nordeste. Além dos simpósios, o evento foi composto por conferências e minicursos, bem como a Assembleia Geral da Sociedade de Arqueologia Brasileira, regional Nordeste - de forma virtual.

O último dia foi dedicado às ações com atividades presenciais em diversos lugares do Nordeste. A “Arqueologia de canto a canto” tem como proposta atividades práticas com todos os públicos organizados pelos sócios com o apoio de instituições parceiras. A programação consta com quatro atividades, que tem o intuito de socializar e dialogar sobre nosso patrimônio arqueológico e as diversas percepções e fazeres da Arqueologia no Nordeste.

Que tenhamos respeito, dignidade, alimento e conhecimento!

Delmiro Gouveia - AL, 30 de
dezembro de 2022.
Coordenação da
SABNE Gestão
2020/2022

SUMÁRIO

SIMPÓSIO TEMÁTICO 01 – ARQUEOLOGIA COMO PRÁTICA SOCIAL E INSTRUMENTO POLÍTICO PARA GRUPOS MARGINALIZADOS.....09

ETNOMAPEAMENTO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS NA TERRA INDÍGENA BARRA DO MUNDAÚ, ITAPIPOCA, CEARÁ.....10

Bianca Araújo Freires ; Henry Luydy Abraham Fernandes

ENSINO DE ARQUEOLOGIA NO PIAUÍ: PROVOCAÇÕES DECOLONIAIS A PARTIR DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO.....13

Gabriela Monteiro; Leandro Mageste

O MUSEU DO ANTIGO ZABELÊ: UM ESTUDO A PARTIR DA ARQUEOLOGIA PÚBLICA E MUSEOLOGIA SOCIAL.....20

Maria Alda da Silva Braga; Leandro Elias Canaan Mageste

PATRIMÔNIO DE QUEM E PARA QUE: INVENTÁRIO PARTICIPATIVO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE SÃO RAIMUNDO NONATO – PI.....29

Mayke Lopes dos Santos; Mario Rodrigues de Lima Neto; Alencar de Miranda Amaral

“E AGORA O QUE DEVEMOS FAZER?”: INTERDISCIPLINARIDADE E GESTÃO DE ACERVOS.41

Douglas Santos Neco

CONSERVAÇÃO DE ARTE RUPESTRE EM COMUNIDADE INDÍGENA.....47

Maria Conceição Soares Meneses Lage; Benedito Batista Farias Filho; Pablo Meneses Lage

SIMPÓSIO TEMÁTICO 02 – ARQUEOLOGIA HISTÓRICA NO ESPAÇO REGIONAL: ABORDAGENS, TEMAS E PESQUISAS.....53

A *TRAM-ROAD NAZARETH* SOB O OLHAR DA ARQUEOLOGIA INDUSTRIAL.....54

Fabiana Comerlato; João Vitor dos Santos e Santos

MATERIALIDADE EX-VOTIVA NO PIAUÍ: ESTUDO COMPARATIVO DAS NARRATIVAS E OBJETOS DA TOCA DO CRUZEIRO (CORONEL JOSÉ DIAS), CEMITÉRIO DOS ANJOS (SÃO BRAZ DO PIAUÍ) E IGREJA DO SENHOR DO BOMFIM (DIRCEU ARCOVERDE)60

Marisa Lima Miranda Sousa; Alencar Miranda de Amaral

A MATERIALIDADE DOS GARIMPOS NA FORMAÇÃO DA CHAPADA VELHA, NO ESTADO DA BAHIA.....74

Luiz Antonio Pacheco de Queiroz

CONEXÕES ENTRE CULTURA MATERIAL E MEMÓRIA SOCIAL NO SEMIÁRIDO PIAUIENSE: A INDUMENTÁRIA DOS VAQUEIROS DA COMUNIDADE DE QUEIMADINHA, MUNICÍPIO DE SÃO RAIMUNDO NONATO-PI.....76

Amanda Paes Landim Silva; Leandro Elias Canaan Mageste

CARTA DE ZONEAMENTO ARQUEOLÓGICO SUBAQUÁTICO DO RIO POTENGI (SÉCULO XVII)92

Anne Noemi França Miranda

UM OLHAR ARQUEOFAUNÍSTICO SOBRE CASAS DE FAZENDA NO SERIDÓ NORTE-RIOGRANDENSE, SÉCULOS XVIII AO XX.....96

Kathelly Rayssa Vital



MOLDADAS PARA GUERRA: UMA PROPOSTA DE ESTUDO DA APLICAÇÃO DA ARQUITETURA MILITAR EM TERRA EM SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS NO NORDESTE DO BRASIL.....99

Lucas Alves das Rocha; Izabela Pereira de Lima; Henry Sócrates Lavalle Sullali

SIMPÓSIO TEMÁTICO 03 – GÊNERO E ARQUEOLOGIA: O QUE MUDAMOS DESDE 2020? PERSPECTIVAS DESDE O NORDESTE..... 102

ARQUEOLOGIA NO CEMITÉRIO DE SANTO AMARO, RECIFE/PE: UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES INFANTIS PRESENTES NA ARTE FUNERÁRIA DOS JAZIGOS (1851 - 1930).....103

Luís Filipe Harten Nogueira

O CEMITÉRIO DOS INGLESES EM SALVADOR, BAHIA: DOCUMENTAÇÃO DA ARTE E ARQUITETURA CEMITERIAL.....109

Fabiana Comerlato; Laiane Nunes Lima

SIMPÓSIO TEMÁTICO 04 – ENTRE A AMAZÔNIA E O SERTÃO: ENSINO, PESQUISA, LICENCIAMENTO E GESTÃO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO NO MARANHÃO.....115

UMA EXPERIÊNCIA NO SALVAMENTO ARQUEOLÓGICO MECANIZADO NA ILHA DE SÃO LUÍS.....116

Fernanda Lopes Viana; Welington Lage

ACHADOS ARQUEOLÓGICOS EVIDENCIAM PRESENÇA HUMANA E EVENTOS NA CHÁCARA ROSANE EM SÃO LUÍS, MARANHÃO.....119

Welington Lage; Heralda Kelis Sousa Bezerra da Silva; Daniel Ribeiro da Silva

SIMPÓSIO TEMÁTICO 05 – DOS VIVOS AOS MORTOS: ABORDAGENS EM BIOARQUEOLOGIA..... 124

REGISTRO 3D: A IMPORTÂNCIA DA FOTOGRAMETRIA PARA A PRESERVAÇÃO DIGITAL DE ACERVO ARQUEOLÓGICO..... 125

Flávio Augusto de Aguiar Moraes; Henrique Correia da Silva; Tatiane Maria Soares

QUE O CEMITÉRIO NOS CONTA? O DESENVOLVIMENTO DA CIDADE DE SÃO RAIMUNDO NONATO/PI NO SÉCULO XX SOB A ÓTICA CEMITERIAL.....133

Danielle Pinto Viana; Jaciara Andrade Silva

BIOARQUEOLOGIA EM FOCO: UM RECORTE DA ARQUEOLOGIA NORDESTINA.....136

Karla Freitas Oliveira

ARQUEOLOGIA DA MORTE: ESTUDOS DE CASO SOBRE A MATERIALIDADE PRESENTE NOS REGISTROS FUNERÁRIOS..... 139

Melissa Jéssica Beleza Souza; Diógenes Santos Saldanha

ANÁLISE BIOARQUEOLÓGICA DE CONTEXTOS FUNERÁRIOS NO PIAUÍ.....142

Ana Luzia Pinheiro de Freitas; Claudia Minervina Souza Cunha

ESPAÇOS PARA OS VIVOS E ESPAÇOS PARA OS MORTOS: SÍTIOS COM REMANESCENTES HUMANOS E SUAS DIVERSIDADES ARTEFATUAIS EM CAMALAUÁ/PB.....145

Silvana Moreira da Silva; Jaciara Andrade Silva

SIMPÓSIO TEMÁTICO 06 – TECNOLOGIA LÍTICA PARA QUE? OS RUMOS DOS ESTUDOS LÍTICOS NO NORDESTE DO BRASIL.....153



REFLEXÕES ECONÔMICAS SOBRE A INDÚSTRIA DE ADORNOS EM CAULINITA SILICIFICADA DO SÍTIO PRAÇA DE PIRAGIBA.....154
Juliana de Resende Machado

TECNOLOGIA LÍTICA E ABORDAGEM TECNOFUNCIONAL: ESTUDO DOS ACERVOS LÍTICOS DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS BOQUEIRÃO E JERUSALÉM I, MUNICÍPIO DE LAJES – RN....158
Maria de Lourdes Oliveira Monteiro; Waldimir Maia Leite Neto

NA MARGEM DO RIO AMARGOSO: ESTUDO DA TECNOLOGIA LÍTICA DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO PENDÊNCIAS II, RIO GRANDE DO NORTE/BRASIL.....161
Anne Noemi França Miranda



SIMPÓSIO TEMÁTICO 07 – PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS COM ENFOQUE AMBIENTAL NO NORDESTE BRASILEIRO: ESPAÇOS E SABERES164

A ARTE RUPESTRE DO VALE DO RIACHO DOS POÇÕES: UMA PERSPECTIVA AMBIENTAL NO ESTUDO DE PINTURAS E GRAVURAS PRÉ-COLONIAIS NA BORDA SUL DA CHAPADA DIAMANTINA, BAHIA, BRASIL.....165
Róbson Bonfim de Caires; Carlos Alberto Santos Costa; Albérico Nogueira de Queiroz

SIMPÓSIO TEMÁTICO 09 – A GESTÃO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO NO LICENCIAMENTO AMBIENTAL.....175

A VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO EM LOCALIDADES DE CAIRU, BAHIA.....176
Luiz Pacheco de Queiroz; Railson Cotias da Silva

A GESTÃO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO NO BRASIL: UMA ANÁLISE DOS DISPOSITIVOS LEGAIS.....178
Beatriz Costa Paiva; Milena Duarte de Oliveira Souza; Rúbia Nogueira de Andrade Malheiros

SIMPÓSIO TEMÁTICO 10 –ARQUEOLOGIA, SABERES E EDUCAÇÃO: DIÁLOGOS E EXPERIÊNCIAS.....182

COLEÇÃO, COLECIONADORA, MUSEU: UMA PESQUISA ACERCA DO MUSEU DO SERTÃO ANTÔNIO COELHO EM REMANSO – BA.....183
Andreiza Oliveira Silva; Leandro Elias Canaan Mageste

CURSOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA ONLINE: A EXPERIÊNCIA DO GRUPO DE ESTUDOS ARQUEOLOGIA DO OESTE DA BAHIA.....197
Fernanda Liborio Ribeiro Simões

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL EM TEMPO DE PANDEMIA: UMA EXPERIÊNCIA NO LICENCIAMENTO AMBIENTAL NO MUNICÍPIO DE ITAPARICA-BAHIA.....200
Luis Felipe Freire Dantas Santos; Jéssica Lene de Costa Mello; Tiago Vasconcelos

A EXPERIMENTAÇÃO ARQUEOLÓGICA COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA.....204
Lilian Panachuk; Sara Toja

UM PARQUE PARA PRESERVAR: LEVANTAMENTO E APONTAMENTOS ACERCA DAS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NO PARQUE METROPOLITANO ARMANDO DE HOLANDA CAVALCANTI, CABO DE SANTO AGOSTINHO-PE (2015-2022)207
Izabela Pereira de Lima; Lucas Alves da Rocha; Henry Sócrates Lavalle Sullali

SIMPÓSIO TEMÁTICO 11 –ARQUEOLOGIA DIGITAL.....211

BANCO DE DADOS SOBRE CONTEXTOS FUNERÁRIOS DO PIAUÍ.....212
Ana Luzia Pinheiro de Freitas; Francisco Rodrigo Parente da Ponte; Claudia Minervina Souza Cunha

BIOARQUEOLOGIA NA ERA DA TECNOLOGIA: ACERVOS DIGITAIS COMO FERRAMENTA DE PRESERVAÇÃO E COMUNICAÇÃO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO.....215
Jaciara Pereira Lima; Olivia Alexandre de Carvalho; Gabriela Santana de Carvalho Neves

OS DESAFIOS DE UM SCRIPT EM LINGUAGEM R PARA GEOFÍSICA APLICADA EM ARQUEOLOGIA.....219
Taís Ketlyn de Souza Santos; Larissa Aragão; Leandro Surya

O MAPA COMO ARTEFATO: GEORREFERENCIAMENTO ABSOLUTO APLICADO AO PIAUÍ COLONIAL.....222
Yan Dias Ferreira; Grégoire van Havre

CANUDOS: A GUERRA E SUAS DISPOSIÇÕES ESPACIAIS.....226
Leandro Oliveira Juncken; Leandro Surya

SIMPÓSIO TEMÁTICO 12 –ABORDAGENS METODOLÓGICAS, DOCUMENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO NOS ESTUDOS DE ARTE RUPESTRE NO NORDESTE DO BRASIL.....230

REGISTROS GRÁFICOS NA SERRA DO BODOPIT.....231
Adriana Machado Pimentel de Oliveira

MAPEAMENTO E DISTRIBUIÇÃO DOS SÍTIOS COM SOBREPOSIÇÕES GRÁFICAS NA ÁREA ARQUEOLÓGICA DO SERIDÓ.....235
Nathalia Nogueira; Daniela Cisneiros

ESTUDO DA PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE GRAVURA RUPESTRE NO NORDESTE DO BRASIL.....239
Rafael Alves Moreira Nascimento; Fabiana Comerlato

ESTUDOS DE CASO SOBRE CONSERVAÇÃO DE SÍTIOS DE ARTE RUPESTRE DE DOMÍNIOS GEOLÓGICOS DIFERENTES NO VALE DO CÔA - PT E NA CHAPADA DIAMANTINA – BA, BRASIL.....245
Viviane da Silva Santos; Carlos Alberto Santos Costa; Maria da Conceição Lopes

SIMPÓSIO TEMÁTICO 01:
ARQUEOLOGIA COMO PRÁTICA SOCIAL E INSTRUMENTO
POLÍTICO PARA GRUPOS MARGINALIZADOS

ETNOMAPEAMENTO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS NA TERRA INDÍGENA BARRA DO MUNDAÚ, ITAPIPOCA, CEARÁ

Bianca Araújo Freires¹
biancaaraujo2690@gmail.com

Henry Luydy Abraham Fernandes²
luydy@ufrb.edu.br

10

RESUMO

O povo indígena Tremembé da Terra Indígena Barra do Mundaú possui em seu território sítios arqueológicos que vêm sendo constantemente saqueados por não indígenas. A localização dos sítios através do etnomapeamento pode ser pensada como uma estratégia para a proteção dos mesmos.

Palavras-chaves: Etnomapeamento; TI Barra do Mundaú; Tremembé; sítios arqueológicos.

INTRODUÇÃO

O presente estudo é referente a uma proposta metodológica a ser adotada na pesquisa sobre a relação do povo Tremembé da Terra Indígena (TI) Barra do Mundaú com os Sítios Arqueológicos (SA) situados em seu território. Trata-se da realização de um etnomapeamento cuja finalidade é localizar os SA e entender de que forma os sítios influenciam na construção e reconstrução da etnicidade do povo Tremembé. Adota-se como abordagem teórica o uso da etnoarqueologia sob a perspectiva da Arqueologia do Presente proposta por Gonzalez-Ruibal (2009), que a define como uma Arqueologia menos colonial preocupada em compreender as culturas locais em seu contexto histórico e seus problemas políticos no presente.

ETNOMAPEAMENTO DA MORADA DOS POVOS ANTIGOS

¹ Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB.

² Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB.

A TI Barra do Mundaú está localizada no município de Itapipoca, a 130 km de Fortaleza. A TI possui 3.580 hectares e é formada pelas aldeias: São José, Buriti de Baixo, Buriti do Meio e Munguba (ADELCO, 2017). Além das aldeias, a TI reúne ampamentos e moradas dos povos antigos. No geral, SA com material lítico lascado, fragmentos cerâmicos e malacofauna.

Os SA apresentam fatores de destruição natural e antrópico. Por serem motivos de maior preocupação para os Tremembé, destacam-se aqui os principais fatores antrópicos: passagem de veículos sobre os SA e a invasão de não-indígenas que saqueiam os sítios retirando peças sem autorização com a finalidade de formar coleções de museus particulares. Em vista disto, os Tremembé têm demandado a execução de medidas de proteção desses espaços. Assim, pensa-se como uma estratégia a construção de um etnomapa localizando os SA situados na TI Barra do Mundaú.

Através do etnomapa é possível conhecer o saber tradicional geográfico indígena e compreender como essas representações podem manifestar suas identidades (MACHADO, 2014). Compreende-se que a indicação dos SA pelos Tremembé e o discurso construído em torno desses lugares revelará de que forma os sítios são entendidos como morada dos seus antepassados e como sua história encontra-se vinculada a esses espaços.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atentando-se às demandas das comunidades tradicionais, entende-se que a utilização de diferentes ferramentas metodológicas na Arqueologia contribui para a construção de uma ciência menos colonial e politicamente mais engajada.

Acredita-se que a construção do etnomapa poderá reiterar a importância da preservação dos sítios arqueológicos e em consequência, poderá ser utilizado para a reivindicação de políticas favoráveis para a proteção dos mesmos. O etnomapa poderá servir também de instrumento para a reconstrução da história do povo indígena Tremembé que compreende os sítios arqueológicos como pertencentes aos seus antepassados.

REFERÊNCIAS

ADELCO. 2017. **Diagnóstico e estudo de linha de base: projeto fortalecendo a autonomia político-organizativa dos povos indígenas.** Ceará: Adelco/Esplar, 180 p.

GONZALEZ-RUIBAL, A. 2009. De la etnoarqueología a la Arqueología del presente. In: SALAZAR, J.; DOMINGO, I; ASKARRÁGA, J; BONET, H. (Org.). **Mundos tribales: uma visão etnoarqueológica.** Valencia: Museo de Prehistoria, p. 16-27.

MACHADO, M. C. Mapeamento cultural e gestão territorial de terras indígenas: o uso dos etnomapas. 2014. 119 f. **Dissertação (Mestrado em Geografia)** - Programa de Pós-Graduação em Geografia do Departamento de Geografia, Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, Brasília.

ENSINO DE ARQUEOLOGIA NO PIAUÍ: PROVOCAÇÕES DECOLONIAIS A PARTIR DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO

Gabriela Monteiro³

gabrieladeandrademonteiro@gmail.com

Leandro Mageste⁴

leandro.mageste@univasf.edu.br

13

RESUMO

Nesse trabalho, buscamos analisar o surgimento e desdobramentos das graduações em Arqueologia no estado do Piauí, particularmente os cursos de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), em São Raimundo Nonato e de Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre da Universidade Federal do Piauí (UFPI), em Teresina. Nosso interesse com a empreitada é evidenciar as transformações nas formas de fazer e ensinar a Arqueologia, considerando suas repercussões nos processos de produção de conhecimento. Para isso, partiremos dos contextos históricos e políticos relacionados com as propostas de expansão do ensino superior, com a interiorização das universidades, a aplicação da Lei de Cotas e o ingresso de novos públicos no espaço acadêmico. No exame desses quadros, temos nos pautado em referenciais da crítica decolonial, entendida como uma vertente teórica e metodológica fruto de um movimento político de resistência e ruptura epistemológica às práticas e teorias coloniais, ocidentais, modernas e eurocêntricas. Tal postura nos permite problematizar quais sentidos de Arqueologia estão sendo produzidas nesses contextos acadêmicos, em termos de teorias, métodos e posicionamentos políticos explicitamente adotados? A expansão do ensino superior culminou de fato em processos mais democráticos de produção de conhecimento, considerando as transformações no perfil de cursos, discentes e docentes? Para respondermos a essas questões temos empreendido levantamentos bibliográficos e documentais, focados na coleta e tratamento de informações sobre a Univasf e a UFPI: os trabalhos de conclusão de curso, os perfis de docentes e discentes, assim como os Projetos Pedagógicos dos Cursos. Nessa direção, pudemos perceber uma expansão nas linhas de pesquisa voltadas para comunidades e diferentes construções patrimoniais, enfatizando temporalidades recentes, em contraponto às perspectivas mais atreladas com a ideia de um passado remoto, práticas de escavação e análises técnicas. Ao nosso ver, essas modificações vêm ocorrendo em razão de tensionamentos entre perspectivas teóricas e metodológicas, modelos de universidade e a entrada de estudantes de diversas origens no espaço acadêmico, com demandas e expectativas para além dos aspectos puramente científicos e positivistas do sistema educacional colonial. Frente este cenário, tem sido possível identificar possibilidades de desobediência epistêmica, que culminam no desenvolvimento de múltiplas arqueologias.

Palavras- chave: Ensino de Arqueologia; Graduação; Piauí; Crítica decolonial.

³ Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF.

⁴ Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho é derivado do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Bacharelado em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco (MONTEIRO, 2020) e da minha dissertação de mestrado em Arqueologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), que vem sendo desenvolvida desde 2021.

O meu objetivo principal neste trabalho é evidenciar e entender as transformações nas formas de fazer e ensinar a Arqueologia, com base no contexto acadêmico da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf) e da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Nessas instituições públicas estão localizados os cursos de graduação em Arqueologia do estado, sendo o primeiro na região do semiárido piauiense, em São Raimundo Nonato, inaugurado em 2004; e o segundo na capital, Teresina, implantado em 2008. Procurarei entender parte da construção da Arqueologia no Piauí, considerando o funcionamento dos cursos, a partir de marcadores como: o perfil docente e discente, o histórico de criação das graduações, os temas de pesquisa e referenciais teóricos e metodológicos elaborados, em consonância com a própria história do ensino superior em Arqueologia no país, sob a ótica da crítica decolonial.

A perspectiva teórica decolonial apresenta como um dos seus objetivos, a reflexão sobre os processos de produção de conhecimento e seus efeitos políticos no mundo. Isto é, considera as relações de dominação, constrangimentos e negociações que demarcam as realidades configuradas, historicamente, por diversas formas de colonização, com consequências e tecnologias que persistem na contemporaneidade (QUIJANO, 2005). Desse modo, por meio dessa perspectiva, pretendo contribuir para a escrita de uma história mais recente da Arqueologia no Piauí, explicitando seus vieses teóricos, metodológicos e políticos, bem como ressaltar o papel dos discentes e docentes na produção de epistemologias.

Previamente, observamos pesquisas atuais e críticas sobre a temática do ensino de Arqueologia no Brasil feitas por Mesquita (2015), Silva (2016), Gaspar *et al* (2020), Monteiro (2020) e Mageste e Amaral (2022), que vislumbram no contexto universitário cenários propícios para a produção de arqueologias plurais, com problematizações políticas explícitas e aproximações com temas contemporâneos, não restringindo a Arqueologia a um estudo sobre o passado remoto e sem vínculo com a sociedade atual.

Todo esse cenário permite hipotetizar a respeito das modificações nos sentidos de Arqueologia, a partir de tentativas incipientes de democratização do conhecimento e da interiorização das universidades.

Nesse primeiro momento, realizei uma análise bibliométrica prévia sobre os TCC's que remetem a uma forma de fazer Arqueologia politizada, social e decolonial – o que denominei como Arqueologia Social e Indisciplinada, partindo das hipóteses desferidas por Monteiro (2020), Mageste *et al* (2020) e Mageste e Amaral (2022). Para isso, me utilizei do conceito de Arqueologia Indisciplinada de Haber (2011), que se trata de uma alternativa de reformulação da disciplina através das seguintes mudanças: considera a Arqueologia subjetiva ao invés de objetiva; não é voltada para os objetos, mas para as relações intersubjetivas; é caracterizada pela produção de locais de fala, e não de conhecimento científico; deixa de ser orientada para resultados; e não pretende gerar transformações nos outros, mas em si mesma, através de uma postura contra hegemônica e subversiva.

15

OS PRIMEIROS OLHARES SOBRE OS CURSOS DA UNIVASF E DA UFPI

Foram coletadas as seguintes informações sobre os cursos de Arqueologia da Univasf e da UFPI, em seus respectivos sites e repositórios institucionais: nome do curso, centro e departamento, ano de criação, áreas de concentração e linhas de pesquisa; nome do docente, graduação, local de formação e áreas de pesquisa; naturalidade do discente, ano de ingresso, ações afirmativas e situação acadêmica; título da monografia, resumo, palavras-chave, temática e ano.

Para a classificação das monografias foram criados previamente cinco grandes grupos temáticos, inspirados na classificação proposta no trabalho de Mageste e Amaral (2022): Arqueologia do Passado Remoto; Arte Rupestre; Arqueologia Histórica; Arqueologia Social e Indisciplinada; e Revisão Teórica, Metodológica e Bibliográfica. Vale salientar, contudo, que apesar de termos criados essas categorias, elas não são excludentes, tendo em vista a sua interdisciplinaridade e transdisciplinaridade.

A partir da análise dos dados foi possível perceber uma forte semelhança entre os cursos de Arqueologia da Univasf e da UFPI que vem desde as suas respectivas fundações, que é o vínculo institucional com a região da Serra da Capivara, apesar da

distância geográfica entre os campi. Esse vínculo com a Serra está refletido em 32 monografias da Univasf, mas não foi identificada nenhuma monografia da UFPI com esse recorte, algo que buscaremos esclarecer mais à frente.

Sobre a categoria Arqueologia Social e Indisciplinada, que será o foco da Análise do Discurso (AD) a ser feita na segunda etapa da dissertação, ela apareceu em maior número na Univasf: 33 monografias, sendo o maior quantitativo em relação às outras categorias, enquanto na UFPI ela apareceu em 24 trabalhos, sendo a categoria mais utilizada a de Arqueologia Histórica, aparecendo em 38 monografias.

Vale salientar que na Univasf houve um equilíbrio no quantitativo de trabalhos de cada categoria, tendo em vista que Arqueologia Histórica, Arte Rupestre e Revisão Teórica, Metodológica e Bibliográfica tiveram o mesmo número: 32 trabalhos, enquanto a categoria Arqueologia do Passado Remoto foi a menos utilizada, aparecendo em 24 monografias. Na UFPI os quantitativos também foram semelhantes, exceptuando-se a categoria de Arqueologia Histórica: Arqueologia do Passado Remoto (23), Arte Rupestre (26) e Revisão Teórica, Metodológica e Bibliográfica (26).

Com relação aos primeiros docentes que lecionaram em cada instituição, na Univasf a maior parte dos docentes têm como foco principal os estudos sobre os períodos pré-históricos, apenas três possuem pesquisas voltadas para períodos presentes. Enquanto na UFPI, as temáticas pesquisas pelos primeiros docentes eram mais diversificadas, tendo inclusive um docente com pesquisa na área da Pedagogia.

Já nos perfis dos docentes atuais, na Univasf há cinco docentes com pesquisas focadas em comunidades atuais, enquanto na UFPI foram percebidas temáticas sociais no currículo de três professoras, com destaque para uma que pesquisa na área de Educação Diferenciada Indígena, temática ainda pouco explorada dentro das Arqueologias Sociais e Indisciplinadas, e que dialoga com o pensamento decolonial, por ter como foco um grupo social minoritário e que sofre diretamente e historicamente os danos dos processos de colonizações atuais e remotos.

Por fim, a análise das ações afirmativas utilizadas pelos ingressantes em Arqueologia de ambas as instituições nos mostrou o predomínio do uso das cotas raciais, o que evidencia a diversificação étnica propiciada pela política de cotas, o que vem acontecendo não apenas nos cursos de Arqueologia, mas em todas as instituições de ensino público brasileiras, visto como uma consequência da ampliação do acesso às

universidades, propiciadas pela adoção do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), da Lei de Cotas e da condução de políticas institucionais de assistência e manutenção estudantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse primeiro momento, já pudemos perceber que a Univasf vem se destacando em comparação com a UFPI com relação ao maior emprego da temática Arqueologia Social e Indisciplinada nas monografias de graduação. Diante disso, considero a importância de realizarmos análise mais apurada, com um olhar mais crítico e mais conectado com a proposta decolonial, algo que será possibilitado pelo emprego da metodologia da Análise do Discurso. Após essa análise acredito ser possível visualizarmos mais claramente as mudanças que veem acontecendo no ensino de Arqueologia no Piauí, e também no estabelecimento dos limites e abrangências teóricas, metodológicas e sociais dessa disciplina.

REFERÊNCIAS

GASPAR, M.; CAROMANO, C.; PEREIRA E.; BRANDÃO, K.; BELLETTI, J.; FREITAS, A.; PASSOS, L.; LIMA, M.; TAMANAHA, E.; CASCON, L.; BIANCHINI, G.; CABRAL, M.; WICHERS, C.; BEZERRA, M. 2020. Quem somos nós? Ou perfis da comunidade profissional arqueológica no Brasil: primeiras aproximações. **Revista Habitus**, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 146-178. DOI: <http://dx.doi.org/10.18224/hab.v18i1.8104>. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/8104>. Acesso em: 21 dez. 2020.

HABER, A. 2011. Arqueologia, Fronteira e Indisciplina. **Revista Habitus**, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 5-16. DOI: <http://dx.doi.org/10.18224/hab.v9.1.2011.5-16>. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/2203>. Acesso em: 09 jun. 2022.

MAGESTE, L. AMARAL, A. 2022. As Arqueologias Afetivas na produção discente da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF): desdobramentos históricos e interfaces teóricas na construção da Arqueologia no Sudeste e Sudoeste do Piauí. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum.**, Belém, v. 17, n. 2, p. 1-33. DOI: <https://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2020-0115>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/FnyCNmj8yhJgzJL9fhH5bhM/>. Acesso em: 04 out. 2022.

MAGESTE, L.; MACÊDO, G.; PAES, E.; SANTOS, C. 2020. As arqueologias de São Braz do Piauí: apontamentos iniciais sobre as narrativas e usos dos bens arqueológicos no presente. **Cadernos do Lepaarq**, Pelotas, v. 17, n. 34, p. 164-182. DOI: <https://doi.org/10.15210/lepaarq.v17i34.19412>. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/article/view/19412/0>. Acesso em: 14 jul. 2022.

MESQUITA, L. C. A. 2015. **A Formação do Arqueólogo na Amazônia: das Confusões à Graduação**. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Sociais – Universidade Federal do Pará, Belém.

MONTEIRO, G. de A. 2020. Escavando Assimetrias na Arqueologia do Nordeste do Brasil: a dicotomia material x social em destaque. **Monografia** (Graduação em Arqueologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

QUIJANO, A. 2005. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: Edgardo Lander (Org.), *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais Perspectivas latino-americanas*, p. 107-126, **Colección Sur Sur, Buenos Aires**: CLASCO. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 24 mai. 2021.

SILVA, T. R. V. da. 2016. Refletindo Arqueologia: em busca de uma relação descolonizante com a Comunidade Indígena Tremembé de

Almofala (CE). **Monografia** (Graduação em Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre) – Centro de Ciências da Natureza – Universidade Federal do Piauí, Teresina.



O MUSEU DO ANTIGO ZABELÊ: UM ESTUDO A PARTIR DA ARQUEOLOGIA PÚBLICA E MUSEOLOGIA SOCIAL

Maria Alda da Silva Braga⁵
mariaaldabraga05@gmail.com

Leandro Elias Canaan Mageste⁶
leandromageste@gmail.com

20

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo apresentar e discutir a implantação de um museu comunitário dentro da localidade Novo Zabelê, que fica no município de São Raimundo Nonato PI. O Novo Zabelê é uma comunidade criada a partir dos remanescentes de uma antiga localidade chamada de Zabelê. Essa antiga comunidade foi desalojada de suas terras, por integrar o perímetro da área demarcada para compor o Parque Nacional Serra da Capivara. Anos depois, parte do grupo foi reestabelecido em um novo local, que é o Novo Zabelê. Nessa nova área foi criado um museu no ano de 2018, que busca apresentar as narrativas do “Antigo Zabelê”. Desse modo, o que buscamos nessa pesquisa foi entender melhor as relações entre o museu, a história da comunidade e o “Antigo Zabelê”, considerando o museu como um vetor de memórias dentro da comunidade, que se relaciona com os efeitos gerados pelos processos de institucionalização da Arqueologia na região. As bases teóricas que utilizamos são os vieses da Arqueologia Pública e da Museologia Social, por serem duas abordagens que discutem as relações de patrimônio e memória dentro de uma perspectiva social e crítica. Em termos metodológicos, adotamos a realização de levantamentos bibliográficos e imagético, bem como entrevistas semiestruturadas com as pessoas da comunidade, incluindo parte daquelas que estão envolvidas na organização e funcionamento do museu. Com os dados coletados acreditamos que o Museu do Antigo Zabelê constitui um espaço criado para materializar no presente um lugar afetivo, articulando memórias, experiências e possibilidades de futuros.

Palavras-chaves: Museu do Antigo Zabelê; Arqueologia Pública; Museologia Social; Museu Comunitário.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por finalidade apresentar a pesquisa realizada acerca da criação de um museu comunitário, que é o Museu do Antigo Zabelê. Esse museu foi

⁵Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF.

⁶Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF.

criado por membros da comunidade Novo Zabelê, localidade essa onde reside parte dos antigos moradores de uma antiga comunidade chamada de Zabelê.

A respeito da origem da comunidade Zabelê, sabe-se que foi uma comunidade que surgiu no ano de 1902, sendo criada pelos netos do senhor Vitorino Dias Paes Landim, que era um criador de gado. Ao chegar na região piauiense, formou algumas fazendas e constituiu uma família. Com isso, as terras foram passadas entre gerações até chegar nas pessoas que moravam na área na época de constituição do Parque Nacional Serra da Capivara (GODOI, 1993).

A estrutura da comunidade era composta pelas casas, as roças, a igreja, uma escola, um açude e um campo de futebol. O sustento provinha do trabalho com a roça – agricultura familiar – e a caça de animais silvestres. Afinal, era por meio daquele ambiente que eles coletavam os alimentos para sua sobrevivência (SOUSA, 2009). Na parte cultural da localidade, tinham-se as festividades, crenças, histórias que eram celebradas/contadas pelos moradores da época, praticavam a festa do reisado, as novenas que celebravam na igreja local, os momentos de lazer no campo de futebol e a oralidade sobre os indígenas e a “conquista das terras pelo “veio” ou “bisavô” Vitorino.

A vida dessa comunidade começa a mudar na década de 1960, quando vem para a região piauiense a Missão Franco Brasileira, que nesse primeiro momento vem para verificar a existência dos sítios arqueológicos que continham na área. Contudo, os desenvolvimentos dos trabalhos arqueológicos só passam a acontecer em 1970. Nessas primeiras prospecções e escavações, as comunidades do entorno passam a serem guias dos pesquisadores os levando até os sítios arqueológicos e participando também de dos trabalhos (OLIVEIRA, 2015).

Contudo, após o levantamento geral de todo o potencial arqueológico, foi realizado o pedido para que aquele local se transformasse em área de proteção ambiental. E assim se sucedeu e criou-se o Parque Nacional Serra da Capivara, em 5 de junho de 1979 (OLIVEIRA, 2015). Ao ser delimitado a área que o parque abrangeria, a comunidade Zabelê estava no centro dessa delimitação. Assim, toda a comunidade teria que sair das suas terras, além de outras comunidades que também foram desapropriadas. Para as pessoas saírem de suas terras não foi um processo fácil, houveram muitas divergências e conflitos entre a comunidade local e os pesquisadores. Porém, de acordo com a Lei Federal nº 9.985/00, é proibida moradias dentro de uma área de proteção

ambiental. A comunidade Zabelê foi desapropriada em 1988 (OLIVEIRA E BORGES, 2015). Esse foi um processo doloroso para as pessoas da comunidade que até os dias atuais ainda é uma ferida não cicatrizada.

Após saírem das suas terras, as pessoas que viviam no Zabelê passaram dez anos sem ter uma local para morar. Muitos tiveram que “se virar” para conseguir sobreviver e outros foram embora da cidade, para outros estados, como Brasília e São Paulo. Somente em 1997 a população do Zabelê foi realocada em uma nova terra. Em apego ao seu antigo local de moradia, eles preservaram o nome Zabelê, chamando o assentamento de Novo Zabelê. (SOUSA, 2009).

É nessa conjuntura que surge o nosso contexto de estudo, o Museu do Antigo Zabelê, criado em 2018. O nosso objetivo foi de analisar o processo de formação e atuação do museu comunitário na localidade do Novo Zabelê, buscando entender como esse acervo se relaciona com a construção da memória social e os diferentes sentidos para patrimônio cultural. Esse museu foi criado pelos moradores locais em conjunto com o arqueólogo Iderlan Sousa que também é da comunidade.

O museu conta com acervos que foram doados pelas pessoas da comunidade, além de fotografias e objetos que faziam parte da antiga localidade. A primeira sede do museu foi numa “casinha”. No momento, o museu encontra-se em processo de elaboração de uma nova estrutura.

METODOLOGIA

O procedimento metodológico empregado nesta pesquisa teve como finalidade compreender a construção do museu comunitário, conferindo atenção para suas narrativas e estratégias de musealização. Para isso adotamos as seguintes estratégias de coletas de dados: primeiro realizamos levantamento bibliográfico, documental e imagético. Segundo, aplicamos o questionário de entrevista, coletando os relatos orais das pessoas da comunidade, tanto as que estavam engajadas dentro do museu como as que estavam por fora e também fazer uma análise do museu dentro do seu espaço físico. Vale frisar que devido à pandemia da COVID-19, precisamos adequar à realização da pesquisa dentro de um cenário de home-office, adotando procedimentos de entrevista a distância (BRAGA, 2021).

A primeira etapa realizada foi o levantamento bibliográfico, que foi necessário procurarmos trabalhos dentro dessa temática da comunidade Zabelê, para poder contextualizar os dados de fontes escritas e documentos com informações sobre o passado da comunidade. Já para o banco de dados imagéticos, efetuamos buscas no acervo do IPHAN- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, além de contar com imagens cedidas por algumas pessoas que estavam envolvidas com o museu. Além disso, nos aprofundamos teoricamente nos aspectos da Arqueologia Pública e Museologia Social.

23

Na segunda etapa, foi realizada a aplicação do questionário para as pessoas, que devido às restrições da pandemia, não puderam ser acessadas pessoalmente. Desse modo, desenvolvemos a estratégia de fazer as entrevistas de modo online, utilizando as mídias digitais. Esse tipo de método de coleta de dados através de plataformas digitais tem sido utilizado nos últimos tempos devido ao avanço tecnológico. Dentro de um cenário de isolamento social, essa foi a forma mais segura de conversar com as pessoas.

Alguns autores refletiram acerca desse método em suas pesquisas como, por exemplo, os trabalhos de León e Souza (2016), que trazem uma reflexão sobre o uso de questionário online e seus pontos positivos e negativos. Mais recentemente, temos os trabalhos de Santhiago e Magalhães (2020), que apresentam uma discussão sobre entrevistas online dentro de um contexto de pandemia. A aplicação desse método funciona da seguinte maneira, o pesquisador precisa escolher qual rede social vai fazer uso e se aquele grupo de estudo tem acesso a essa tecnologia e, assim, pensar nas maneiras de conduzir a entrevista.

Assim, dentro desta pesquisa escolhemos utilizar a rede social WhatsApp. O motivo da escolha, pelo aplicativo WhatsApp, foi por ser uma ferramenta de mensagens instantâneas que grande parte da população atualmente tem acesso. Dentro do aplicativo WhatsApp é possível mandar áudio de voz, mensagens de texto, fazer ligações de videoconferência ou criação de grupo com mais de uma pessoa (WHATSAAP, 2019). Levando em consideração que nem todas as pessoas possam ter acesso à internet, estabelecemos um recorte de quais seriam as pessoas entrevistadas para esse estudo. Porém, acreditamos que este obstáculo não inviabiliza a utilização da ferramenta, pois mesmo se as entrevistas fossem presenciais, haveria um recorte das pessoas selecionadas, já que o pesquisador não consegue entrevistar toda a comunidade.

Ao todo foram convidadas para participar das entrevistas dez pessoas. Dentro das pessoas selecionadas, ainda assim, teve apenas uma que não possuía acesso a essas redes sociais. Contudo, buscamos outro meio para conseguir entrevistá-la, pois, essa pessoa é peça chave tanto dentro da comunidade Zabelê (antigo e novo) como dentro do museu. Com isso, uma das participantes se disponibilizou a ir entrevistar essa pessoa que não tinha internet, pelo fato que os dois moravam próximos e estavam atravessando o período de isolamento juntos.

Entre as outras nove pessoas que tinha acesso as redes sociais, todas elas receberam nos seus WhatsApp uma mensagem de convite e a explicação do que se tratava a esta pesquisa. Após todos sinalizarem que aceitavam participar, começamos a perguntá-los qual o melhor dia e horário para estarem respondendo às perguntas. Duas dessas pessoas manifestaram o desejo de responder o questionário pelo e-mail, concordamos e após confirmar com cada um o dia e hora de aplicar os questionários, demos início a pesquisa. No entanto, vários desafios foram surgindo, como relataremos no tópico a seguir.

Conforme nos conta Schimidt et.al (2020), as estratégias de coletas de dados online têm suas vantagens e desvantagens, e quando surgem essas modificações no planejamento inicial, devemos fazer uma análise de como resolver essas questões a fim de que não prejudique as necessidades do estudo. Dentro da nossa escolha de conduzir uma pesquisa por WhatsApp, percebemos seus prós e contras, que alteraram cronograma inicial de entrevista.

Entre os dez participantes que aceitaram participar três deles desistiram no meio do caminho. Após isso, procuramos outra pessoa que tivesse interesse em participar, prosseguindo as entrevistas com um total de oito pessoas. Por ser uma entrevista online, não tivemos o controle de saber a que momento as pessoas iriam responder as perguntas, apenas duas retornaram todas as respostas no mesmo momento. Outros começavam a responder e depois ausentava-se para retornar com as respostas no dia seguinte. Uma das entrevistas recebeu o questionário por e-mail e só nos deu retorno das respostas dias depois.

Com essas readequações nas entrevistas, entendemos que isso é uma temporalidade específica do formato de pesquisa virtual, que possibilita também que as pessoas possam pensar antecipadamente em como responder ou até pesquisar as

perguntas, o que não ocorreria em uma entrevista presencial. Conduzir essa pesquisa foi um grande desafio que demandou várias adaptações. Porém, conseguimos atingir os nossos objetivos e seguir com o estudo.

Quanto ao formato online, não se compara com o olhar face a face, com poder escutar de perto os relatos que as pessoas da comunidade têm para nos dizer. Mas, essa alternativa de mesmo em um momento cheio de incertezas e medos ocasionados pela pandemia, foi possível dar andamento na pesquisa e gerar informações iniciais sobre um contexto que pode ser aprofundado em estudos futuros.

25

RESULTADOS

Alguns dos relatos coletados falam sobre o museu e como a própria comunidade o enxergam como uma esperança para que as histórias/memórias sejam perpetuadas para outras pessoas. Abaixo segue algumas narrativas que estão distinguidas entre duas diferentes gerações.

A primeira é a dos idealizadores do museu, pessoas que moraram no Antigo Zabelê e vivenciaram o trauma de ter que sair das suas terras. A segunda parte de narrativas é da geração mais nova, de moradores que já nasceram no Novo Zabelê. Pudemos observar que, nessa nova geração as percepções de histórias consistem nas memórias passadas dos mais velhos para os mais novos, por meio das rodas de conversas. A respeito do Antigo Zabelê nossos colaboradores comentam como eram as práticas culturais do povo do Zabelê e o quanto eles amavam as terras.

“A cultura nossa era a dança, Reisado. Era o que mais o povo gostava era o Reisado e festa junina, era as duas cultura maior. Quando a gente chegou no Novo Zabelê, a gente deu início ao cantar do Reisado, mas aí não deu meio certo porque ficava muito próximo da cidade e ali vinha o bom e o ruim, e por essa causa que vinha muita gente que não agradava o Reisado, aí foi e desistimos, hoje a nossa Reisada tá quase que acabada” (Entrevista concedida por Pedro Alcântara, em 19 de abril de 2021)

“[...] o que eles sempre contaram é que as terras lá eram muito férteis e que eles amavam muito a questão paisagística do lugar. Eles achavam muito lindo o lugar que eles moravam, então tinham um apego muito grande por aquelas terras. E apesar da distância até a cidade de São Raimundo Nonato, que era muito grande, eles nunca pensaram na possibilidade de se mudar” (Depoimento concedido por Amanda Alves, em 28 de abril de 2021).

Já sobre a criação do museu comunitário, todos os nossos entrevistados enxergam esse espaço como uma iniciativa importante. Isto porque o museu traz na sua exposição, os registros que foram marcados pela oralidade, com as lembranças que essas pessoas guardavam do Antigo Zabelê. O museu é visto como um lugar de transmissão de memória para o futuro.

26

“Bom, eu acho importante porque eu gosto de contar histórias. O museu ele não é coisa de chegar lá e ver boniteza igual o Museu da Natureza, mas é um museu de história. A gente apresenta para os turistas que vêm interessados numa história da pessoa que conhece e viu o que aconteceu no Zabelê” (Depoimento concedido por Pedro Alcântara (seu Noca), em 19 de abril de 2021).

“Eu achei de muita importância, porque o que a gente vê nas rodas de conversas, que sempre é dirigida por Seu Noca, então a gente foca muito nele, para ele contar essa história de tudo o que aconteceu naquelas terras e de como saíram de lá. A gente vê assim, que essas histórias podem se acabar, porque seu Noca já está com uma idade bem avançada, né?! E aí pode acontecer desses jovens e outras pessoas não conhecerem essa história e ela se acabar. É por isso que acho muito interessante deixar registrado no museu essa história, para que essas lembranças fiquem registradas e o museu é esse lugar que essas memórias vão ficar guardadas, sendo passadas adiante, porque quando Seu Noca não estiver mais aqui, quem vai contar essas histórias? Quem vai ter essas lembranças e essa oralidade? Então, o museu traz essa possibilidade de repassar isso para outras pessoas” (Depoimento concedido por Máira Alves, em 15 de abril de 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos relatos coletados, pudemos observar que a comunidade tinha e ainda tem um apego muito grande com a localidade do Antigo Zabelê. Para essas pessoas, o museu é uma ferramenta de continuidade da história do povo do Zabelê, que antes era lembrada apenas nas falas das pessoas mais velhas. Hoje, a nova geração de moradores e até mesmo as pessoas que não pertencem a comunidade, podem olhar e experimentar recortes do Zabelê, uma comunidade tão amada por todos os que lá habitaram.

A exposição que existe no museu traz a materialização dessas memórias, que passam a ressignificar esses objetos para falar das boas lembranças, da dor e da saudade. Por fim, concluímos que essa institucionalização da Arqueologia na região de São Raimundo Nonato trouxe benefícios, mas também foi violenta para certa parcela das

peças que moravam na área onde hoje é o parque. Então, o museu do Antigo Zabelê mostra-nos como era a comunidade Zabelê composta de gentes, memórias e resistências.



REFERÊNCIAS

GODOI, P. E de. 1993. O trabalho da memória: Um estudo antropológico de ocupação camponesa no sertão do Piauí. **Dissertação de pós-graduação em Antropologia**. Campinas.

OLIVEIRA, J. de S. 2015. Memória e Patrimônio Arqueológico: Vozes sertanejas na área do Parque Nacional Serra da Capivara. **Dissertação de mestrado** (programa de pós-graduação em Arqueologia). Universidade Federal do Piauí (IFPI).

OLIVEIRA, J. de S.; BORGES, J. F. 2015. **Sociedade, Arqueologia e Patrimônio: As relações de pertencimento da comunidade Zabelê como área arqueológica do Parque Nacional Serra da Capivara (PNSC)**. História Unicap, v.2, n.3, p. 108-121.

SOUSA, M. S. R. de. 2009. O povo do Zabelê e o Parque Nacional Serra da Capivara (PI): conflito socioambiental entre populações tradicionais e gestão de UC de proteção integral. 266 F. **Tese (doutorado)**- Faculdade de Direito, coordenação de Pós- Graduação em Direito, Universidade de Brasília (UNB).

BRAGA, M. A. da S. 2021. O Museu do Antigo Zabelê na perspectiva da Arqueologia Pública e Museologia Social. **Trabalho de Conclusão de Curso** (bacharelado em Arqueologia). Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).

LÉON, R. T.; SOUZA, J. 2016. **Questionário online e entrevista a distancia como recurso de pesquisa junto a egressos de pós-graduação em educação musical**. In XVII Encontro Regional Sul da ABEM.

SANTHIAGO, R., & de Magalhães, V. B. 2020. Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas á distância. Anos 90: **Revista do Programa de Pós-Graduação em História**, 27.

WHATSAPP. 2019. **Introdução ao Whatsapp Business**. SEBRAE –SP.

PALAZZI, A. SCHIMIDT. & PICCININI, C. A. 2020. Entrevistas online: potencialidades e desafios para coleta de dados no contexto da pandemia de COVID- 19. **Revista Família**, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social, 8 (4), 960- 966.

PATRIMÔNIO DE QUEM E PARA QUE: INVENTÁRIO PARTICIPATIVO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE SÃO RAIMUNDO NONATO – PI

Mayke Lopes dos Santos⁷
mayke.lopes@discente.univasf.edu.br

Mario Rodrigues de Lima Neto⁸
marioarq@gmail.com

Alencar de Miranda Amaral³
alencar.amaral@univasf.edu.br

29

RESUMO

O presente trabalho baseia-se nos dados e resultados do projeto de extensão homônimo que tem por objetivo promover ações com vistas a engendrar reflexões sobre a formulação e valorização do patrimônio cultural no município de São Raimundo Nonato – PI. A metodologia empregada consistiu na pesquisa qualitativa pautada no levantamento bibliográfico-documental e etnográfico. Estas ações auxiliam na realização do inventário participativo dos bens patrimoniais do município envolvendo as comunidades locais e promovem reflexões sobre a formulação e valorização do patrimônio cultural. Ao longo das atividades extensionistas, foram realizadas 35 entrevistas por meio digital (formulário do google e WhatsApp) devido a propagação da Covid 19. Houve grande variedade e diversidade das narrativas e objetos selecionados por nossos colaboradores e colaboradoras. Espaços de convivência social e experiências sobrenaturais, artefatos de uso cotidiano, brinquedos de infância, “reliquias” de famílias e uma grande diversidade de coisas, foram selecionadas por nossos colaboradores quer seja por seu valor afetivo, estético, simbólico, ou por sua correlação com laços de consanguinidade e afinidade, desejos pessoais e trajetórias de vida. Também foi possível realizar a difusão dos bens patrimoniais e das narrativas por publicações de linguagem acessível no Instagram (@patrimoniossaoraimundo) voltado para a divulgação dos objetos que contribuem para a nossa identidade. Estes dados contribuem para a reflexão sobre como as pessoas se conectam com a história desses objetos e nos permitem perceber noções de patrimônio cultural para além do patrimônio arqueológico.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural; Inventário Participativo; Comunidades; Bens Patrimoniais; São Raimundo Nonato – PI.

INTRODUÇÃO

⁷ Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF.

⁸ Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF.

³ Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF.

O presente trabalho baseia-se nos dados e resultados do projeto de extensão homônimo que tem por objetivo promover ações com vistas a engendrar reflexões sobre a formulação e valorização do patrimônio cultural no município de São Raimundo Nonato-PI. Essa proposta surgiu através do projeto “Outros olhares sobre São Raimundo Nonato-PI: construção de narrativas colaborativas e multivocais sobre o patrimônio cultural local”, implementado com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão - PROEX da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, entre os anos de 2017 e 2019.

Foi em 2020 que demos início a estruturação e implementação do projeto “Patrimônio de quem e para que: inventário participativo do patrimônio cultural de São Raimundo Nonato – Pi”. O projeto busca identificar junto à comunidade do município de São Raimundo Nonato – PI os bens patrimoniais locais. “Deste modo, nosso interesse é realizar um inventário participativo dos bens patrimoniais do município que seja um instrumento para divulgação e valorização das identidades locais, bem como das narrativas e saberes tradicionais.” (AMARAL, A. M. et al. 2022, p. 79).

Devido a pandemia e a impossibilidade da realização de atividades presenciais, a coleta de dados ocorreu de forma totalmente não presencial (através do uso de ferramentas digitais) e o público-alvo foi limitado à comunidade acadêmica da UNIVASF - Campus Serra da Capivara. Atualmente, com o quadro vacinal assegurado e com o retorno de atividades presenciais, seguimos com o cronograma do projeto regularmente em 2022. Ainda assim, há divulgação de um formulário digital do projeto para atender as atuais necessidades de distanciamento social e realização de levantamentos etnográficos em campo.

OBJETIVO GERAL

Realizar um inventário do patrimônio cultural município de São Raimundo Nonato – PI através de uma perspectiva multivocal pautada na colaboração e participação de docentes, discentes e membros da comunidade envolvente.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Identificar junto à comunidade envolvente do campus Serra da Capivara os bens patrimoniais locais.
- ✓ Realizar encontros de divulgação e oficinas com os moradores locais com o intuito de capacitar os colaboradores para a realização do inventário participativo.
- ✓ Estabelecer um trabalho colaborativo entre equipe técnica e comunidade.
- ✓ Promover reflexões sobre a formulação e valorização do patrimônio cultural município de São Raimundo Nonato – PI
- ✓ Organizar exposições com alguns dos bens patrimoniais inventariados por nossos colaboradores.
- ✓ Divulgar os resultados do inventário em ambientes virtuais de fácil e amplo acesso (Instagram).

31

MÉTODO

A abordagem metodológica empregada consistiu na pesquisa qualitativa pautada no levantamento bibliográfico-documental e etnográfico. Também foram realizadas entrevistas ao longo das atividades extensionistas por meio digital (formulário do google e WhatsApp) devido a propagação da Covid 19 durante as primeiras etapas do cronograma do projeto. Além disso, foram utilizadas as diretrizes presentes no manual de aplicação do Iphan sobre “inventários participativos” (IPHAN, 2016) que:

“Constitui-se, antes, numa ferramenta de Educação Patrimonial com objetivos principais de fomentar no leitor a discussão sobre patrimônio cultural, assim como estimular que a própria comunidade busque identificar e valorizar as suas referências culturais.” (IPHAN, 2016, p. 5)

Estas ações auxiliam na realização do inventário participativo dos bens patrimoniais do município envolvendo as comunidades locais “como protagonista para inventariar, descrever, classificar e definir o que lhe discerne e lhe afeta como patrimônio, numa construção dialógica do conhecimento acerca de seu patrimônio cultural” (IPHAN,

2016, p. 5) para promover reflexões sobre a formulação e valorização do patrimônio cultural.

RESULTADOS

Houve grande variedade e diversidade das narrativas e objetos selecionados por nossos colaboradores e colaboradoras. Espaços de convivência social e experiências sobrenaturais, artefatos de uso cotidiano, brinquedos de infância, “reliquias” de famílias e uma grande diversidade de coisas, foram selecionadas por nossos colaboradores quer seja por seu valor afetivo, estético, simbólico, ou por sua correlação com laços de consanguinidade e afinidade, desejos pessoais e trajetórias de vida.

Também foi possível realizar a difusão dos bens patrimoniais e das narrativas por publicações de linguagem acessível no Instagram (@patrimoniossaoraimundo) voltado para a divulgação dos objetos que contribuem para a nossa identidade. Apesar dos impactos causados pela pandemia recentemente, alcançamos resultados com a aplicação de uma abordagem vinculada a pesquisa qualitativa (pesquisa bibliográfica e levantamento de dados) através do “levantamento etnográfico” que foi realizado por meio de plataformas digitais (formulário do google e WhatsApp). Até o momento foram 35 pessoas que contribuíram com o Inventário Participativo nesse formato.

Patrimônio de QUEM e PARA QUÊ.

Qual o nosso objetivo? //

É entender o significado de patrimônio cultural e valorizar objetos que não estejam ligados apenas a grandes eventos históricos, mas que sejam importantes ao nível comunitário, familiar ou pessoal.

// Compartilhe com a gente :)
Você está convidado a partilhar conosco a história daquele objeto de família, antigo ou moderno, que tenha valor sentimental, contando-nos as histórias e pessoas envolvidas com ele.

Álbum de fotografias online //
No final montaremos um álbum de fotografia online, assim todos poderão apreciar e se emocionar com histórias contidas nesses objetos tão importantes para a nossa identidade comunitária

// Como participar?
Abaixo encaminhamos o LINK para um formulário que você poderá responder no seu celular ou computador

<https://forms.gle/4SxMdEtyJTbxEEQG9>

Carqueol UNIVASF

Figura 1: Convite digital explicando os objetivos do projeto e solicitando a participação do público.

Fonte: Própria dos autores.

Temos como exemplo a colaboração do Leandro Oliveira Juncken Santos, de Salvador – Bahia, que participou através do formulário do google. Leandro era aluno da graduação em Arqueologia da UNIVASF e morava em São Raimundo Nonato. Mas gostaríamos de relatar sobre o objeto que ele escolheu falar, que é um violão. A história que envolve o objeto e que houve um acontecimento marcante no qual ele está envolvido é relatado da seguinte forma, nas palavras do Leandro:

Esse violão ele foi adquirido pra poder auxiliar no aprendizagem de uma criança, a criança não quis mais aprender, ele foi vendido pra minha família, deste então se tornou importante. Um ponto importante, é que a música ela é universal, e nesse período de pandemia, isolado, foi uma terapia. Por isso a importância do violão.



Figura 2: Violão. **Fonte:** Leandro Oliveira Juncken Santos.

Há pouco tempo, realizamos atividades presenciais quando foram realizados levantamentos etnográficos em campo. Gostaríamos de relatar sobre a participação da colaboradora Luzineide da Silva Paes Landim Sousa, que é moradora da localidade Baixão do Edgar, que fica localizada na zona rural do município de São Raimundo Nonato – PI. Ela nos contou a história da sua “panela” adquirida por seu marido (Alcides Ferreira Sousa). É possível perceber nas palavras de Luzineide o quanto a sua conexão afetiva com o objeto é significativa:

Esta panela eu guardo ela com muito carinho porque foi o primeiro presente que meu marido me deu, foi esta panela de pressão, na verdade eu tinha ido pra Brasília quando cheguei lá e a gente foi cozinhar pra poder se adaptar, ai ele foi comprando as coisas, a primeira panela foi esta, ai depois eu trabalhei lá uns 2 meses, e ai os rapazes me deram o dinheiro, 5 reais, era não, 5 cruzeiros e eu comprei esta panela, esta panela aqui eu guardo com muito coiso, porque foi o primeiro dinheiro que eu ganhei quando eu tinha 20 anos, foi o primeiro dinheiro que eu ganhei trabalhando foi pra comprar esta panela (tá novinha né?), tá

nova (nem parece que tem tanto tempo), trinta anos, Brasília, entonce eu guardo ela com muito carinho esta panela.



35

Figura 3: Panela de pressão. **Fonte:** Luzineide da Silva Paes Landim Sousa.

O depoimento de Alcides Ferreira Sousa que também é morador da mesma localidade foi sobre a memória de histórias contadas pelos “mais velhos”. Ele ouvia falar desde sempre dos relatos sobre a “pedra de corisco ou pedra de raio”. Em suas atividades cotidianas na roça, onde ele trabalha a bastante tempo, ele encontrou o artefato que ele sempre ouvia falar e o coletou, levou para sua casa e guardou como recordação das histórias que ele ouvia. Alcides conta um pouco sobre:

Sim, a pedra do corisco assim, que eu entendo na época dos mais antigo né? dos avós, dos pais que eles contavam sempre pra gente que naquela época, naquela chuva, tipo de chuva de temporal né? De raio, que cai raio, aí acontece aqueles trovão estrondado né? Solta uma pedra desta. Ali as vezes cai num chiqueiro, se cai num chiqueiro mata toda a criação, se cai numa aroeira qui nem eu conheço nestes altos, se cai numa trempe duma aroeira ela abre ele da trempe até dentro do chão, eu tenho uma ali que mostro pra qualquer um, lá nos alto, ela abriu assim em cruz ainda num sabe, fez a, a forquilha. Ai então eles fala que, durante o tempo que ela cai, dizem que é sete anos pra ela subi, ela entra muitos anos no... muito tempo no chão... num sei se é sete metros ou se é sete palmos num sei, sei que ela entra um tanto no chão, ai cada um ano ela sobe um pouco. É. Ai até que ela sai, deste tipo, ai nos tem uma

roça ali nos pé do morrote e eu achei ela lá, ali tem até aqueles pé de (ininteligível) rabo de raposa sabe, tem uma tosseira dele assim perto do tronco da aroeira que arrancou toda a raiz foi jogar longe, se acredita, onde ela tava.



36

Figura 4: Machado de pedra polida. **Fonte:** Alcides Ferreira Sousa.

Buscando expandir o número de colaboradores e assim ter acesso a um número maior de narrativas sobre o patrimônio local, durante uma ação extensionista promovida pelo Colegiado de Arqueologia e Preservação Patrimonial da UNIVASF, foi possível realizar uma exposição com alguns dos bens patrimoniais inventariados por nossos colaboradores e uma mostra de banners no “III CULTURARQUE: Patrimônio, Cidadania e Sustentabilidade” que foi realizado no dia 19 de agosto de 2022 no Núcleo de Extensão da UNIVASF, em São Raimundo Nonato - PI.



Figura 5: Exposição de objetos. Fonte: Própria dos autores.

Pudemos contar com o envolvimento de uma grande quantidade de pessoas que se dispuseram a colaborar com o projeto e que puderam se expressar sobre os objetos expostos. Foram realizadas 56 entrevistas no evento. Como exemplo, gostaríamos de mencionar o relato de Joice Mel Braga Pereira, que nos contou que os objetos da exposição lhe chamaram bastante atenção “por uma representatividade das memórias de antigamente. Pois ali, muitas coisas não são mais utilizadas”. Muitos objetos fizeram as pessoas pensarem em alguma história, ou pessoa, da família ou amigos, como por exemplo, o pote de barro e a panela de ferro, que nas narrativas dos nossos colaboradores os remetiam a memórias afetivas e de infância. No caso do colaborador Paulo Henrique Galvão Silva, ele nos revelou que “os potes lembram a casa da minha avó”. Zélia da Silva Paes Landim Negreiros, falou que as panelas de ferro lembram “minha mãe, fazendo comida em panela de ferro”.



Figura 6: Alguns dos objetos exibidos na exposição como por exemplo: Panela de ferro, panelas e pote de barro e fotografia. **Fonte:** Própria dos autores.

Nota-se que as noções de patrimônio cultural podem ser demonstradas em diferentes narrativas e que podem ir para além do patrimônio arqueológico. Objetos que fazem parte do cotidiano e que estão de alguma forma conectados com a trajetória de vida das pessoas. E que podem relevar histórias e memórias afetivas muito simbólicas e marcantes, como aquelas compartilhadas por nossos colaboradores.

Afinal, os objetos e/ou bens patrimoniais, contribuem para a nossa identidade comunitária, fazem parte da nossa história de vida, tendo significado afetivo. A diversidade de tipos de objetos nos mostra o quanto é importante ampliar o conhecimento sobre a sua valorização e preservação.

REFERÊNCIAS

ABREU, R.M.R.M. 2007. Patrimônio cultural: tensões e disputas no contexto de uma nova ordem discursiva. IN: **Apostila Seminários Temáticos: Arte e Cultura Popular**. 1ª Edição. Museu Casa do Pontal, Rio de Janeiro, pág. 54-63.

ALMEIDA, M. B. 2002. O Australopiteco Corcunda: as crianças e a arqueologia em um Projeto de Arqueologia Pública na Escola. 2002. **Tese (Doutorado)**. FFLCH - Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas- Universidade de São Paulo/UPS, São Paulo.

AMARAL, A. M.; LIMA NETO, M. R.; BORGES, R. A. 2022. PATRIMÔNIO DE QUEM E PARA QUE: INVENTÁRIO PARTICIPATIVO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE SÃO RAIMUNDO NONATO - PI. EXTRAMUROS - **REVISTA DE EXTENSÃO DA UNIVASF**, v. 10, p. 77.

ASCHERSON, N. 2000. **The Museum of Scotland. Public Archaeology**. London. 1:1, p. 82-84.

BRASIL. 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. 2011. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina.

FRANCO, M.A.S. Pedagogia da pesquisa – ação. **Educação e Pesquisa**, v.31, n.3, p. 483-502. São Paulo, 2005.

FUNARI, P. P. 2007. **Arqueologia e Patrimônio**. Erechim Habilis.

HODDER, I. 1999. **The Archeological Process: an introduction**. Oxford: Blackwell Publishers.

HORTA, M. de L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. 1999. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Museu Imperial.

IPHAN, 2016. **Educação Patrimonial: inventários participativos**. Manual de aplicação / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; texto, Sônia Regina Rampim Florêncio et al. – Brasília-DF.

MATTOS, C. L. G. 2001. **A abordagem etnográfica na investigação científica** UERJ.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. 2002. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. 5º ed. Rio de Janeiro: DP&A.

SANTOS FILHO, J. 2001. Camilo dos. Pesquisa quantitativa versus pesquisa qualitativa: o desafio paradigmático. In: **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, p.13-59.

SOARES, A. L. R.; KLAMT, S. C. (Org.) 2008. **Educação Patrimonial: Teoria e Prática**. Santa Maria: Editora UFSM.

THIOLLENT, M. 1986. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 108 p.



“E AGORA O QUE DEVEMOS FAZER?”: INTERDISCIPLINARIDADE E GESTÃO DE ACERVOS

Douglas Santos Neco⁹
douglassneco04@gmail.com

41

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar algumas das reflexões desenvolvidas até o momento na pesquisa de mestrado, visando efetuar apontamentos a alguns dos principais aspectos e, dentre outras coisas, contribuir para discussão na área arqueológica quanto aos procedimentos realizados em reservas técnicas, levando em consideração o crescente número de acervos nas instituições de salvaguarda. Para isso, foram realizados apontamentos para com as materialidades que se encontram em instituições a décadas, porém com pouca ou nenhuma exploração significativa que reflitam sobre as realidades a elas atreladas. Sabemos que desde a implantação do Programa de Aceleração do Crescimento – PAC, o número de artefatos coletados obteve um aumento significativo e a partir disso devemos desenvolver indagações de como encontra-se os processos pós retirada de campo, sua gestão, reflexão e ou divulgação dos resultados e reflexões sobre os mesmos. Neste sentido, enquanto metodologia analítica, proponho os enredos entre musealização da arqueologia e gestão de acervos em instituições culturais, efetuando uma abordagem voltada aos acervos aforreligiosos através de um processo estratigráfico das materialidades presentes na reserva técnica do Museu Galdino Bicho, instituição localizada na cidade de Aracaju/SE e vinculado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe – IHGSE, enfatizando a disposição e localização dessas materialidades subalternizados, ocultadas em relação as demais tipologias presentes no acervo.

Palavras- chave: Interdisciplinaridade; Arqueologia; Memórias; Gestão de Acervo.

INTRODUÇÃO

São inúmeras as coleções formadas através das escavações arqueológicas que vem sendo desenvolvidas ao longo dos últimos anos, tomamos enquanto recorte espaço-temporal o contexto brasileiro desde a implantação do Programa de Aceleração do Crescimento – PAC, a fim de estabelecer um recorte analítico possível. Contudo, outras nuances fazem e estão presentes nos enredos que são traçados através do patrimônio

⁹ Universidade Federal de Sergipe – UFS.

cultural, onde mencionamos aqui algumas das formações de coleções que foram estabelecidas no contexto da repressão.

Desse modo, tornou-se necessário a essa discussão evidenciar as relações estabelecidas entre áreas do conhecimento e suas possibilidades interdisciplinares nas reflexões. Desta citada interdisciplinaridade, Camila A. de Moraes – Wichers (2017) menciona que embora haja alguns distanciamentos entre a Arqueologia e a Museologia, andam lado a lado no que diz respeito a gerenciar os acervos arqueológicos musealizados, tendo em vista os museus enquanto um dos espaços possíveis para destinação desses objetos. Neste sentido, podemos enfatizar que as articulações realizadas por essas duas áreas exercem possibilidades de conexões das representações de memórias através do patrimônio cultural.

Nesta perspectiva, podemos entender que embora sejam áreas distintas e com suas atuações e especificidades, não são anuladas as suas interações acerca do mesmo objeto de estudo. Diríamos também que os cenários estabelecidos entre as duas áreas, principalmente em suas teorias na contemporaneidade, podem e devem estabelecer linhas de raciocínio possíveis que proporcionem atender as novas demandas surgentes, em especial que incluam na pauta discursiva os povos historicamente marginalizados, que não se veem representados e ou contemplados nas configurações do circuito patrimonial.

Quanto a isso, poderíamos mencionar as tensões existentes no campo patrimonial, estabelecido através das simbologias e utilizando-se dos objetos materiais enquanto mediadores dessa ação, que apontam possíveis fragilidade nos processos de construção das narrativas existentes. Contudo poderíamos estabelecer novos contornos analíticos que possibilitem reinterpretações, para Camila A. de Moraes – Wichers (2017), ao mencionar o crescimento das pesquisas, que por sua vez ocasiona o aumento das coleções, nesse sentido seria necessário pensar nas configurações simbólicas que são conformadas.

Enfatizando as relações desenvolvidas na área arqueológica, fica evidente os contornos do poder que são gerados, já que os objetos são dotados de ideologias e inseridos dentro de uma realidade. Desse modo, são estabelecidas tensões dentro do campo teórico em seu tempo histórico, seus resquícios alcançam o tempo presente arreigados de suas perspectivas colonialistas que por vezes estabelecem subalternizações as representações sob os sujeitos sociais. Ainda nesta linha de raciocínio, Mário de Souza Chagas (2011), em “*Memória e Poder: dois movimentos*”, estabelece duas conexões nas

quais podemos refletir a partir da gestão de acervos, tendo em vista que a memória e o poder estabelecem um movimento, e ela também incide diretamente nas perspectivas de narração, sendo possível perceber nas entre linhas as ausências estabelecidas nos discursos da representatividade.

Esse movimento de poder é estabelecido nas escolhas comunicacionais que por sua vez ficará ao alcance do público em instituições museológicas e espaços culturais através das exposições. Sendo assim, as escolhas metodológicas podem ser aplicadas de maneira equivocada, intencional ou não, estabelecendo favorecimentos representativos a determinados grupos em detrimento do direito de memória para com os demais sujeitos sociais.

43

GESTÃO DE ACERVO E INTERDISCIPLINARIDADE

Ao que se refere a gestão de acervos, estabeleceremos enquanto parte dos procedimentos e ações, dentro das perspectivas contemporâneas da arqueologia e da museologia, sendo estabelecidos alguns preceitos fundamentais entre eles, os apresentados por Maria Cristina Oliveira Bruno (2020), ao mencionar que os acervos possuem vida dupla “técnico-científicos” e “convívio sócio comunitário. Essa vida dupla, mencionada pela autora nos direciona às reflexões sobre o pensar esses objetos e/ou conjunto de objetos nas mais variadas espacialidades, desde seus aparatos técnicos de conservação e acondicionamento à suas reflexões ao público. Nesse sentido, a consonância dos conjuntos de ações aplicadas a gestão do acervo deve estar equilibrada de maneira a não inferir ruídos comunicacionais narrativos que possam comprometer a valorização cultural.

Ao elencarmos as diferentes problemáticas e reflexões que se integram em uma interface interdisciplinar em seus conjuntos de ações técnicas e teóricas, não sendo possível dissociar essas duas ações, é possível junto a elas acrescentar as perspectivas das representações sociais. Em nosso estudo de caso podemos notar essas nuances, como as materialidades afro-religiosas musealizadas na cidade de Aracaju/SE, que embora estejam sob guarda do Museu Galdino Bicho desde 1946, pouco se sabe a respeito delas.

Contudo, ao serem evidenciadas, os objetos afroreligiosos presentes neste espaço museológico são estabelecidos novos contornos narrativos sobre os mesmos, encera-se a

ocultação dessas peças e é estabelecido novas possibilidade de direito a representação. Assim, realizo durante a pesquisa a documentação, registro e divulgação como forma de trazer à tona o que não está presente nos discursos oficiais e que foi possível identificar durante os processos investigativos.

Assim, foi possível identificar ao visitar bibliografias anteriores a existência três objetos (atabaques), que geralmente são mencionados ao serem abordadas as repressões que eram executadas no território aracajuano em meados da década de 1930. Contudo, após investigação nos documentos localizados na reserva técnica da instituição, foram feitas novas descobertas das mais variadas tipologias (cerâmicas, líticas, zooarqueológicas, entre outras...) pertencente a essa coleção. A esse conjunto de ações foi possível estabelecer sentidos, que consolidam os estreitamentos necessários entre as áreas científicas, culturais e patrimoniais, como arqueologia e museologia.

Através dessas concepções, foi possível contribuir de maneira significativa com um conjunto de processos que compõem a engrenagem de gestão das materialidades socioculturais, podendo contribuir de maneira reparadora para com as comunidades antes marginalizadas.

CONCLUSÕES E/OU POSSIBILIDADES

Foi possível, através dessa reflexão e do processo museológico realizado no IHGSE, trazer possibilidades no entorno das materialidades que historicamente foram subalternizadas, subjugadas, não de maneira rígida/engessada em definições (pré)estabelecidas, mas concentrada a partir de reflexões propostas por diferentes aspectos possíveis. Embora as reflexões estejam voltadas a fundamentar o estudo de caso das materialidades afroreligiosas musealizadas na cidade de Aracaju/SE (Museu Galdino Bicho), pode ser realizado outras reflexões a partir da evidenciação de acervos ocultos de representação.

Nesse sentido, faz-se necessário estabelecer e evidenciar processos de reconhecimento, como o mencionado, e estabelecer um holofote de possibilidades ao que se encontrava oculto. Com isso, as relações interdisciplinares estabelecidas entre as áreas arqueológica e museológica, onde se faz necessárias nos enredos culturais e patrimoniais,

fazendo com que seja possível uma gestão eficiente e desprovida de exclusões através de novas políticas institucionais para os acervos “esquecidos”.

Os desafios de gestão neste sentido ganham valorização para além da preservação das materialidades e suas características físicas, embarcando em um desenvolvimento científico que atrela os direitos humanos e as políticas socioculturais aos dos posicionamentos que se fazem necessários na construção de comunicações na eventualidade de reparação simbólica e as diversas violências sofridas pelos povos marginalizados.

REFERÊNCIAS

ARACAJU. Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Livro de Ata nº 3, da Diretoria do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, de 23 de abril de 1946. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

BRUNO, M. C. O. Acervos arqueológicos: relevâncias, problemas e desafios desde sempre e para sempre. **Revista de Arqueologia**, [S. l.], v. 33, n. 3, p. 08–18, 2020. Disponível em: <<https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/845>>. Acesso em: 6 out. 2022.

CHAGAS, M. Memória e Poder: dois movimentos. **Cadernos de Socio Museologia**, 19(19). Disponível em: <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/367>> Acesso em: 28 de setembro de 2022.

MORAES – WICHERS, C. A. de. Narrativas arqueológicas e museológicas sob rasura. In. Arqueologia e Crítica Feminista. **Revista de Arqueologia**, v. 30, n.2, 2017. Disponível em: <<https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/issue/view/46>> Acesso em 30 de setembro de 2022.

PADILHA, R. C. 2014. **Documentação Museológica e Gestão de Acervo**. *Coleção Estudos Museológicos*. FFC Edições, Florianópolis, v. 2, p. 23-24.

CONSERVAÇÃO DE ARTE RUPESTRE EM COMUNIDADE INDÍGENA

Maria Conceição Soares Meneses Lage¹⁰

meneses.lage@gmail.com

Benedito Batista Farias Filho¹¹

beneditofarias@ufpi.edu.br

Pablo Meneses Lage¹²

pablage@hotmail.com.br

47

RESUMO

Pedra do Perdiz localiza-se na Comunidade Perdiz-RR, ocupada por indígenas Macuxi. Tem pinturas não-figurativas e figurativas, vermelhas e uma preta. As ações de conservação constaram da retirada de ninhos de insetos, plantas, pixações e consolidação. Fez-se oficina na Escola e apresentou o resultado dos trabalhos.

Palavras- chave: Intervenção de conservação; Pedra do Perdiz; Arqueologia Social Inclusiva.

Os sítios de arte rupestre são obras de arte expostas ao tempo, sujeitas a ações naturais e antrópicas, por isso precisam ser documentadas, estudadas e conservadas a fim de preservá-las (BRUNET, 1985). É preciso acompanhar o estado de conservação deles a fim de desacelerar a degradação, e trabalhar envolvendo o poder público local, a população atual e os especialistas.

Com este objetivo foi realizado um projeto de conservação no sítio Pedra do Perdiz, localizado na Comunidade Indígena Perdiz, Pacaraima-Roraima, ocupada predominantemente por indígenas Macuxi. (**Figura 1**).

¹⁰ Universidade Federal do Piauí – UFPI/CNPQ.

¹¹ Universidade Federal do Piauí – UFPI.

¹² WLage Consultoria Científica Ltda.

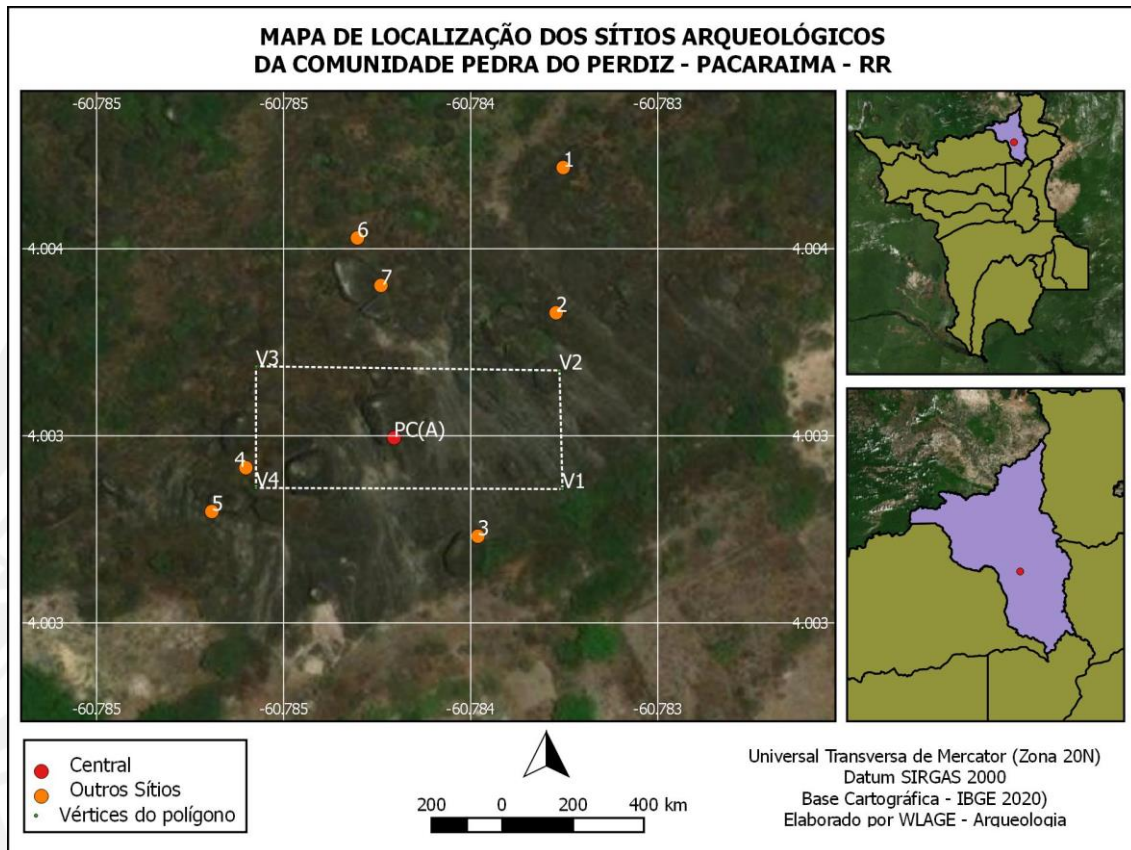


Figura 01: Mapa de Roraima e Localização do Sítio Pedra do Perdiz. **Fonte:** WLAGE Arqueologia

O acesso à Comunidade Perdiz é feito pela BR-174 e BR-433 na época seca, pois não há pontes nos igarapés, riachos e rios, que transbordam no período chuvoso.

O sítio contém um matacão principal e outros menores. O principal é um abrigo sob rocha granítica com 10m de comprimento e altura entre 1,18 e 1,74 metros, orientado Oeste-Sul, com o principal painel voltado para Sudoeste.

As pinturas são na maioria não-figurativas, tipo serpentiformes, círculos, pontilhados etc. As figurativas lembram morcegos, macacos e jiquí. Todas vermelhas, em diferentes tonalidades, e uma preta. **(Figuras de 02 a 05)**. Afetam os painéis rupestres infiltração, escamação, deslocamento, deposições minerais, galerias e ninhos de insetos etc., além de pichações de nomes e números.



Figura 2: Representação de Morcego? **Fonte:** WLAGÉ Arqueologia.



Figura 3: Não figurativa na cor vermelha **Fonte:** WLAGÉ Arqueologia.

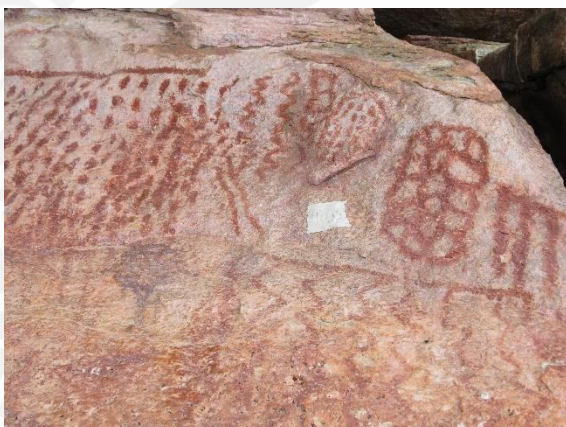


Figura 4: Não figurativa na cor vermelha? **Fonte:** WLAGÉ Arqueologia.



Figura 5: Não figurativa na cor preta? **Fonte:** WLAGÉ Arqueologia.

Realizou-se ações de conservação para desacelerar a degradação. O diagnóstico técnico orientou as intervenções para intervir em biodepósitos, pichações e consolidação de placas pintadas.

Efetou-se uma oficina na Escola para professores e alunos, na qual se apresentou o projeto, as ações realizadas e manipularam os instrumentais científicos. O resultado foi muito positivo para integração da equipe e a conservação do sítio (**Figuras 06 a 11**).

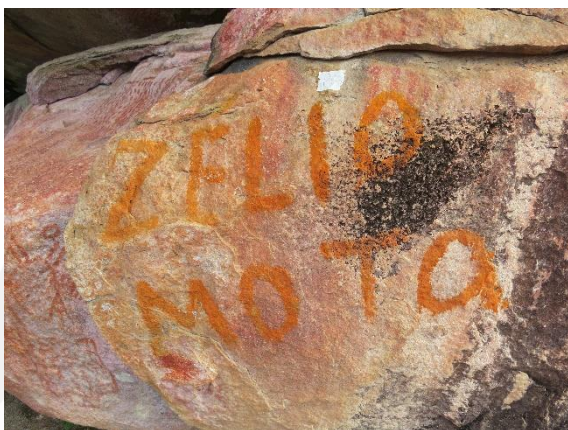


Figura 6: Antes da Intervenção. Fonte: WLAGÉ Arqueologia.



Figura 7: Após Intervenção. Fonte: WLAGÉ Arqueologia.

50



Figura 8: Antes da Intervenção. Fonte: WLAGÉ Arqueologia.



Figura 9: Após Intervenção. Fonte: WLAGÉ Arqueologia.



Figura 10: Oficina Educação Patrimonial. Fonte: WLAGÉ Arqueologia.



Figura 11: Oficina Educação Patrimonial. Fonte: WLAGÉ Arqueologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

- As ações minimizaram o efeito dos problemas, mas, o número de matacões e a limitação do tempo, por conta da acessibilidade, não permitiram a realização de um trabalho exaustivo, para tanto seriam necessários uns dois anos.
- Dificuldade para eliminar alguns biodepósitos, sobretudo no período chuvoso, mas foram treinados com um morador local que acompanhou os trabalhos. Foi muito proveitosa a interação com a equipe. O interesse maior era que se eliminasse as pixações do sítio e isso foi feito, quando não eliminado foi mascarado.
- As intervenções seguiram as Cartas Patrimoniais UNESCO, com técnicas reversíveis e de caráter tradicional, com bases científicas e eficácia garantida por resultados em trabalhos anteriores.
- É imprescindível a realização de trabalhos de monitoramento a fim de controlar os problemas existentes, como a infestação pelos líquens e insetos construtores, bem como evitar novas agressões. Os depósitos findam por encobrir painéis pré-coloniais, como já aconteceu em outros sítios.

AGRADECIMENTOS

IPHAN-RR, Comunidade Perdiz, APITSMRR, em especial Marcello Pereira e Irmão Magalhães.

REFERÊNCIAS

BRUNET, 1985. **Conservation de l'art rupestre: deux études, glossaire illustré**, UNESCO, Paris.

LAGE, M. C. S. M, 2007. A conservação de sítios de arte rupestre. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 33 – Patrimônio Arqueológico: o desafio da preservação. Brasília: IPHAN.

SIMPÓSIO TEMÁTICO 02:
**ARQUEOLOGIA HISTÓRICA NO ESPAÇO REGIONAL: ABORDAGENS,
TEMAS E PESQUISAS**

A TRAM-ROAD NAZARETH SOB O OLHAR DA ARQUEOLOGIA INDUSTRIAL

Fabiana Comerlato¹³

fabianacomerlato@ufrb.edu.br

João Vitor dos Santos e Santos¹⁴

jvssvitorsantos@aluno.ufrb.edu.br

54

RESUMO

As ferrovias na Bahia marcam uma época de crescimento econômico e do auge do trem como principal forma de transporte no mundo moderno ocidental. A segunda metade do século XIX, a Bahia estabelece uma malha ferroviária, com estradas de ferro que ligavam os sertões aos portos, dinamizando a economia das regiões produtoras da província. O objetivo é analisar as estruturas remanescentes da Estrada de Ferro Nazaré, em especial os trechos que compreendem o município de Santa Inês, no Vale do Jequiçá, Estado da Bahia. A metodologia consistiu no levantamento e estudo de fontes bibliográficas, fotografias, mapas e da realização de entrevistas com pessoas associadas ao ferropiarismo local. Os resultados demonstraram que mesmo após a erradicação da estrada em 1971, parte de suas estruturas viárias e edificações permanecem na memória e constituem-se patrimônio ferroviário de Santa Inês.

Palavras- chave: Arqueologia industrial; Arqueologia histórica; Ferrovia; Patrimônio; Bahia.

INTRODUÇÃO

No início do século XIX o mundo começa a experimentar uma nova forma de transporte, o ferroviário, tornando-se símbolo do progresso tecnológico e da modernização. As ferrovias começaram-se a expandir por diversos países incluindo o Brasil, que, em 1852, inaugura sua primeira estrada de ferro, no Rio de Janeiro. A expansão das estradas de ferro ocorreu gradativamente pelo território brasileiro. Na Bahia, em meados dos séculos XIX e XX, foram estabelecidas, ao total, sete malhas férreas que ligavam a região produtora interiorana com os portos do litoral para exportação.

¹³Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB.

¹⁴ Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB.

Sendo assim, as ferrovias foram partes fundamentais para alavancar o progresso econômico das regiões baianas, configurando-se como elementos cruciais para a interconexão hidroviária-marítima-ferroviária, possibilitando um escoamento mais rápido dos produtos (ZORZO, 2001). Portanto:

A ferrovia também funcionou como um dispositivo de controle da circulação, entendendo-se a circulação em sentido ampliado como uma parte especial da produção, incluindo-se aqui a função comunicacional. A ferrovia, mais do que o antigo sistema viário tradicional dos caminhos e de tropas, proporcionou uma moderna conexão mecanizada entre os nós da rede de cidades, que a partir de então dependeu muito menos dos fatores climáticos e das condições topográficas para o cumprimento das suas funções regionais (ZORZO *et. al.*, 2011, p. 220).

55

Neste trabalho trataremos, especificamente, sobre a *Tram-road Nazareth*, a partir dos trechos correspondentes ao município de Santa Inês-BA, onde possui duas estações ferroviárias, uma na própria área urbana e a outra na comunidade rural de Lagoa Queimada. Santa Inês fica localizada no Vale do Jequeriçá, no Recôncavo Sul da Bahia, a 294,7 km de distância da capital, Salvador. A *Tram-road Nazareth* (T.R.N) foi a terceira ferrovia a ser implementada na Bahia, em 1871. Sua construção foi ocorrendo vagorosamente, finalizando-se na cidade de Jequié, cortando, no trajeto de 419 km, as regiões do Recôncavo baiano, Vale do Jequeriçá e o Sudoeste.

As ferrovias fazem parte do estudo dos processos de industrialização, requerendo um olhar específico de outros cenários industriais:

Entre as especificidades de uma arqueologia do trem enumeramos a necessidade de abordar o estudo da rede ferroviária desde a arqueologia da paisagem; de interpretar a criação de novos contextos culturais frente a redução de distâncias e a aparição de novos materiais e hábitos de consumo; de analisar a modificação dos padrões de urbanismo (comunicações externas e internas) e a aparição de novos assentamentos ou acesso às cidades preexistentes; assim como de contemplar as mudanças na percepção da paisagem (velocidade) e sua influência no mundo da arte (SANCHIZ, 2017, 204).

DESENVOLVIMENTO

As estruturas remanescentes da T.R.N constituem-se das estações de passageiros, pontes, aterros, edifícios de operação, casas da turma. Todos esses elementos podem ser lidos enquanto testemunhos representativos da cultura material ferroviária da região. Ainda se inclui na leitura arqueológica à dimensão intangível desse patrimônio industrial, como aponta a Carta de Riga “[...] preservar um objeto ferroviário é também manter a memória associada [...]”, ativando lembranças relativas à sociabilidade e ao trabalho (OLIVEIRA, 2018, 50).

Portanto, a Arqueologia industrial não lida com a cultura material enquanto seu único objeto para a investigação, é necessário que se tenha uma visão macro a despeito dos contextos que atravessam as ferrovias (CUNHA, 2015). Para isso, é preciso dotar-se de diversas abordagens e fontes. Na elaboração desta pesquisa foram empregadas múltiplas análises a partir de fontes distintas, tais quais: jornais, entrevistas, fotos e iconografias.

56



Figura 1: A estação ferroviária de Santa Inês no ano de 1950. Autor desconhecido. Em verde: galpão atrás da estação. Em vermelho: estação ferroviária. Em amarelo: locomotiva da T.R.N. Fotografia original disponível em: http://www.estacoesferroviarias.com.br/ba_ilheus/staines.htm.

Em levantamento inicial, realizado no período de março de 2022, foram localizadas as seguintes estruturas: edifício da estação de Santa Inês (estação José Marcelino), galpão de cargas de fumo, alicerces de um pontilhão sob o rio Jiquiriça, e a estação de Lagoa Queimada (região da zona rural de Santa Inês).

A partir desta (**Figura 1**) podemos ter uma dimensão especial da paisagem de Santa Inês em meados do século XX. O que está grifado em verde é o galpão que fica atrás da estação, na parte em que os passageiros embarcavam no trem, em vermelho é a estação José Marcelino, localizada no centro da cidade, e, em amarelo, uma locomotiva (o trilho da T.R.N passava entre o galpão e a estação). Ambos os prédios ainda fazem parte da paisagem urbana da cidade, abrigando, agora, novas funções; a estação abriga atualmente o fórum e no galpão funciona a oficina de criação do paleoartista Anilson Borges. Quando se trata das análises arqueológicas sobre os processos da industrialização, os estudos da passagem são fundamentais, pois o fenômeno industrial atua diretamente na mudança geográfica do espaço.

Para uma análise mais detalhada das estruturas remanescentes foi elaborado uma ficha de registro com campos estratégicos para a compreensão dos dados obtidos em campo. Nesse instrumento de análise será indexado as informações referentes as obras de artes especiais que compõem o conjunto de bens da infraestrutura ferroviária. As obras de artes especiais podem ser classificadas como os viadutos, pontes, pontilhões, túneis, entre outros, e tem por objetivo travessar os obstáculos postos naturalmente ao caminho. Sendo assim, os campos que serão preenchidos nas fichas são relativos as técnicas aplicadas na construção, bem como dos materiais constituintes destas obras. O intuito dessa ficha é auxiliar, otimizar e organizar todas as informações em um só lugar, facilitando nas análises posteriores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vista disso, e com base no desenvolvimento deste trabalho, será possível a realização do mapeamento como também a identificação dessas estruturas remanescentes, dos seus materiais constitutivos e das técnicas construtivas empregadas. Dessa maneira, a partir dos fundamentos epistêmicos e metodológicos da Arqueologia Industrial, nos possibilitará uma ampla compreensão do contexto ferroviário local, pensando nas

dinâmicas da sociedade com o trabalho da ferrovia, e como o ferropiarismo impactou na economia, no desenvolvimento urbanístico, nas formas de socialização, entre outros aspectos. Por fim, os estudos de paisagem fazem-se imprescindíveis, buscando compreender as mudanças e as permanências das estruturas ferroviárias nas paisagens urbana e rural de Santa Inês.



REFERÊNCIAS

CUNHA, R. M. 2015 Arqueologia Industrial: fontes, métodos e técnicas. **Al-Madan**, II Série, no 19, 134-136.

OLIVEIRA, E. R. de. 2018. O patrimônio do transporte ferroviário no Brasil: contribuições da Arqueologia Industrial ao registro e preservação do sistema ferroviário. **Revista de Arqueologia Americana**, 36, p. 45-84.

SANCHIZ, J. M. C. Arqueologia da industrialização. 2017 OLIVEIRA, Eduardo Romeo (org.). **Memória ferroviária e cultura do trabalho: perspectivas, métodos e perguntas interdisciplinares sobre o registro, preservação e ativação de bens ferroviários**. 1ª ed. São Paulo: Alameda, p. 181-216.

ZORZO, F. A. 2001. **Ferrovias e Rede Urbana na Bahia: Doze Cidades Conectadas pela Ferrovia no Sul do Recôncavo e Sudoeste Baiano (1870-1930)**. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana.

ZORZO, F. A. 2000. Retornando à história da rede viária baiana: o estudo dos efeitos do desenvolvimento ferroviário na expansão da rede rodoviária da Bahia (1850-1950). **Sitientibus**, Feira de Santana, n.22, p. 99-115.

MATERIALIDADE EX-VOTIVA NO PIAUÍ: ESTUDO COMPARATIVO DAS NARRATIVAS E OBJETOS DA TOCA DO CRUZEIRO (CORONEL JOSÉ DIAS), CEMITÉRIO DOS ANJOS (SÃO BRAZ DO PIAUÍ) E IGREJA DO SENHOR DO BOMFIM (DIRCEU ARCOVERDE)

Marisa Lima Miranda Sousa¹⁵
marisa.sousa1560@gmail.com

Alencar Miranda de Amaral¹⁶
alencar.univasf@gmail.com

60

RESUMO

Pensando na necessidade de ampliar as informações sobre os locais onde ocorre a prática ex-votiva no Piauí é preciso identificar a cultura material presente e os relatos associados a esses espaços e a partir da perspectiva comparativa fazer o estudo da materialidade e das narrativas sobre esses espaços e objetos. Defendemos que é de suma importância que se registrem e se valorize práticas e materialidades que remetam a contextos e narrativas regionais. Assim, o presente trabalho tem como objetivo analisar e comparar os objetos e artefatos presentes na Toca do Cruzeiro (Coronel José Dias), Cemitério dos Anjos (São Braz do Piauí) e Igreja do Senhor Bomfim (Dirceu Arco Verde), buscaremos analisar os aspectos técnico-morfológicos e o estado de conservação de artefatos de madeira depositados nestes três locais no estado do Piauí assim como também compreender sua correlação com o contexto histórico, social e religioso regional, buscando ainda identificar as similaridades e variabilidades nestes espaços. Com vistas a problematizar, através do enfoque da arqueologia regional e comunitária, as especificidades dos contextos simbólicos e materiais associados à espaços sagrados e à prática ex-votiva sertaneja no Piauí.

Palavras-Chave: Cultura Material; Religiosidade; Ex-voto.

INTRODUÇÃO

O objetivo desse trabalho é analisar e comparar os objetos e artefatos presentes na Toca do Cruzeiro (Coronel José Dias), Cemitério dos Anjos (São Braz do Piauí) e Igreja do Senhor Bomfim (Dirceu Arco Verde), buscaremos analisar os aspectos técnico-morfológicos e o estado de conservação de artefatos de madeira depositados nestes três

¹⁵Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF.

¹⁶Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF.

locais no estado do Piauí assim como também compreender sua correlação com o contexto histórico, social e religioso regional, buscando ainda identificar as similaridades e variabilidades nestes espaços.

Os ex-votos são objetos que representam o cumprimento de uma promessa ou graça alcançada por fiéis que são adeptos do catolicismo. Esses ex-votos são depositados em locais considerados sagrados, tais como cruzeiros, igrejas e cemitérios ficando expostos simbolizando um ato de fé que é materializado por ele. A graça materializada através desses objetos explicita a conexão entre os seres humanos e o sagrado, revelando “milagres” que aconteceram através da intervenção dos seres sobrenaturais. Assim, os ex-votos são o testemunho de que o impossível aconteceu. Neste sentido, Paes (2014, p. 36) chama atenção para o caráter polissêmico dos ex-votos, que podem assumir o papel de “artefatos-testemunhas”, “artefatos-orações”, “artefatos-performances”, amalgamando de forma dramática as dimensões “materiais” e “imateriais” das crenças inseridas na paisagem da devoção.

Reconhecendo o caráter diverso e complexo dos contextos votivos percebemos a necessidade de ampliar as informações sobre os locais no Piauí onde essa prática religiosa ocorre. É preciso identificar a cultura material presente e os relatos associados a esses espaços e a partir da perspectiva comparativa fazer o estudo da materialidade e das narrativas sobre esses espaços e objetos; visto que estudos dessa natureza podem contribuir para a divulgação e valorização do patrimônio cultural regional.

METODOLOGIA

Para além da pesquisa bibliográfica, as informações e dados que subsidiarão nosso trabalho vem sendo obtidas através de entrevistas, prospecções não interventivas, e análise tecnotipológica dos artefatos.

Na realização do levantamento bibliográfico foram priorizadas e analisadas obras que apresentem e analisem discussões associadas à história e caracterização dos ex-votos, o estudo das “madeiras arqueológicas; problematização dos conceitos de memória e patrimônio; aspectos teórico metodológicos da Arqueologia Publica.

Para o levantamento de dados orais optamos pelo emprego de entrevistas semi-estruturadas Nas entrevistas semi-estruturadas podemos combinar perguntas abertas e

fechadas, dando aos colaboradores a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal (BONI E QUARESMA, 2005, p. 75).

Outra estratégia empregada para a coleta e registro de informações sobre os lugares em que os ex-votos foram os caminhamentos livres nestes locais e seu entorno, o que nos possibilitou registrar, através de fotografias e do caderno de campo, as características geo-ambientais da área, bem como os materiais de interesse arqueológico, dando especial atenção aos ex-votos e sua concentração e/ou dispersão, buscando assim construir um banco de dados imagético sobre ex-votos do estado do Piauí. E por fim estamos realizando a análise tecnotipológica dos artefatos, dessa maneira os critérios analisados são: Dimensões (tamanho, espessura, largura, circunferência); tipos (representações de partes do corpo humano, equipamentos médicos, símbolos religiosos, fragmentos); matéria prima utilizada; e técnicas de confecção e/ou acabamento.

CONTEXTUALIZAÇÃO DA ÁREA DE PESQUISA

TOCA DO CRUZEIRO (CORONEL JOSÉ DIAS)

A Toca do Cruzeiro (**Figura 1**) é um sítio arqueológico que está inserido no entorno do Parque Nacional Serra da Capivara, na comunidade Sítio do Mocó, cidade de Coronel José Dias. Neste Sítio pudemos observar a presença de uma pintura rupestre no paredão da toca, trata-se de um antropomorfo e ao seu lado direito um símbolo com características de trígido. De forma bem marcante o Cruzeiro está localizado na toca em um espaço onde pode ser observado de qualquer lugar da comunidade, assim em muitos relatos ele é considerado como referência para os moradores da comunidade. A ida a Toca do Cruzeiro impõe algumas dificuldades de acesso, pois ele está localizado no alto de uma serra e caracterizado por estar em uma alta vertente com características de desabamento rochoso, se trata de uma subida cansativa, íngreme e cheia de obstáculos por causas da vegetação e das pedras soltas que estão no caminho. Em relação a dimensão desse espaço pode chegar a mais ou menos 100 metros de extensão.



Figura 1: Toca do Cruzeiro. **Fonte:** Rosemary Cardoso, 2018

Os ex-votos presentes nesse espaço foram depositados tanto por moradores locais quanto por fiéis vindos de outras cidades próximas da região, dessa forma podemos perceber através dos relatos que essa tradição de depositar ex-votos naquele espaço ficou conhecido através do “boca a boca” de pessoas que vivenciaram ou ouviram falar sobre as graças alcançadas pelo santo Cruzeiro como era chamado pelos moradores e fiéis locais.

Segundo relatos de uma colaboradora, foi o senhor Aniceto, um morador da comunidade que fez uma promessa de fazer um cruzeiro se sua graça fosse alcançada; essa promessa teria relação com seu filho que havia partido para lutar em uma “revolta” ocorrida na região naquela época. A promessa foi de que se seu filho retornasse bem dessa revolta o senhor Aniceto levaria a cruz para a Toca e lá faria o cruzeiro.

Sobre a vinda de padres na comunidade, foi dito por uma de nossas colaboradoras que era com pouca frequência que um padre vinha a comunidade para rezar a missa. Dessa forma disse a senhora Maura Ferreira “o padre vinha uma vez por ano na comunidade para fazer a desobriga faziam um tipo de procissão com o Santo padroeiro na comunidade”. Vemos nesse depoimento a clara apropriação do dito catolicismo popular que é vivido e seguido pelos moradores da comunidade e também pelos fiéis vindos de outras cidades para pagarem suas promessas. Em relatos foi dito que os fiéis chegavam em caravanas, fazendo orações, em grande festa subiam em direção da Toca do Cruzeiro,

era um momento de grande festa, era festejado a graça alcançada, cantavam, oravam e soltavam fogos durante a caminhada. Era uma festa só.

CEMITÉRIO DOS ANJOS (SÃO BRAZ DO PIAUÍ)

Segundo Ferreira (2021) o Cemitério dos Anjos (**Figura 2**) se localiza no município de São Braz do Piauí e pertence a microrregião de São Raimundo Nonato, no sul do Piauí. São Braz do Piauí possui uma área de aproximadamente 556,60km², fazendo parte do corredor ecológico que faz ligação entre os Parques Nacionais Serra da Capivara e Serra das Confusões. Nesse espaço dito como Cemitério dos Anjos, podemos citar alguns trabalhos acadêmicos produzidos por pesquisadores do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, são esses os trabalhos conclusão de curso de Sousa (2019) e Ferreira (2021), desta forma temos também as pesquisas produzidas pela equipe do Laboratório de Preservação Patrimonial (LAPA -UNIVASF) que também citam o Cemitério dos Anjos em suas pesquisas sobre São Braz do Piauí, a partir da perspectiva do patrimônio cultural e arqueológico da cidade. Ferreira (2021) destaca que esse ambiente funerário se caracteriza inicialmente como um cemitério de natimortos e/ou neomortos, onde se tinha costume de realizar sepultamentos de “anjinhos” separados dos adultos. Cabe ressaltar que na atualidade esse local não é utilizado para sepultamentos e tem escassas estruturas funerárias preservadas no decorrer do tempo. Em sua pesquisa Sousa (2019) cita que uma das características marcantes do cemitério, segundo relato de seus colaboradores, era a cruz de madeira alta e os túmulos marcados com amontoados de pedras para marcar onde cada recém-nascido estava sepultado.



Figura 2: Cemitério dos Anjos. **Fonte:** Jordânia santos, 2019

Durante o passar dos anos, o cemitério foi se modificando devido a mudança de costume da população que passou a fazer os sepultamentos em outros espaços, um de seus colaboradores relata que o cemitério dos anjos foi um dos primeiros cemitérios de São Braz do Piauí. Segundo essa colaboradora as coisas não eram fáceis naquele tempo e as mães não tinham muito acesso a médicos e os partos eram feitos por parteiras em suas próprias casas, dessa forma quando a criança morria ainda pagã, ou seja, sem ser batizada não poderia ser sepultada sem receber o batismo.

Sobre o cruzeiro que foi instalado no cemitério Ferreira (2019) salienta que houve e ainda há restauros no cruzeiro feitos por moradores próximos ao cemitério isso significa que mesmo não havendo mais o costume de sepultamentos existe um vínculo dos moradores com o local como lugar de memória. Em relação a práticas religiosas exercitadas no local podemos citar segundo Ferreira (2021) o costume se visitar os túmulos das crianças e a pratica de se acender velas, próximo ao cruzeiro pois existe uma estrutura feita em tijolos que segundo os seus colaboradores relatam que foi feito para que se possa acender velas naquele local, além desse costume de acender velas temos a novena que é realizada anualmente por uma moradora do Bairro Bom Jesus, acompanhada por pessoas da localidade, enchem garrafas de agua, colocavam uma flor dentro e ficavam “arrodeando” a lagoa da Tranqueira, em direção ao Cruzeiro, quando chegavam no local, aguavam as covas dos “anjim”, deixavam as flores sobre elas e rezavam. Ferreira (2021) relata que existem sinais no local que indicam que ainda

mostram que essas manifestações ocorrem atualmente nos agrupamentos de blocos que se referem aos locais onde os “anjinhos” foram sepultados.

Outra forma de manifestação religiosa constatado por Ferreira trata-se da presença de esculturas de madeira que estão próximos ao cruzeiro, esculturas essas que se assemelham a cabeças humanas, características do que chamamos de cultura ex-votiva. São esses objetos e as narrativas sobre esse espaço e a sua caracterização que buscamos problematizar neste trabalho, suas relações tanto do ex-voto com o espaço quanto do devoto e seu o ex-voto que o mesmo depositou próximo ao cruzeiro e também a relação entre o objeto e o espaço em que ele está inserido.

66

IGREJA DO SENHOR DO BOMFIM (DIRCEU DE ARCO VERDE)

Um dos espaços que estamos trabalhando nesta pesquisa é conhecido como Igreja do Senhor do Bomfim, (**Figura 3**) que está localizada na comunidade Queimadas, pertencente a cidade de Dirceu de Arcoverde. Segundo Ferreira (2020) o município de Dirceu Arcoverde está localizado na macrorregião de São Raimundo Nonato, mesorregião do sudeste piauiense. Compreende uma área de 1035,2 km², tem como limites os municípios de Coronel José Dias, São Lourenço do Piauí, Fartura do Piauí e o estado da Bahia. Sobre a comunidade de Queimadas relata Ribeiro (2021).



Figura 3: Igreja do Senhor do Bomfim. **Fonte:** Ribeiro 2020

A comunidade Queimadas está localizada no sul do estado do Piauí e próxima a divisa com o estado da Bahia. É uma região em que o gado se alimentava a solta com a vegetação nativa existente, isso mostra que os portugueses souberam escolher a região certa para as atividades da pecuária bovina. De acordo com relatos a comunidade Queimadas provavelmente foi fundada na metade do século XIX (RIBEIRO, 1996 apud RIBEIRO 2021, p.18).

A história dessa comunidade é contada a partir de relatos orais registrados no trabalho de Ribeiro (2021), segundo seus colaboradores o início do povoamento da localidade este associado a três irmãos portugueses, sendo um deles Raimundo Ribeiro Soares, que no começo do século XIX vindos da ilha da Madeira decidiram emigrar para o Piauí. Eles vieram para o sul do Piauí buscando encontrar novas terras férteis para a criação de gado, uma atividade muito comum em todo estado, dessa forma esses irmãos vieram e se fixaram em localidades diferentes, porém próximos. Assim, posteriormente com a ocupação da área foi construída uma capela e posteriormente a igreja de Senhor do Bomfim. A igreja do Senhor do Bomfim foi fundada no fim do século XIX no ano de 1848, graças a iniciativa de um frei chamado Frei Henrique que veio pregar na comunidade e passando muitos dias, algo lhe chamou a atenção pois não havia um espaço religioso na qual ele poderia celebrar a missa. Um morador da comunidade indicou um local onde ele poderia celebrar a missa, esse local era uma “toca” que existe por trás da Casa da Pedra, uma formação rochosa que está suspensa de tal maneira que aparenta que está desabando, e assim foi realizado a primeira missa na comunidade foi a partir disso que o local ficou conhecido como aquele espaço onde se celebrava as missas na comunidade. As festividades em honra ao Senhor do Bomfim acontecem entre os dias 28 de julho a 06 de agosto de todos os anos finalizando no dia 7 com a procissão.

Os relatos a seguir foram retirados de um documentário exibido no YouTube, intitulado: Festejos de Senhor do Bonfim – Queimadas – Dirceu Arcoverde – PI. Foi produzido no ano de 2013 produzido pelo grupo Culturart. Segundo os relatos do Padre Edilson dos Santos Lopes a Igreja do Senhor do Bomfim é o templo mais antigo da região, e grande referência religiosa para o povo da região. Desde sua fundação esse templo tem atraído inúmeros fiéis movidos pela fé no Senhor do Bomfim, o padre relata que pela história muitos fiéis, romeiros viam de muito longe para a igreja, a pé ou em burrinhos para expressar sua fé se colocando diante do Senhor do Bomfim, ficando naquele local

por dias e noites festejando e expressando sua fé no santo. Em relatos Maria das Mercês diz que desde os seus três anos que paga promessa para o Senhor do Bomfim, com seus pais e montados a cavalo.

Durante todo o ano as pessoas frequentam a igreja, fazendo promessas as pagando, dessa forma na igreja existe uma sala que é chamada de altar onde são depositados os ex-votos trazidos pelos fiéis, as pessoas depositam objetos como partes do corpo representando a cura de doenças que afetam as partes do corpo humano, fotografias, velas, entre outros. Segundo relato do Padre Edilson dos Santos Lopes são inúmeros os milagres que foram alcançados pela força e pelo poder Senhor do Bomfim. há relatos de que a tradição da fé no Santo é passada de geração em geração entre os fiéis que frequentam a igreja da comunidade de Queimadas. Além dos moradores locais ainda frequentam as festividades do Senhor do Bomfim pessoas vindas de outras cidades, não somente para as missas, mas por muitas vezes para pagar alguma promessa para o santo.

68

RESULTADOS PRELIMINARES

Até o presente momento, apenas as análises dos ex-votos do sítio Toca do Cruzeiro Foram finalizadas.

Em relação aos ex-votos presentes na Toca do Cruzeiro podemos classificá-los como esculturas tridimensionais feitas em madeira, sendo que durante os trabalhos foi possível observarmos a presença de 19 ex-votos entre os quais 13 foram identificados como representações do corpo humano e 6 foram identificados como fragmentos.

Dentre esses ex-votos podemos observar que os membros inferiores (pés e pernas) (**Figuras 4, 5 e 6**) representam a quantidade de 4 unidades; os membros superiores (mãos e braços) (**Figuras 7 e 8**) também contam com 4 unidades; as representações de cabeça (**Figuras 9 e 10**) somam apenas 2 unidades; e temos um único exemplar de corpo inteiro, (**Figura 11**) da cruz (**Figura 12**) e do equipamento médico (muleta) (**Figuras 13 e 14**); e, por fim, os fragmentos que somam 6 objetos. A maioria dos ex-votos presentes na Toca do Cruzeiro foram feitos de madeira de Amburana no total de 16 objetos. A explicação dada pelo senhor Francisco de Assis, morador da comunidade sítio do Mocó, é de que essa madeira é de uma árvore muito comum na região e, além disso, é um tipo de madeira muito macia e de fácil manuseio na hora de esculpir. Já o Cangalheiro, que foi utilizado

na produção de apenas um ex-voto (o corpo inteiro ou boneco), é uma madeira que também é comum na região, porém era utilizada na fabricação de outros tipos de objetos como a cangalha, dessa forma não sendo muito utilizado na fabricação de ex-votos. E por último temos a Aroeira, da qual foi produzido um único ex-voto, a cruz (Cruzeiro), a explicação dada por nossos colaboradores foi que esse tipo de madeira é muito resistente e por isso fizeram a cruz dela, ela foi feita para durar e resistir ao tempo.



Figuras 4, 5 e 6: Ex-voto Pé. Fonte: Rosemary Cardoso, 2018.



Figuras 7 e 8: Ex-voto mão. Fonte: Rosemary Cardoso, 2018.



Figuras 9 e 10: Ex-voto mão. Fonte: Rosemary Cardoso, 2018.

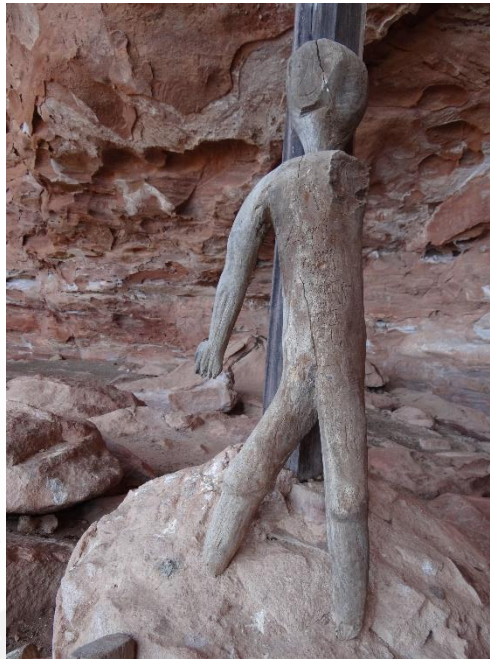


Figura 11: Ex-voto boneco. **Fonte:** Rosemary Cardoso, 2018.



Figura 12: Ex-voto Cruz ou Cruzeiro. **Fonte:** Rosemary Cardoso, 2018.



Figuras 13 e 14: Ex-voto muleta. **Fonte:** Rosemary Cardoso, 2018.

Os dados levantados até o momento, referentes ao sítio toca do Cruzeiro, indicam que, numa perspectiva técnica, predominam o emprego de matérias primas locais; o entalhe manual, como procedimento para formatação das peças; o predomínio de peças figurativas de partes anatômicas do corpo cujas formas, majoritariamente, tendem à simplificação e geometrização; a rigidez e frontalidade nas esculturas de corpo inteiro, com representações de pessoas em pé com os braços paralelos ao corpo. Por sua vez, os relatos coletados revelam que as esculturas entalhadas na madeira e depositas na Toca do Cruzeiro dizem respeito aos problemas de saúde vividos pelos moradores da região.

AGRADECIMENTOS

A Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado do Piauí – FAPEPI, pela concessão da bolsa de estudo e apoio financeiro ao projeto.

REFERÊNCIAS

BONI, V.; QUARESMA, J. 2005. Aprendendo a entrevistar: Como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho, p. 68-80

FERREIRA, D. L. 2020. OS ANJOS DORMEM: O cemitério dos anjos de São Braz do Piauí sob a ótica da Arqueologia Funerária. (**Monografia em Arqueologia e Preservação Patrimonial**) Universidade Federal do Vale do São Francisco, UNIVASF, São Raimundo Nonato-PI.

PAES, A. A. 2014. Coisas são mais que coisas: ex-votos no Círio em Belém PA, expressividades e materialidades do sagrado. **Cronos:R. Pós-Grad. Ci. Soc. UFRN**, Natal, v. 15, n.2, p.35 - 54 jul./dez.

RIBEIRO, L. S. 2020. HISTÓRIA, PATRIMÔNIO E RELIGIOSIDADE: Comunidade Queimadas Senhor do Bonfim, Dirceu Arcoverde, Piauí. (**Monografia em Arqueologia e Preservação Patrimonial**) Universidade Federal do Vale do São Francisco, UNIVASF, São Raimundo Nonato-PI.

SOUSA, J. Dos S. 2019. OS LUGARES DE MEMÓRIA DE SÃO BRAZ DO PIAUÍ: lembranças e narrativas sobre a história e o patrimônio local. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial), 60f, UNIVASF, São Raimundo Nonato – PI.

FESTEJOS DE SENHOR DO BONFIM – Queimadas – Dirceu Arcoverde – PI. (**Documentário**) Direção: Agnaldo Ribeiro. Produtora: visage. Roteiro: Agnaldo Ribeiro. Edição: Joaquim Neto. Fotografia: Joaquim Neto. Estúdio: Jaraguá: Ponto de cultura Culturart. Dirceu Arcoverde – PI – Brasil. 2013.

A MATERIALIDADE DOS GARIMPOS NA FORMAÇÃO DA CHAPADA VELHA, NO ESTADO DA BAHIA

Luiz Antonio Pacheco de Queiroz¹⁷
luizpachecoq@gmail.com

RESUMO

A materialidade do garimpo, crucial na formação territorial da Chapada Velha, foi bastante evocada na etnografia arqueológica que disseminei com habitantes de Gentio do Ouro e Xique-Xique, no estado da Bahia. Argumento que tal território é concebido por significados locais e influências externas.

Palavras- chave: Garimpos da Chapada Velha; Materialidade; Formação Territorial.

A reflexão que realizei sobre o papel essencial dos garimpos na formação da Chapada Velha, no estado da Bahia, foi objeto do meu doutorado em arqueologia, defendido na UFS. Foquei nas particularidades que dão significado ao território, considerando as influências externas que estimulam a exploração mineral local para adquirir recursos minerais úteis ao mercado de ornamentação e desenvolvimento da tecnologia que move o cotidiano da maior parte da população humana e promove tanto espaço para morar, estrutura viária e transportes da vida moderna.

O estudo abrangeu parcelas da Chapada Velha nos municípios de Gentio do Ouro e Xique-Xique, no centro-norte do estado da Bahia, através da etnografia arqueológica dos espaços dos garimpos de quartzo, diamante e carbonado, das primeiras décadas do século XX até a atualidade. Também incorporei resultados de pesquisas da arqueologia preventiva, feitas para o licenciamento de parques eólicos e linhas de transmissão, que participei entre 2014 e 2018.

Segundo compreendi nos diálogos com interlocutores e incursões etnográficas, a Chapada Velha abrange porções elevadas da cadeia montanhosa conhecida como Serra do Assuruá e as terras baixas adjacentes ao rio São Francisco. Ao refletir sobre tal território com base na materialidade dos garimpos, mas também dos seus caminhos e

¹⁷ Universidade Federal de Sergipe – UFS.

povoados, considero que esses espaços foram criados pelos habitantes locais e reagiram de volta, tendo sido responsáveis pela formação de atuantes dos garimpos e de quem não trabalha garimpando.

Os significados do território são disseminados nas tarefas da exploração mineral, iniciada nos deslocamentos, principalmente a pé, entre núcleos de povoação e garimpos, que incorporam áreas de mata acessadas também por quem não garimpa para obter frutos, ervas medicinais e lenha ou frequentar balneários. Dessa forma os caminhos são parte crucial da territorialidade garimpeira que abrange também os povoados, onde a estrutura do garimpo preponderou na conformação do arranjo espacial.

Quanto aos componentes dos garimpos, além das cavidades para extrair os minerais e seus rejeitos, há também cômodos para repouso delimitados com paredes de pedra e outras estruturas, além de instrumentos usados para garimpar, indícios de que a organização do trabalho se dava em destinações de um só atuante ou em pequenos grupos, conforme a grande quantidade de objetos de uso individual direcionou a interpretação.

O sentido particular do garimpo na Chapada Velha é o da condução da vida na região, tendo levado à urbanização, centralização da humanização nos núcleos de povoação e conexão entre áreas que são fontes de recursos naturais e locais de comercialização com as vias criadas. Essa estruturação que conformou a Chapada Velha tem seu cerne na territorialidade caracterizada pelas vivências nos espaços criados pelo garimpo.

CONEXÕES ENTRE CULTURA MATERIAL E MEMÓRIA SOCIAL NO SEMIÁRIDO PIAUIENSE: A INDUMENTÁRIA DOS VAQUEIROS DA COMUNIDADE DE QUEIMADINHA, MUNICÍPIO DE SÃO RAIMUNDO NONATO-PI

Amanda Paes Landim Silva¹⁸
amandapaes627@gmail.com

Leandro Elias Canaan Mageste¹⁹
mageste.univasf@gmail.com

76

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo identificar de que forma a indumentária do vaqueiro se torna objeto de memória no cotidiano da Comunidade de Queimadinha, zona rural do município de São Raimundo Nonato, Piauí. Desse modo, esperamos tecer conexões entre cultura material e memória social, avaliando as narrativas dos vaqueiros a respeito de seu passado e as materialidades envolvidas no processo. Paralelamente, buscamos construir a história da comunidade e entender como a indumentária se faz presente na construção de perspectivas sobre o passado e o presente. Na prática, aplicamos metodologias pautadas em entrevistas e na construção de uma ficha de análise para a classificação dos objetos. Com os trabalhos, conseguimos coletar informações que permitiram refletir sobre a história da comunidade de Queimadinha e sua inserção em um contexto cultural mais amplo no tocante a vida sertaneja. Por fim, a interface entre arqueologia e comunidade aplicada nessa pesquisa serviu para evidenciar de que forma alguns vaqueiros construíram, interpretaram e narraram as suas experiências no campo por meio da indumentária.

Palavras-Chave: Cultura material; Memória Social; Indumentária; Vaqueiro.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve como objetivo fazer uma análise sobre as conexões entre cultura material e memória social, a partir da indumentária (vestimenta) dos vaqueiros da comunidade de Queimadinha, zona rural do município de São Raimundo Nonato, Piauí. Buscamos evidenciar narrativas construídas para esses objetos, refletindo sobre a

¹⁸ Universidade Federal do Vale do São Francisco-UNIVASF.

¹⁹ Universidade Federal do Vale do São Francisco-UNIVASF.

construção da figura do vaqueiro na comunidade e suas conexões com a diversidade artesanal da confecção de sua vestimenta.

A comunidade de Queimadinha está localizada a cerca de 10 km do centro urbano de São Raimundo Nonato. A localidade atualmente possui quarenta casas, entre as quais estão às famílias dos vaqueiros e colaboradores que participaram desta pesquisa. Essas pessoas são, em sua maioria, profissionais oriundos de contextos familiares historicamente compostos por vaqueiros.

Por meio do trabalho com os colaboradores dessa pesquisa, procuramos interpretar e estudar a indumentária. A mesma foi escolhida para direcionar a investigação, devido seu provável aspecto simbólico e a relação entre usuário e peça, com o intuito de perceber qual a compreensão do uso da vestimenta pelo vaqueiro como forma de proteção e expressão. Desse modo, a indumentária do vaqueiro é uma peça artesanalmente confeccionada com o couro do animal, a partir das técnicas de curtimento. Sua vestimenta é composta pelo gibão, luvas, perneira, guarda-peito, chapéu e sapatos. A partir dessas informações sobre a vestimenta dos vaqueiros, o foco principal da pesquisa foi o de perceber de que forma a indumentária do vaqueiro participa do processo de construção de memória na comunidade de Queimadinha, e como a mesma se relaciona com as narrativas dos vaqueiros sobre o passado e sobre a vida no presente.

Na conjuntura, nosso interesse pela pesquisa surgiu pelas diferentes formas que se pode trabalhar com a indumentária em um determinado contexto, reconhecendo o seu papel na produção de significados sobre a nossa realidade. Com o desenvolvimento de estudos colaborativos, buscamos ampliar o arsenal de narrativas disponíveis, instrumentalizando a arqueologia no entendimento das relações entre cultura material e memória social. Não menos importante são nossas relações afetivas com a comunidade de Queimadinha. Além de ser a comunidade de origem da mãe da primeira autora, é também o local onde viveu grande parte de sua vida, vendo e observando o dia a dia e a labuta das pessoas que moram no campo, utilizando-se de diversos trabalhos para sua sobrevivência.

METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa, inicialmente foram efetuadas pesquisas bibliográficas sobre assuntos relacionadas à mesma em algumas instituições de São Raimundo Nonato-PI entre essas: FUMDHAM, UESPI e UNIVASF. Realizamos também, o levantamento sistemático de bases virtuais para análise de artigos científicos, dissertações e teses que abordavam alguns pontos da pesquisa, como a história dos vaqueiros no sertão piauiense e a questão da importância do uso da vestimenta pelo vaqueiro. Nesse viés, procuramos focar e trazer reflexões acerca das discussões sobre cultura material e memória, para o entendimento desse contexto a partir das materialidades e seus significados para a comunidade.

78

Foram realizadas pesquisas de campo, no intuito de documentar, contextualizar e analisar as indumentárias. O levantamento das informações presente na pesquisa foi feito através do método de entrevista semiestruturada, que consiste na combinação de perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer o tema proposto. Logo, o pesquisador segue um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. (BONY; QUARESMA, 2005).

Essas entrevistas foram realizadas com os moradores da Comunidade de Queimadinha, Zona Rural do Município de São Raimundo Nonato/PI. Foram entrevistados precisamente quatro vaqueiros da comunidade. Os senhores: Manuel Simplício da Maceno (74 anos), Gracino Ferreira da Silva (82 anos), Dinavan Da Silva Santos (36 anos), Lorismar Madeira Silva (47 anos). Entrevistamos também outros moradores relacionados com o contexto da pesquisa, como o senhor Luiz Altamir da Silva, (66 anos), ex-morador da comunidade e filho de um vaqueiro que pertenceu à comunidade, e a senhora Maria Alcione Paes Landim Silva (69 anos), moradora da comunidade. Entrevistamos também o Senhor Salvador Rodrigues da Silva (72 anos), que atualmente reside na comunidade Castelo, também pertencente ao município de São Raimundo Nonato, mas que morou por muitos anos em Queimadinha, sendo responsável pela produção da indumentária dos vaqueiros.

Para a coleta e documentação das informações foi produzida uma ficha, para a descrição das indumentárias, onde a mesma é composta por: proprietário, pesquisador, localização, dimensões, nome do objeto, fabricante, armazenamento, os materiais usados na fabricação, estado de conservação do objeto, produção, informações orais, observações

e um espaço que foi utilizado para colocar a documentação fotográfica. Esses materiais apresentados na pesquisa fazem parte dos acervos dos vaqueiros da comunidade, pertencentes aos vaqueiros citados acima, sendo espontaneamente invocados durante as entrevistas. Nessa ficha são colocadas informações referentes a vestimenta dos vaqueiros, sendo ela composta por: gibão, guarda-peito, luvas, sapato, perneiras e chapéu. A maioria dos objetos analisados possuíam entre 04 a 10 anos, desde a sua confecção.

Será apresentado aqui uma breve caracterização dos materiais que foram evidenciados e analisados durante a pesquisa. Nossa intenção foi a de situar Queimadinha em um contexto histórico mais amplo e tentar entender a configuração de aspectos relevantes para a memória social e materialidades envolvidas nesse processo.

79

A COMUNIDADE QUEIMADINHA E SUA RELAÇÃO COM VAQUEIROS

Historicamente, a cidade de São Raimundo Nonato-PI tem relação direta com a expansão da pecuária que desenvolveu no Piauí, marcada pela constituição de fazendas de gado. Por esse motivo, a região se tornou um dos lugares fortemente marcado pela presença dos vaqueiros. Diversas comunidades pertencentes ao município possuem vínculos com os primeiros agrupamentos humanos que ocuparam o sudeste do Piauí sendo esses: indígenas, vaqueiros, camponeses e agricultores, entre outros (Oliveira, 2007).

Nesse sentido, a comunidade de Queimadinha, foco da presente pesquisa, não é diferente, a mesma apresenta uma forma de vida e de cotidiano profundamente relacionado com a pecuária e com o trabalho dos vaqueiros. Em entrevistas com pessoas da comunidade, por meio de relatos, é possível perceber de que a forma a figura do vaqueiro se insere nesse contexto histórico.

Ao lembrarem desse passado, colaboradores destacam sempre a atuação do sr. José da Chica. Eles relatam que o sujeito foi um vaqueiro valente e o mais conhecido da região, pois realizava as atribuições de fazendeiro, vaqueiro e boiador. Seu Zé Chica é muito lembrado devido ao seu trabalho, que sempre foi admirado por todos ao seu redor, onde levou o título de “afamado”, que significa vaqueiro valente e que pegava muito boi. Constitui-se também, a produção de um sentido heróico associada ao passado do vaqueiro, ressaltando sempre as suas habilidades com o gado no contexto da caatinga.

Seu José Chica(*in memória*), fez muitos serviços para fora, trabalhava em muitos lugares e segundo informações o mesmo tocava o gado até Pernambuco para a venda.

Hoje a comunidade de Queimadinha, ainda é formada por vaqueiros e também por: camponeses, agricultores, e lavradores. Os vaqueiros da comunidade atuam em diversos locais, e atualmente a comunidade possuem novas fazendas, e alguns de nossos colaboradores conseguiram montar o seu próprio curral. Outros vaqueiros ainda trabalham em fazendas, prestando serviço para adquirir o sustento de sua família e para sua sobrevivência (**Figura 1**).

80



Figura 1: Casa antiga da comunidade. **Fonte:** SILVA,2019.

Com a pesquisa, foi possível perceber de que forma a vida no campo transformou a trajetória dessas pessoas, influenciando na história da comunidade e de parte de seus moradores. São experiências relacionadas com a busca pelo sustento, através da labuta com gados e outros animais. Buscamos contar essa história, considerando principalmente o papel do vaqueiro, seja na lida com o gado, no trato com os senhores da fazenda, no enfrentamento da caatinga e na consolidação da comunidade.

VAQUEIROS, COURO E A INDUMENTÁRIA: ASPECTOS GERAIS

Os objetos são muito importantes no contexto cultural do vaqueiro, sobretudo na especificidade de utilização de cada item de sua vestimenta. Cada um desses objetos possui características distintas relacionadas ao seu uso e significado. Podemos destacar inicialmente, a relação entre essas roupas e o contexto ambiental onde elas são produzidas e usadas. Visto que os sertões, mais precisamente a caatinga, reforça a questão da vestimenta pelo vaqueiro, por ser uma área de difícil acesso com vegetação baixa e fechada.

Toda essa questão ambiental favoreceu o estilo e matéria prima utilizada na confecção dos itens. A área onde o vaqueiro nordestino trabalha exige que esses materiais tenham maior proteção e persistência. Aspectos como funcionalidade e durabilidade para cumprir com o propósito de proteção são fatores recorrentemente apontados pelos vaqueiros como determinantes mais imediatos das escolhas relacionadas com a confecção e uso da indumentária (**Figura 2**).

81



Figura 2: Vaqueiro Dinavan, Fonte: SILVA,2019.

Desse modo, o couro ganhou espaço nesse contexto, sendo a matéria prima utilizada por vaqueiros e por pessoas que trabalham na elaboração dos trajes, que aproveitam o couro dos animais que criam e cuidam. O couro pode adquirir texturas diferentes, dependendo do tratamento que for dado a ele. A pele do animal equivale ao couro propriamente dito. Quando cortada ao meio, ela se transforma em duas peles (DODT, 2016, p.19).

Aos poucos, as roupas dos vaqueiros foram ganhando formas, estilos diferenciados das demais regiões, à primeira vista a roupa de couro cru parece extravagante e pesada, mas é na verdade muito adequada para o trabalho, na lida com os animais, onde o corpo entra em contato direto com a natureza seca e agressiva da caatinga. Driblar essa natureza pontiaguda é um pressuposto a sobrevivência. Cada peça serve para a proteção de uma parte do corpo do vaqueiro, formando uma indumentária um tanto pesada, mas resistente e de alta durabilidade (DODT, 2016, p. 28).

82

GIBÃO

É uma peça que compõem o traje do vaqueiro que tem uma forma de paletó, confeccionada a partir do couro do próprio animal que serve para a proteção dos braços e das costas. Esses objetos estão em sua maioria armazenados na casa de nossos colaboradores em um pequeno quarto ou em um torno, onde são colocados cada um desses itens que compõem sua roupa. Suas dimensões são de aproximadamente 0,85 cm de altura e 0,63 cm de largura, é um objeto bastante resistente com grande durabilidade. Com relação aos significados atribuídos para essas peças, muitos vaqueiros da comunidade ressaltam sua importância demonstrando que muito mais que parte da roupa, esse objeto significa o trabalho da pessoa, o “suor” e a “coragem” por parte de quem o usa. (Figura 3).



Figura 3: Gibão. Fonte: SILVA,2019

PERNEIRA

É um importante item do vestuário do vaqueiro, que possui uma forma de calça utilizada para proteger as pernas de arranhões contra galhos das árvores e espinhos. A peça é confeccionada com couro e polida para o nivelamento, sendo que é colocado óleo na mesma para facilitar seu manejo e, em seguida, levada para secar. Feito o procedimento, se desenha o molde, cortando duas peças no formato desejado, costurando uma do lado da outra, inserindo uma pequena tira de couro para ligar as duas partes. Com o restante do couro, é feito o peito para o pé, colando ou costurando na própria peça. As dimensões das perneiras são variadas, sendo aproximadas entre 1 m de altura e 0,63 cm de largura. A maioria dessas peças estavam em um bom estado de conservação (**Figura 4**).



Figura 4: Perneira. **Fonte:** SILVA,2019

GUARDA-PEITO

Vestimenta feita de couro, usada por dentro do gibão para proteger o peito do vaqueiro, esse item é muito importante pois o mesmo exerce uma função protetora, contra galhos e espinhos. É um objeto confeccionado com couro curtido, esse couro pode ser de boi ou de bode. Na casa de nossos colaboradores, o guarda peito sempre fica acomodado junto ao gibão, isso porque um completa o outro, como o gibão é aberto na frente, esse item é colocado na abertura do gibão para a proteção do tórax do vaqueiro. Suas medidas variam de aproximadamente 0,65 cm de altura e 0,28 cm de largura. Todos os objetos analisados estavam em um bom estado de conservação, sendo armazenados em um pequeno quarto ou em um torno colocado na sala da casa mesmo (**Figura 5**).



Figura 5: Guarda-peito. Fonte: SILVA,2019.

LUVAS

As luvas são peças confeccionada com couro pertence ao vestuário do vaqueiro, utilizado basicamente para a proteção das mãos na hora que o vaqueiro vai executar algum trabalho. É utilizada principalmente para segurar o rabo do boi na hora de pegá-lo, assegurando a proteção das mãos do vaqueiro contra galhos e espinhos. Assim como as demais peças a luva é um adereço confeccionado com couro curtido, amaciado e polido. Com relação suas dimensões variam entre 0,20 cm de altura e 0, 12 cm de largura, e algumas dessas peças tinham aproximadamente de 10 anos, o que evidencia a grande durabilidade do material (Figura 6).



Figura 6: Luvas. Fonte: SILVA,2019.

CHAPÉU

Peça de formato arredondado que tem como principal utilidade a proteção da cabeça do vaqueiro contra o sol, e pontas de galhos das árvores. Nossos colaboradores ressaltam que, o chapéu é umas das peças mais utilizadas no seu dia a dia, pois vão para todos os lugares com o item. O chapéu possui grande durabilidade, e que depende muito do material, os chapéus analisados na comunidade de Queimadinha possuíam entre 8 meses a 10 anos de comprado, e seus tamanhos apresentam semelhanças variando de numerações entre 57 a 59 (**Figura 7**).



Figura 7: Chapéu. **Fonte:** Silva,2019.

SAPATO OU BOTA

Calçado que o vaqueiro utiliza em seu cotidiano para a execução de suas tarefas, tem como utilidade a proteção dos pés contra espinhos, pedras e animais peçonhentos. Segundo nossos colaboradores, seus calçados são comprados feitos e dificilmente mandam fazer. Ressaltam também que é uma parte do vestuário que tem menos durabilidade, isso porque são usados com mais frequência. A numeração varia de acordo com cada vaqueiro, e são utilizados tanto sapato quanto botas de couro para a execução de trabalhos. Os sapatos analisados estavam todo em um bom estado de conservação e a numeração variava entre 39 e 41. Durante as análises, a maioria de nossos colaboradores mencionam que trocam o sapato a cada seis meses, pois desgasta muito e para ir campear precisa que o sapato esteja em um bom estado (**Figura 8**).



Figura 8: Bota. Fonte: SILVA,2019.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas conversas com nossos colaboradores, percebemos nos relatos algumas impressões sobre o que é ser vaqueiro, bem como quais conceitos, sentimentos e materialidades são atribuídos a esses personagens da caatinga. Em uma das falas de um dos nossos colaboradores chamou a nossa atenção a diferenciação de dois tipos de vaqueiro na comunidade. Essa diferença é produzida pelo lugar em que o vaqueiro atua e o seu domínio do meio físico, reforçando a influência do ambiente tanto na produção quando nos significados atribuídos as peças.

Nossos interlocutores ressaltaram que existe o “vaqueiro da roça”, considerado menos habilidoso e restrito aos cuidados das áreas situadas próximas as suas casas; e o “vaqueiro do mato”, mais treinado no domínio da caatinga, empreendendo desse modo longas jornadas pelas matas trancadas, tornando o uso de roupas apropriadas indispensáveis. Desse ponto de vista, ser vaqueiro perpassa necessariamente pela utilização de uma roupa apropriada para esse fim. Contudo, não é só a função desempenhada pela peça que é levada em conta, mas também as afetividades que transformam esses objetos em representação, que conecta as lembranças do passado e com as expectativas e desejos do presente (**Figura 9**).



Figura 9: Local de armazenamento das indumentárias. **Fonte:** SILVA,2019.

Nas conversas com os vaqueiros, percebemos a ênfase no caráter perigoso do trabalho, pois muitas vezes na execução de suas tarefas, ocorrem acidentes que “fere”, “corta”, “cega”, “aleija” e “as vezes até mata”. Muitas das colocações de nossos colaboradores ressaltam que para ser vaqueiro tem que ter coragem, ou até mesmo dom, tornando explícito a operacionalização de um conhecimento especializado nas interações com os animais e a caatinga. Nesse sentido, é possível observar como o campo e a lida com os animais são recorrentemente mencionados como parte de um cotidiano. Desse modo, são práticas atravessadas pela construção de afetos, no compartilhamento de experiências e saberes, que culminam em narrativas sobre o passado e o presente. Nesse sentido, nos domínios da memória social, podemos entender as sobreposições observadas entre a história dos vaqueiros e a história da comunidade de Queimadinha.

É importante salientar que, a “profissão vaqueiro” é um fator constituinte de sua autopercepção, edificada a partir da relação com o espaço e o trabalho, associada também, aos campos, ao gado, currais, fazendas e a uma teia de relacionamentos estabelecidos em seu cotidiano que não podem deixar de ser lembrados (VIANA, 2015; p. 8). Nesse sentido, a indumentária se torna um marcador de referência, pois a mesma reforça os

diversos significados associados a elas, por meio de reelaborações da figura do vaqueiro, frente a experiência com objetos, espaços e expectativas individuais e coletivas que se desenrolam nessa conjuntura (**Figura 10**).



Figura 10: Vaqueiro Lorismar, Fonte SILVA, 2019.

REFERÊNCIAS

ALVES, V. E. L. 2003. **As bases históricas da formação territorial piauiense.** São Paulo, revista: Geosul, v. 18, m.36.

ANA.P.G.C. et al. **abc do vaqueiro.** 2014. FAPESB.

BONI, V.: QUARESMA, S. J. 2005. **Aprendendo a entrevistar:** como fazer entrevistas em ciências sociais. UFSC, vol. 2 nº 1 (3), janeiro/julho/ p68-80.

DODT, L. C. V. 2016. **Espedito seleiro: tradição e ofício de um artesão cearense.** Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

HALBAWACHS, M. 2006. **A memória coletiva.** Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro.

MILLER, D. 2013. **Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material.** Rio de Janeiro: Editora Zahar.

OLIVEIRA, A. S. de N. 2007. O povoamento Colonial do Sudeste do Piauí: indígenas e colonizadores, conflitos e resistência. **Tese (Doutorado em História).** Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, Recife-PE.

PERALTA, E. 2007. **Abordagens teóricas ao estudo da memória social:** uma resenha crítica. Arquivo da memória. Antropologia, escala e memória. Nº 2.

TAPETY, A. F. 2007. **O vaqueiro no Piauí:** representações e práticas socioculturais (1960 a 2000). Teresina.

VIANA. A. B. 2015. **Uma vida de trabalho dedicado ao campo:** O vaqueiro sourense, um camponês marajoara. Florianópolis- SC.

CARTA DE ZONEAMENTO ARQUEOLÓGICO SUBAQUÁTICO DO RIO POTENGI (SÉCULO XVII)

Anne Noemi França Miranda²⁰
annenoemi1@hotmail.com

RESUMO

A presente pesquisa traz a carta de zoneamento das áreas de potencial arqueológico subaquático ligados a navegação no estuário do rio Potengi durante o século XVII, como instrumento de gestão do patrimônio arqueológico regional. Através dos resultados obtidos foi possível chegar a conclusão da existência de sete áreas de potencial arqueológico.

Palavras-chave: Estuário do rio Potengi; Apropriações humanas; Zoneamento arqueológico subaquático.

INTRODUÇÃO

O rio Potengi, desde o período colonial, já era evidenciado como um espaço favorável a navegação (SOUZA, 2000), servindo tanto como via de permanência como de passagem para embarcações com fins comerciais e de conquista. Embora tenha sido apresentado na historiografia do Rio Grande do Norte como um espaço viável à navegação, o estuário do Potengi e suas apropriações humanas, até então, não tinham sido analisados por um viés arqueológico. Deste modo, o objetivo geral da presente pesquisa visou produzir uma carta de zoneamento das áreas de potencial arqueológico subaquático ligados a navegação no estuário do rio Potengi durante o século XVII.

METODOLOGIA

Para a identificação das áreas apropriadas pelo homem no estuário do Potengi durante o século XVII, foram realizadas pesquisas em fontes documentais primárias e secundárias. Para melhor compreender as modificações do contexto arqueológico e

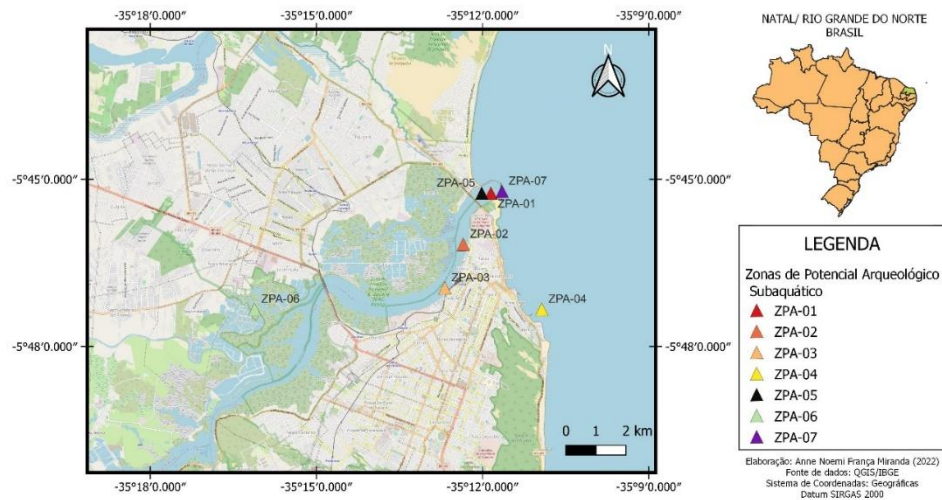
²⁰ Universidade Federal de Pernambuco - UFPB.

ambiental que ocorreram no estuário do Potengi ao longo dos anos, foram consultados trabalhos acadêmicos nas áreas da geografia e geomorfologia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através dos resultados obtidos foi possível chegar a conclusão da existência de sete áreas de potencial arqueológico: A primeira zona de potencial arqueológico subaquático compreende a área nas proximidades da Forte dos Reis Magos na barra do rio Potengi, essa área foi impactada pela obra fixa do Dique da Limpa sofrendo assoreamento. A segunda zona de potencial arqueológico compreende a área do atual Canto do Mangue (MEDEIROS FILHO, 2010), sendo uma área bastante impactada pelas obras de dragagem. A terceira zona de potencial arqueológico compreende a área nas proximidades do atual bairro da Cidade Alta, na qual foi bastante impactada pelas obras de dragagem. A quarta zona de potencial arqueológico subaquático foi identificada na atual praia de Areia Preta (MEDEIROS FILHO, 2010), onde foram construídos espigões nas proximidades. A quinta zona de potencial arqueológico compreende a atual área da praia da Redinha defronte ao Forte, local onde sofreu grandes impactos com as obras de dragagem e obras fixas. A sexta zona de potencial arqueológico subaquático compreende o antigo riacho Guajaí, conhecido atualmente como riacho do Rego Moleiro (MEDEIROS FILHO, 1989), nessa área não se tem registros de obras interventivas humanas. A sétima zona de potencial arqueológico subaquático compreende a área dos arrecifes onde foi construído o Forte, sendo a única área que sofreu alterações de seu ambiente natural pela ação humana desde o século XVII. Durante os séculos XX e XXI também foram realizadas obras de derrocagem na ponta do Picão e na barra do rio Potengi.

CARTA DE ZONEAMENTO ARQUEOLÓGICO SUBAQUÁTICO DO RIO POTENGI (SÉCULO XVII)



94

Figura 1: Carta de Zoneamento Arqueológico Subaquático do Rio Potengi. **Fonte:** Miranda, 2022.

CONCLUSÃO

Deste modo, foi concluído que as zonas um, dois, três e cinco e sete apresentaram de baixo a médio potencial arqueológico devido, principalmente, as obras de dragagens e derrocagens. As zonas quatro e seis apresentam de médio a alto potencial arqueológico por não terem sido diretamente afetadas por obras de dragagem e derrocagem.

REFERÊNCIAS

SOUZA, Gabriel Soares de. **Tratado Descritivo do Brasil em 1587**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia Ltda, 2000.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Os Holandeses na capitania do Rio Grande**. Natal: Instituto Histórico e Geográfico do RN, 2010.

_____. **No Rastro dos Flamengos**. Natal: Fundação José Augusto, 1989.

95



UM OLHAR ARQUEOFAUNÍSTICO SOBRE CASAS DE FAZENDA NO SERIDÓ NORTE-RIOGRANDENSE, SÉCULOS XVIII AO XX

Kathelly Rayssa Vital²¹
kathellyvital@gmail.com

RESUMO

96

O objetivo é nortear o leitor sobre a região Seridó do estado do Rio grande do Norte para que saibam um pouco sobre esses Sítios, Culumins e Totoró e sobre o material arqueofaunístico encontrado, além de iniciar uma discussão no que tange aos hábitos alimentares, culturais e sociais da população sertaneja.

Palavras- chave: Zooarqueologia; Casas de Fazenda. Arqueofauna.

É importante ressaltar o espaço de escolha para a pesquisa, sendo o do Seridó potiguar, localizado no estado do Rio Grande do Norte, Segundo Diniz (2008), o início da ocupação histórica do atual Seridó norte-rio-grandense, ou potiguar, teria ocorrido a partir da concessão da primeira data de terra, por volta do ano de 1676, isto, em uma área atualmente pertencente ao município de Acari.

Desde o século XVII as ribeiras do Seridó foram lugar de ocupação e a partir da implantação de fazendas de gado, e segundo Medeiros Filho (1983) *apud* Diniz (2008: 51) “o processo de criação do gado dava-se da seguinte forma: o seridoense abastecia-se de garrotes no Piauí, engordava-os no Seridó, revendendo-os quando bois erados nas feiras de gado da Paraíba e Pernambuco”.

Observasse ainda que na segunda metade do século XVIII existia na “Ribeira do Seridó”, especificamente no território da Freguesia Gloriosa de Sant’Ana, que quase em sua totalidade integra o atual município de Caicó/RN, havia um total de setenta fazendas (DINIZ, 2008). Este contexto, evidencia que o gado atuou como vetor econômico e de povoamento no Seridó entre os séculos XVII e XVIII, sendo que, entretanto, já no século XIX a economia seridoense e a implantação de fazendas na região passaram a ser fortemente influenciados pelo cultivo do algodão.

²¹ Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF.

A partir das pesquisas iniciadas em 2016, há uma amostra catalogada com 1.224 peças que foram coletadas durante as escavações dos sítios arqueológicos Culumins, uma fazenda cuja ocupação histórica remonta ao século XIX, estendendo-se até o século XX, e que está atualmente no território do município de Caicó/RN; e Totoró, outro assentamento histórico, que está localizado no hoje município de Currais Novos e cuja ocupação histórica está localizada no século XVIII. Uma leitura preliminar do material zooarqueológico coletado, evidenciou ossos calcinados e não calcinados, além de fauna composta por animais domésticos, como aves e bovinos, além de animais provenientes da caça, como o mocó, *Kerodon rupestris*, um roedor encontrado na caatinga.

O material arqueofaunístico e os padrões de distribuição das evidências arqueológicas a ele inerentes, formam conjuntos de relações (ALLISON, 1998) e essas relações são estruturadas entre pessoas, atividades desenvolvidas e os comportamentos a elas relacionados, perpassando por esses os mais diferentes recursos, sejam esses objetos ou evidências de hábitos alimentares e podendo, inclusive, ambos os casos estarem ligados sob o ponto de vista da zooarqueologia.

Esta integração será por nós compreendida como elementos de uma materialidade (MILLER, 2013) e, também, sob a ótica de uma arqueologia sertaneja (SOUZA, 2017), configurada enquanto um campo de atuação no interior da arqueologia histórica e que possui capacidade tanto prática quanto interpretativa, direcionada à compreensão de populações que habitaram os espaços sertanejos e sobre as quais há poucas informações.

REFERÊNCIAS

ALLISON, P. M. 1998. **The Household in Historical Archaeology.**; Australasian Historical Archaeology. n. 16

DINIZ, N. M. M. 2008. Velhas fazendas da Ribeira do Seridó. **Dissertação (Mestrado).** Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade de São Paulo.

MILLER, Daniel. 2013. **Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material.** Rio de Janeiro: Zahar.

SOUZA, R. de A. e. 2017. Um lugar na caatinga: consumo, mobilidade e paisagem no semiárido do Nordeste Brasileiro. **Tese (Doutorado em Ambiente e Sociedade)** Universidade Estadual de Campina, São Paulo.

MOLDADAS PARA GUERRA: UMA PROPOSTA DE ESTUDO DA APLICAÇÃO DA ARQUITETURA MILITAR EM TERRA EM SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS NO NORDESTE DO BRASIL

Lucas Alves das Rocha²²

lucas-alves170@hotmail.com

Izabela Pereira de Lima²³

izabelapereiradelima@hotmail.com

Henry Sócrates Lavalle Sullali²⁴

henry.lavalle@ufpe.br

99

RESUMO

A guerra modifica a paisagem na qual ela acontece, em todas as escalas possíveis, e muitas vezes essas paisagens são escolhidas por causa de certas matérias-primas, o presente trabalho irá demonstrar o uso do solo como matéria-prima para construção de estruturas fortificadas e como elas permanecem na paisagem como sítios arqueológicos.

Palavras- chave: Arqueologia da Guerra; Arqueologia da Arquitetura; Arquitetura de Terra; Forte Real de Nossa Senhora de Nazaré; Parque metropolitano Armando de Holanda Cavalcanti.

A utilização da terra como matéria-prima para construção de habitações e outros tipos de estruturas arquitetônicas tem uma longa história, em diferentes sociedades, nos mais diferentes períodos cronológicos, podemos mencionar A Babilônia, no crescente fértil; as mastabas egípcias; A grande muralha da China; A cidadela de Chan-Chan, da civilização Chimú, no norte do Peru; as antigas cidades de Djenné, em Mali; as casas subterrâneas dos grupos macro- Gê do planalto e do sul do Brasil e os aldeamentos Tupis do litoral brasileiro, até as fortificações e trincheiras, do século XVI até a guerra da Ucrânia, esses são alguns exemplos dos diversos que existem espalhado no globo e que vem sendo estudados.

O termo “Arquitetura de terra” foi criado na segunda metade do século passado para identificar as diversas técnicas construtivas que utilizam o solo, sem sofrer queima, seja ele moldado ou de forma quase “crua” para confecção de estruturas arquitetônicas,

²² Universidade Federal de Pernambuco- UFPE.

²³ Universidade Federal de Pernambuco- UFPE.

²⁴ Universidade Federal de Pernambuco- UFPE.

contudo os sítios arqueológicos com certas técnicas construtivas já eram evidenciados no final do século XIX e início do seguinte.

Muitos destes sítios se tornaram desagradáveis para escavar, pois não se tinham uma metodologia de se escavar sem destruir os vestígios estruturais, até os arqueólogos Robert Koldewey e Walter Andrae começaram a aplicar uma metodologia de raspagem para evidenciar o que era solo e o que eram estrutura de adobe em sítios importantes do oriente médio, como a já citada Babilônia. (FAGAN, 2019. p. 149-156), o próprio Gordon Childe vai chamar a atenção para o reconhecimento destas estruturas em terra em superfície e os cuidados para escavar.

Para alguns autores, a introdução das técnicas construtivas de terra no Brasil, foi feita pelos portugueses, contudo, com base em algumas crônicas, tantos os alguns índios tupi-guarani como os alguns do grupo dos gês, utilizavam a técnica de pau-a-pique para fazer suas ocas, como as aldeias fortificadas. Com a chegada não só dos Europeus, como dos escravos africanos, os arquitetos italianos, os mestres de obras mudéjares entre tantos outros, houve uma diversificação e da aplicação das técnicas, em especial nas fortificações.

O presente estudo tem como base demonstrar a presença destes sítios arqueológicos, em especial no Nordeste do Brasil e explanar sobre o potencial e a necessidade da preservação. Usando como objetos de estudo o Forte Real de Nossa Senhora de Nazaré (Forte de Nazaré) e o reduto Bagnuolo MGLI-001, que se encontra no parque metropolitano Armando de Holanda Cavalcanti, no município do Cabo de Santo Agostinho, Pernambuco.

Ambas as fortificações foram construídas nas primeira fase da invasão holandesa, entre 1630 e 1635, e seus vestígios foram localizados pela Universidade Federal de Pernambuco, contudo como pouquíssimos pesquisadores consegue visualizar esses vestígios, alguns acreditam que não exista, como podemos citar, a menção de Castro Lopes (2022, p. 52) que descreve acerca das ações sobre a preservação das estruturas arquitetônicas do parque metropolitano: “ O **Forte de Nazaré** e o Forte de Ghijselin não foram contemplados no âmbito deste produto dado que não existem vestígios arqueológicos que comprovem a sua existência, apesar das inúmeras referências bibliográficas ao longo dos séculos.”, percebe-se que por desconhecer as pesquisas realizadas pela UFPE, cita erroneamente que vestígios do forte não existem.

REFERÊNCIAS

CASTRO LOPES, D. D. 2022. **Projetos e parcerias para o desenvolvimento sustentável do território de SUAPE – Complexo Industrial Portuário Governador Eraldo Gueiros Gueiros**: Documento técnico contendo os diagnósticos dos patrimônios histórico-culturais do Complexo Industrial e Portuário de SUAPE. Abril de 2022.

FAGAN, B. 2019. **Uma breve história da arqueologia**. São Paulo: L&PM.

LIMA, I. P. de. *Et alli*. 2021. A herança de Marte: Novas abordagens metodológicas acerca da arqueologia da guerra em Pernambuco. **Revista Habitus**, v. 19, n. 2 (2021), Goiás: Editora PURC-GOIÁS, 2021, pags. 255-275

SIMPÓSIO TEMÁTICO 03
GÊNERO E ARQUEOLOGIA: O QUE MUDAMOS DESDE 2020?
PERSPECTIVAS DESDE O NORDESTE

ARQUEOLOGIA NO CEMITÉRIO DE SANTO AMARO, RECIFE/PE: UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES INFANTIS PRESENTES NA ARTE FUNERÁRIA DOS JAZIGOS (1851 - 1930)

Luís Filipe Harten Nogueira²⁵
luis.harten@ufpe.br

103

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar e comparar frequências nas variáveis de representações infantis (e suas relações) visivelmente apresentadas nos jazigos do cemitério de Santo Amaro das Salinas, entre 1851 e 1930, comparando Primeira República e Segundo Reinado.

Palavras-chave: Arqueologia Histórica; Estudos cemiteriais; Infância; Arte Tumular. Cemitério de Santo Amaro.

Os cemitérios, locais de descanso dos mortos, são também palcos de manifestações culturais dos vivos, onde se vinculam tradições originárias de diferentes épocas através de jazigos, muitos dos quais monumentos funerários de grande valor artístico que, contextualizados no espaço funerário, carregam importante valor patrimonial. O patrimônio funerário dos cemitérios históricos pode nos fornecer informações únicas sobre vários aspectos da sociedade, se configurando como fonte para estudos históricos, arquitetônicos, sociológicos e arqueológicos.

O cemitério de Santo Amaro foi inaugurado em meados do século XIX na cidade do Recife, seguindo uma política higienista que proibiu a prática de sepultamentos nas igrejas. Como primeiro cemitério público do Recife e possuindo o maior acervo de obras de arte tumular da cidade, com significativo valor patrimonial, questiona-se como se caracterizam as representações infantis presentes na cultura material da arte tumular dos jazigos nos períodos do Segundo Reinado e da Primeira República. Diante deste questionamento, levanta-se a hipótese de que, como reflexo das grandes mudanças sociais pelas quais passava a sociedade brasileira, e a pernambucana em particular, se encontrariam variações de frequências estilísticas e representativas entre esses dois períodos, nas representações infantis na arte tumular do cemitério de Santo Amaro. O

²⁵ Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

objetivo deste trabalho é analisar e comparar frequências nas relações entre variáveis de representações infantis e elementos artísticos associados a elas visivelmente apresentadas nos jazigos do cemitério, entre 1851 e 1930.

Entre os elementos artísticos analisados estão tipo de arte, matéria-prima, tipo de jazigo, categoria de representação infantil, ações representadas, e associações entre representações. Foram distinguidas quatro categorias de representações infantis: Criança (**Imagem 1**), Anjo (**Imagem 2**), Querubim (**Imagem 3**), e representação fotográfica.



Imagem 1: Categoria de representação: criança (jazigo nº F11 da quadra 40, setor 4).
Fonte: Luís Nogueira, 2022.



105

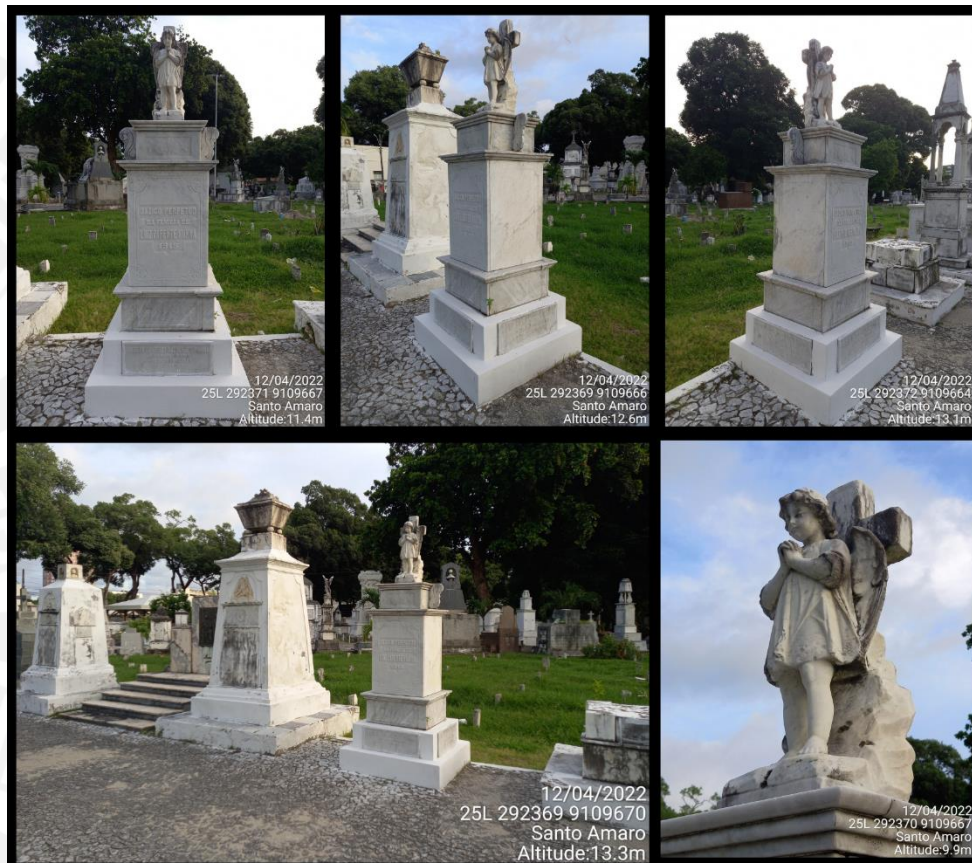
Imagem 2: Categoria de representação: anjo (jazigo nº F59 da quadra 11, setor 1).
Fonte: Luís Nogueira, 2022.



Imagem 3: Categoria de representação: querubim (jazigo nº F59 da quadra 5, setor 1).
Fonte: Luís Nogueira, 2022.

A pesquisa foi desenvolvida em três etapas: A primeira uma pesquisa bibliográfica, sobre a história do cemitério de Santo Amaro, o conceito de cemitério e os de patrimônio cultural e funerário, e ainda sobre arte tumular, e os estudos cemiterais. Nesta etapa ainda foi realizado um levantamento documental, fotográfico e iconográfico

sobre a arte tumular. Na segunda etapa foi realizada a pesquisa de campo com registro fotográfico (**imagem 4**) para levantamento dos jazigos e a coleta de dados para inserção em fichas de análise. A terceira etapa consistiu no processamento e análise dos dados coletados em campo.



106

Imagem 4: Critérios seguidos no registro fotográfico, com o jazigo nº F13 da Quadra 3 (Setor 1). Respectivamente, da esquerda para a direita e de cima para baixo: Foto de frente, da lateral esquerda, da direita, inserido em contexto, e detalhes.

Fonte: Luís Nogueira, 2022.

As fichas de registro de campo foram elaboradas com base na referência de autores que analisam túmulos em estudos cemiteriais. Entre esses autores, estão: Lima (1994), Castro (2008), Bellomo (2008), Araújo (2006), Paz (2018), Santos (2016) e Machado (2017).

Foram identificados 27 jazigos que correspondiam às especificações da pesquisa, 8 do Segundo Reinado e 19 da Primeira República. Os dados processados indicam que na Primeira República há um reforço na (já presente) predominância de associações de elementos religiosos às representações infantis, representações de crianças terrenas se

tornam menos frequentes na transição entre os períodos históricos analisados, enquanto representações de querubins se tornam muito mais frequentes. Representações de anjos se apresentaram as mais frequentes nos dois períodos analisados. Por sua vez, ocorreu um aumento na variedade de associações entre elementos das representações entre o Segundo Reinado e a Primeira República, fato que indica um investimento realizado pela sociedade recifense na cultura material funerária do primeiro ao segundo período.



REFERÊNCIAS

ARAÚJO, T. N. de. 2006. **Túmulos celebrativos de Porto Alegre: Múltiplos olhares sobre o espaço cemiterial (1889 – 1930).**

BELLOMO, H. 2008. **Cemitérios do Rio Grande do Sul: Arte, sociedade, ideologia.**

CASTRO, E. T. 2008. **Aqui também jaz um patrimônio: identidade, memória e preservação patrimonial a partir do tombamento de um cemitério (o caso do Cemitério do Imigrante de Joinville/SC. 1962-2008).**

LIMA, T. A. 1994. **De morcegos e caveiras a cruzeiros e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade sociais).**

MACHADO, F. D. C. 2017. **Arqueologia Funerária no Cemitério de Santo Amaro: Jazigos e Signos da Elite Recifense na Segunda Metade do Século XIX.**

NOGUEIRA, R. de S. 2013. **Quando um cemitério é patrimônio cultural.**

NOGUEIRA, L. F. M. H. A. 2022. **Arqueologia no Cemitério de Santo Amaro, Recife/PE: uma análise das representações infantis presentes na arte funerária dos jazigos (1851 - 1930).**

PAZ, R. A. da. 2018. **A arte tumular do cemitério de Santo Amaro, no Recife: Uma análise das representações das imagens femininas.**

SANTOS, E. V. A. dos. 2016. **Arqueologia no cemitério histórico de Santo Amaro: uma análise decorativa dos túmulos históricos.**

O CEMITÉRIO DOS INGLESES EM SALVADOR, BAHIA: DOCUMENTAÇÃO DA ARTE E ARQUITETURA CEMITERIAL

Fabiana Comerlato²⁶
fabianacomerlato@ufrb.edu.br

Laiane Nunes Lima²⁷
laydelaura159@gmail.com

109

RESUMO

Essa comunicação tem objetivo de apresentar a importância do processo de documentação da arte e arquitetura cemiterial no Cemitério dos Ingleses de Salvador, como forma de manter as informações das estruturas tumulares, configurando-se como um instrumento para sua preservação.

Palavras-chave: Documentação; Cemitério dos Ingleses; Patrimônio funerário.

O Cemitério dos Ingleses, *British Cemetery*, está localizado no meio da Ladeira da Barra, junto à escarpa e à beira da Baía de Todos-os-Santos, na capital baiana. Situado na freguesia da Vitória, com 60 braços de comprimento por 34 de largura, sua construção teve início em fevereiro de 1811, sendo seu túmulo mais antigo datado de 1813.

O Cemitério dos Ingleses foi restaurado e aberto com grande repercussão e hoje ele é administrado pela “Associação da Igreja de São Jorge e Cemitério Britânico” como mostra a imagem 1.

Esta pesquisa dedicou-se à documentação das estruturas tumulares do primeiro patamar, composto por 4 alinhamentos, distribuídos em dois corredores, que acompanham o seu comprimento, e partir do levantamento em campo, foram contabilizadas 269 unidades.

²⁶ Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB.

²⁷ Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB.



Imagem 1: vista parcial do Cemitério dos Ingleses, Bahia; **Fonte:** fotografia de Nicolas Etchevarne, 2021.

Visando a identificação e a descrição artística e arquitetônica das estruturas estudadas, utilizamos uma ficha de registro de sepultura para arquitetura e arte cemiterial dessa forma as formas arquitetônicas foram organizadas em tipos, seguindo a tipologia criada na análise dos túmulos do segundo patamar como mostrado na imagem 2.

| Tipo 1 | Tipo 2 | Tipo 3 | Tipo 4 | Tipo 5 | Tipo 6 | Tipo 7 |
|---|--|--|--|--|---|--|
| Estela: laje com inscrição, elemento disposto na vertical, assentado sobre uma base aos pés ou na cabeceira da estrutura tumular subterrânea. | Estela em pedra bruta: laje com inscrição em pedra bruta (sem lapidação e desbaste). | Tampa tumular: laje com inscrição que cobre o túmulo, sendo rente ao solo. | Carneira retangular: túmulo em formato retangular acima no nível do solo. | Carneira retangular com cabeceira: túmulo em formato retangular com cabeceira. | Carneira retangular escalonada: túmulo em formato retangular com caixas sobrepostas. | Carneira retangular escalonada com cabeceira: túmulo em formato retangular com caixas Sobrepostas e presença de cabeceira. |
| Tipo 8 | Tipo 9 | Tipo 10 | Tipo 11 | Tipo12 | Tipo13 | Tipo14 |
| Carneira sarcófago: túmulo em formato de sarcófago, incluindo uma variabilidade de tipologias. | Ohalim: túmulo em forma de tenda, com as extremidades prismáticas, de acordo com a Tradição sefardita. | Carneira rolo: túmulo em formato retangular em sua base e na parte superior arredondada. | Escultura sobre pedestal: obra escultórica tridimensional apoiada sobre embasamento. | Obelisco: pilar alto monolítico em forma de paralelepípedo, cujo corpo vai estreitando-se na parte superior até terminar em forma de pirâmide. | Monumento: túmulo de grandes proporções com elementos arquitetônicos e/ou esculturas. | Outros tipos – sepultura que não se encaixam nas demais tipologias ou apresentam apenas a delimitação do túmulo sem ter de fato uma sepultura. |

Imagem 2: Tipologia de Arquitetura Tumular; Fonte: elaboração das autoras, 2021.

As estelas, tipo 1, compostas de um único bloco de pedra, são muito recorrentes nos cemitérios britânicos, portanto, resolvemos elaborar uma classificação tipológica para as estelas, tomando como referência suas morfologias (**Imagem 3**).

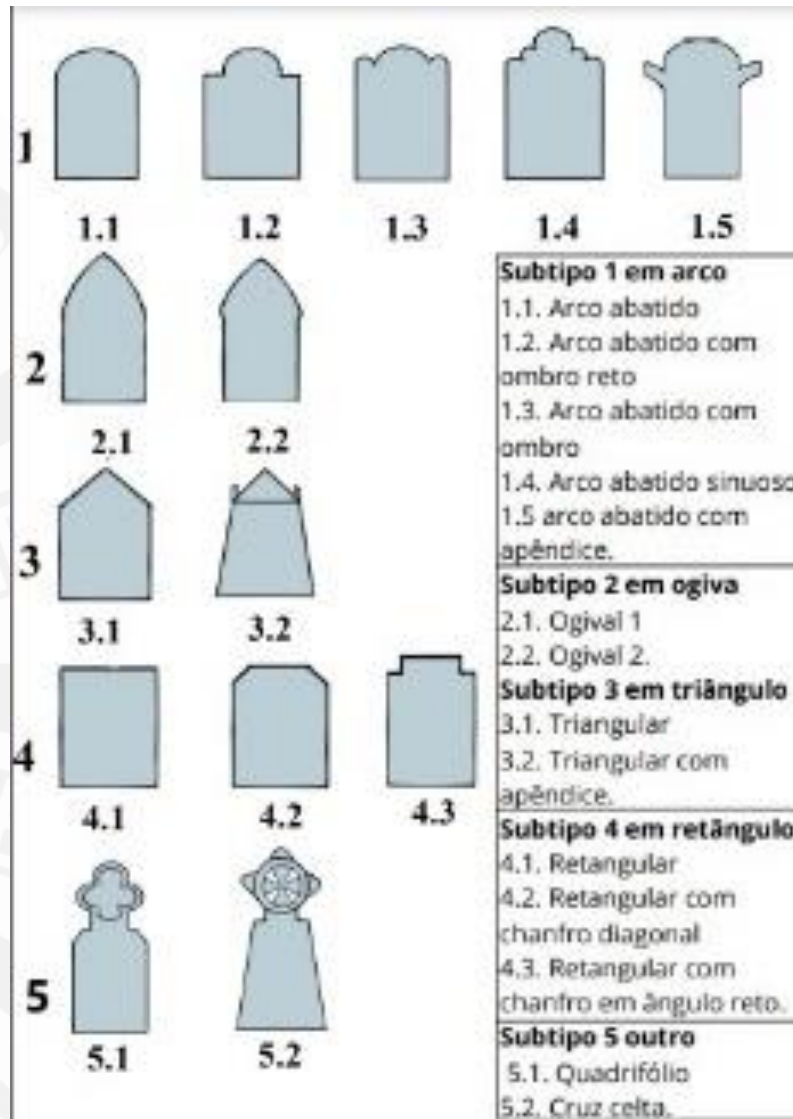


Imagem 3: Quadro tipológico de estelas; Fonte: elaboração das autoras, 2021.

Os gráficos abaixo contêm as informações dos tipos de lápides mais presentes no cemitério, para isso foi analisada cerca de 107 estelas separadas por um intervalo de tempo de 1813 a 1849; 1850 a 1897; 1900 a 1949; 1950 a 1999 e 2000 a 2017 (*vide* gráficos).



Gráfico 1: 1813 a 1849; fonte: elaboração das autoras, 2022.



Gráfico 2: 1850 a 1897; fonte: elaboração das autoras, 2022.



Gráfico 3: 1900 a 1948; fonte: elaboração das autoras, 2022.

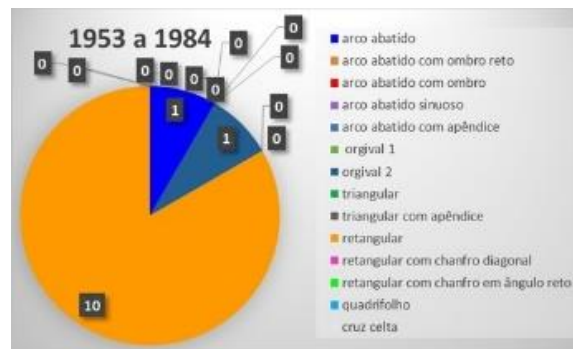


Gráfico 4: 1950 a 1999; fonte: elaboração das autoras, 2022.



Gráfico 5: 2000 a 2017; fonte: elaboração das autoras, 2022.

A descrição de todos os elementos de cada unidade tumular nos permite compor uma visão geral do bem cultural e, somada às demais unidades, estabelecer uma caracterização geral dos aspectos físicos e simbólicos que perpassam a construção do espaço cemiterial pela comunidade britânica de Salvador dos séculos XIX e XX.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, E. R. X. de. Uma necrópole renascida: a história do Cemitério dos Ingleses da Bahia. 2006. 194 f. **Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)** – Programa de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

COMERLATO, F.; BARBOSA, J. V. B. A casa das sepulturas: aportes iniciais para a documentação de uma arte cemiterial judaica no Brasil. **Anais do X Congresso Internacional em Ciências da Religião: religião, espiritualidade e saúde: os sentidos do viver e do morrer.** Pontifícia Universidade Católica de Goiás, GO, 21 a 23 de outubro de 2020, pp. 254-259.

LIMA, T. A. De morcegos e caveiras a cruzeiros e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade sociais). **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 87-150, 1994. Disponível em < <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5297> > . Acesso em: 3 jul. 2021.

RIEDEL, A. **Cemiterio Inglez na Bahia.** Salvador, BA: [s.n.], [1868-1869]. 1 foto, papel albuminado, pb, 22,3 x 28,4. Disponível em < http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=5583 > . Acesso em 22 jun. 2021.

SIMPÓSIO TEMÁTICO 04:
ENTRE A AMAZÔNIA E O SERTÃO: ENSINO, PESQUISA,
LICENCIAMENTO E GESTÃO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO NO
MARANHÃO

UMA EXPERIÊNCIA NO SALVAMENTO ARQUEOLÓGICO MECANIZADO NA ILHA DE SÃO LUÍS

Fernanda Lopes Viana²⁸
viana.fernanda@discente.ufma.br

Welington Lage²⁹
welingtonlage@gmail.com

116

RESUMO

O estudo ocorreu na área do empreendimento “Cedro Autoposto & Conveniência” situado na Ilha de São Luís, MA, utilizou-se de uma metodologia de escavação mecanizada em superfície ampla de 5x5m em cinco pontos e concluímos, corroborando com Bandeira (2012) que, essa área trata-se de reocupações ocorridas na Ilha, intituladas de “lugares persistentes”.

Palavras-chave: Metodologia; Salvamento Arqueológico; Reocupação; São Luís; Licenciamento Ambiental.

A utilização de maquinário em escavações arqueológicas no Brasil entrou em evidência nos últimos 10 anos, todavia, apesar de ser recente seu uso em território nacional, é uma prática recorrente em outros países e, há aproximadamente 50 anos, o método de decapagem mecanizada é empregada, como nos demonstraram os estudos arqueológicos de Walker (1967), estudo mais antigo registrado sobre essa temática, essa investigação primária de Walker utilizou-se de diversas máquinas e metodologias variadas, todavia recentemente existem duas técnicas popularizadas para o uso de maquinário pesado na Arqueologia: a primeira são as prospecções com trincheiras e a segunda são poço-teste extensos (PORTO, 2019), entretanto, pontuamos no presente estudo o uso das duas técnicas mescladas em ampla abertura.

Desenvolvemos nosso estudo durante as atividades do Acompanhamento Arqueológico das Obras do “Cedro Autoposto & Conveniência”, ocorrido em janeiro de 2022 no município de São José de Ribamar, na Ilha de São Luís, MA. O trabalho chama

²⁸ Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

²⁹ Universidade de Coimbra – UC.

a atenção para a proximidade da área com três sítios arqueológicos localizados a norte, o Engenho (200m), Ubatuba e Monte Bello (800m).

Nossas atividades de salvamento arqueológico do Posto Cedro, objeto deste estudo, se iniciaram pela supressão vegetal da área, logo em seguida identificamos os cinco pontos com maior incidência de materialidade arqueológica, ressaltados em estudos anteriores, após evidenciá-los iniciamos o processo de decapagem mecanizada recorrendo à retroescavadeira, assim, foram realizadas intervenções de escavação mecanizada em superfície ampla de 5x5m nesses cinco Pts, além da abertura de corredores de interligação entre os PTs. As atividades resultaram na coleta de 812 peças arqueológicas, sendo 455 fragmentos cerâmicos, 305 líticos, 43 louças, cinco cacos de telha, dois cacos de vidro, um malacológico e restos de carvão.

Devido às similaridades em vários aspectos, como a estratigrafia e os vestígios arqueológicos, podemos inferir que a área do empreendimento é uma parte contínua do Sítio Arqueológico Engenho, sendo este componente da parcela sul do sítio. O material arqueológico coletado apresentou-se muito desgastado e indica uma associação entre os fragmentos cerâmicos e os líticos, mostrando uma possível ocupação de grupos horticultores ceramistas que dominavam as técnicas de lascamento, algumas peças remetem à Tradição Tupi-guarani e outras trata-se de material recente. Os vestígios líticos evidenciados são na quase totalidade, formados por fragmentos de pequenas dimensões, tipo microlíticos sem função identificada. Todos esses detalhes levam a concluir que, apesar de pertencer a uma porção do sítio Engenho, essas informações corroboram com o que Bandeira (2012) avalia como sendo “lugares persistentes”, quando acontece a reocupação de determinados lugares da Ilha de Upaon-Açu por grupos culturais distintos em diferentes momentos.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, A. M. 2012. Ocupações Humanas Pré-Coloniais na Ilha de São Luís: inserção dos sítios arqueológicos na paisagem, cronologia e cultura material cerâmica. **Tese de Doutorado**. Universidade de São Paulo- Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo.

PORTO, Vagner Carneiro. 2019. **Arqueologia hoje: tendências e debates**. <https://bit.ly/2ZWuI2W>>. Acesso em, v. 27, n. 07, p. 2020.

WALKER, I.C. 1967. Excavation With a Backhoe. **Ontario Archaeology**, n. 10, pp. 12-17. Brasil.

ACHADOS ARQUEOLÓGICOS EVIDENCIAM PRESENÇA HUMANA E EVENTOS NA CHÁCARA ROSANE EM SÃO LUÍS, MARANHÃO

Welington Lage³⁰

welingtonlage@gmail.com

Heralda Kelis Sousa Bezerra da Silva³¹

heralda.sousa@gmail.com

Daniel Ribeiro da Silva³²

daniel_ribeir10@hotmail.com

119

RESUMO

O salvamento arqueológico do Sítio foi um trabalho de Arqueologia de Contrato iniciado pelo PAIPA, seguido do PGPA. Foram realizadas uma escavação em superfície ampla, duas trincheiras e dez sondagens, resultando em mais de 60.000 peças, além de dois esqueletos humanos completos.

Palavras-chave: Arqueologia de Contrato; Sítio Chácara Rosane; Cultura material; Programa de Gestão Arqueológica; Maranhão.

Um estudo de Licenciamento Ambiental iniciado por um PAIPA, referente à instalação de um condomínio residencial multifamiliar localizado na avenida Mário Andreazza, no bairro Olho d'Água, São Luís, Maranhão, área central da Ilha de São Luís evidenciou centenas de vestígios arqueológicos, na maioria fragmentos cerâmicos.

Tal ocorrência correspondeu a mesma área que Odir Correia Lima Aroso e Olavo Correia Lima, em 1979, que identificaram uma mandíbula humana com dentes articulados e um enterramento secundário. O local foi denominado Sítio Arqueológico Chácara Rosane.

Diante dos resultados, o sítio Chácara Rosane foi delimitado em duas zonas distintas; uma onde ocorreu a maior concentração de material arqueológico (em verde claro na Figura 01) e outra que forneceu menor quantidade de vestígios (em verde escuro na Figura 01)

³⁰ /Universidade de Coimbra – UC..

³¹ WLage – Consultoria Científica Ltda.

³² WLage – Consultoria Científica Ltda.

Nesse sentido, de acordo com a IN 01/2015-IPHAN executou-se o PGPA, contemplando o salvamento arqueológico na área onde havia maior concentração de vestígios (verde claro) e o monitoramento arqueológico naquela em que os vestígios foram mais esparsos (verde escuro).

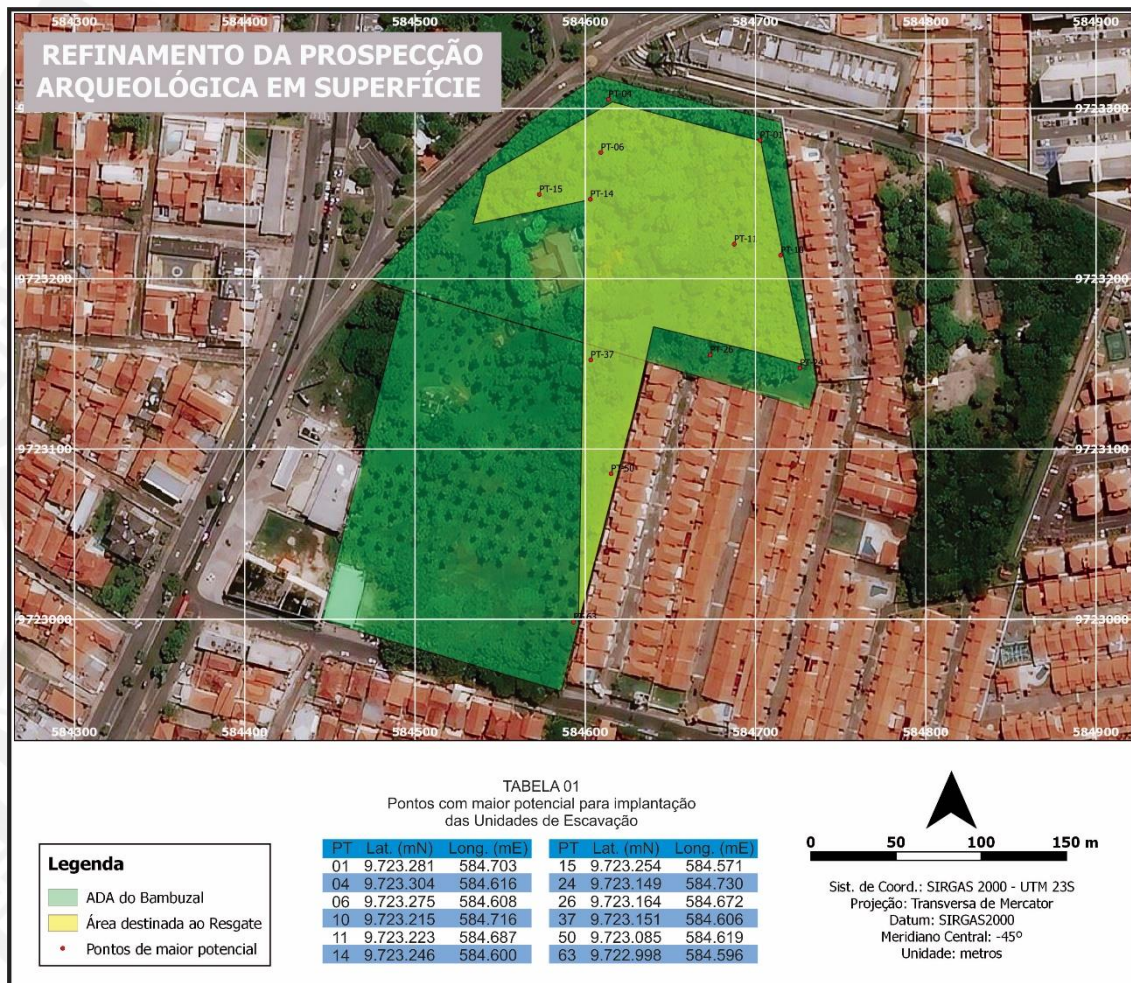


Figura 1: Sítio Arqueológico Chácara Rosane. **Fonte:** WLAGÉ – Arqueologia (2020).

O salvamento contemplou uma escavação em superfície ampla, duas trincheiras e dez sondagens, onde coletou-se 62.344 peças (**Figuras 2 e 3**), além de dois esqueletos humanos completos, cujas exumações foram feitas de duas formas, uma retirada em bloco e outra desarticulada. (**Figuras 4 e 5**).

A análise prévia do material indicou o que pesquisadores maranhenses já haviam observado na Ilha, ou seja, ocupações humanas contínuas em diferentes períodos, com

ceramistas, seguidos por sambaquieiros associados a cerâmica Mina, culminando com a chegada de grupos amazônicos, possivelmente vinculados ao Horizonte ceramista inciso associado à terra preta, entre dois mil a mil anos, finalizando com a presença de povos Tupinambá, entre os séculos XIV e XVII, já em contato com o colonizador europeu.

121



Figura 2: Fragmentos cerâmicos. **Fonte:** WLAGE – Arqueologia.



Figura 3: Apêndice em cerâmica. **Fonte:** WLAGE – Arqueologia.



Figura 4: Esqueleto que foi encapsulado.



Figura 5: Esqueleto que foi desarticulado.

O material foi encaminhado para a Reserva Técnica da UFMA a fim de ser preservado e futuramente estudado. As figuras abaixo ilustram os quantitativos dos

materiais arqueológicos evidenciados no Salvamento e no Monitoramento (Figuras 6 e 7).

FIGURA 06

Relação Total de Bens Arqueológicos do Sítio Chácara Rosane – Salvamento

| Tipo de material | Quant | Tipo de material | Quant | Tipo de material | Quant |
|-----------------------|--------|------------------|-------|----------------------|-------|
| Cerâmica | 36.282 | Malacológico | 1.243 | Metal | 11 |
| Osso | 21.398 | Carvão | 178 | Sedimento | 8 |
| Lítico | 3.200 | Vidro | 13 | Cerâmica construtiva | 1 |
| Total = 62.344 | | | | | |

122

FIGURA 07

Relação Total de Bens Arqueológicos do Sítio Chácara Rosane – Monitoramento

| Tipo de material | Quant | Tipo de material | Quant | Tipo de material | Quant |
|----------------------|-------|------------------|-------|------------------|-------|
| Cerâmica | 7.075 | Malacológico | 171 | Metal | 1 |
| Lítico | 341 | Louça | 3 | Osso | 18 |
| Total = 7.609 | | | | | |

O trabalho de Educação Patrimonial exigido no TR do IPHAN teve que ser modificado, em razão da Pandemia do COVID 19. O estado de *lockdown* impediu quaisquer ações presenciais, como, visitas ao sítio, palestras em escolas, oficinas, exposições temporárias etc. Decidiu-se então pela elaboração de um vídeo-documentário contemplando todas as fases do projeto, desde o PAIPA até a fase de salvamento e resgate. Na produção do vídeo optou-se pelo Método de Pesquisa Participante. Foram colhidos depoimentos de pessoas envolvidas direta ou indiretamente no processo, desde arqueólogos com conhecimento sobre arqueologia da Ilha, técnicos e auxiliares que participaram das atividades de campo, técnicos do IPHAN, representantes do empreendedor e visitantes fortuitos. O documentário produzido totalizou 30 minutos e tem sido divulgado por meio do Youtube³³. Até o presente atingiu a marca de 925 visualizações.

³³ <https://youtu.be/rII5Kcg3HqI>

REFERÊNCIAS

[1] BANDEIRA, A. M., 2015. Distribuição espacial dos sítios tupi na ilha de São Luís, Maranhão. **Caderno do LEPAARQ**, v. 12, n. 24, p. 59-96.

LIMA, O. C.; AROSO, O. C. 1989, **Pré-história maranhense**. São Luís, MA; SIOGR.

LAGE, W., 2021. **Relatório do Programa de Gerenciamento do Patrimônio Arqueológico do empreendimento Bambuzal – sítio Chácara Rosane - São Luís – MA**. São Luís: WLAGE Consultoria Científica Ltda. ago. 2021, 373p.

SIMPÓSIO TEMÁTICO 05:
DOS VIVOS AOS MORTOS: ABORDAGENS EM BIOARQUEOLOGIA

REGISTRO 3D: A IMPORTÂNCIA DA FOTOGRAMETRIA PARA A PRESERVAÇÃO DIGITAL DE ACERVO ARQUEOLÓGICO

Flávio Augusto de Aguiar Moraes³⁴
flavioaguiarac@gmail.com

Henrique Correia da Silva³⁵
henrique.silva@delmiro.ufal.br

Tatiane Maria Soares³⁶
tat.msouarez@gmail.com

125

RESUMO

O trabalho objetiva a criação de um banco de dados digital estruturado (CARRETT DE VASCONCELOS e SELDEN, 2017; RAMOS, 2011), para o acervo do sítio Pedra da Tesoura, Boqueirão-PB, utilizando como método o uso da fotogrametria de curto alcance e software de modelagem 3D. Como modelo, usamos um adorno (PT. 213.2). O acervo arqueológico mencionado encontra-se no Núcleo de Pesquisas e Estudos Arqueológicos e Históricos (NUPEAH) da Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão - Delmiro Gouveia/AL. Para tal, torna-se essencial o aperfeiçoamento de metodologias laboratoriais de preservação e gestão do acervo, tendo em vista os possíveis acidentes que possam colocar a integridade do material arqueológico, a exemplo, temos o caso de incêndio ocorrido no Museu Nacional, em 2018 (VIEIRA, 2019). Desse modo, a Arqueologia Digital (FIGUEIRÔA, 2012, p. 3) oferece subsídios necessários para a disseminação do conhecimento arqueológico, promovendo assim, novas reflexões sobre as pesquisas acadêmicas através da interação com a sociedade, mediante as tecnologias de comunicação. Como resultado final, esperamos obter imagens 3D detalhada, para, em caso de danos ao material arqueológico, termos o registro arquivado para a realização de estudos futuros, além de consolidar a importância das tecnologias digitais para a pesquisa e preservação do patrimônio arqueológico. O intuito do projeto é a digitalização de todo o acervo do NUPEAH, composto por material osteoarqueológico humano e animal, acompanhamentos funerários (adornos), cerâmico, lítico, e até mesmo de sítios com arte rupestre. O processamento das imagens será disponibilizado na internet, através do site oficial da Universidade Federal de Alagoas e Revista Científica de Ciências Humanas Caeté, vinculada ao NUPEAH.

Palavras-chaves: Fotogrametria; 3D; Arqueologia.

O trabalho apresenta a criação de um banco de dados digital estruturado (CARRETT DE VASCONCELOS e SELDEN, 2017; RAMOS, 2011), através do uso da

³⁴ Universidade Federal de Alagoas - UFAL, Campus do Sertão.

³⁵ Universidade Federal de Alagoas -UFAL, Campus do Sertão.

³⁶ Universidade Federal de Sergipe - UFS, Campus Laranjeiras.

fotogrametria de curto alcance e modelagem 3D, aplicada ao patrimônio arqueológico com o objetivo de armazenamento e gestão das informações referentes ao acervo arqueológico salvaguardado no Núcleo de Pesquisas e Estudos Arqueológicos e Históricos (NUPEAH) da Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão - Delmiro Gouveia/AL. As informações e documentações referentes à cultura material, constitui-se como “a principal fonte da pesquisa arqueológica e museológica, e pode também ser utilizada como fonte histórica” (RAMOS, 2011, p. 970). Para tal fim, torna-se essencial o aperfeiçoamento de metodologias laboratoriais de preservação e gestão do acervo, tendo em vista os possíveis acidentes que possam colocar a integridade do material arqueológico, a exemplo, temos o caso de incêndio ocorrido no Museu Nacional, em 2018 (VIEIRA, 2019). Desse modo, a Arqueologia Digital (FIGUEIRÔA, 2012, p. 3) oferece subsídios necessários para a disseminação de conhecimento arqueológico, promovendo assim, novas reflexões sobre as pesquisas acadêmicas através da interação com a sociedade, mediante as tecnologias de comunicação.

126

A amostra selecionada, devido a sua importância no acervo e por possuir características particulares, proveniente do sítio Pedra da Tesoura, no município de Boqueirão, Paraíba, é composta por um adorno (PT. 213.2) (**Figura 1**) confeccionado em osso animal e com marcas de cortes caracterizado como um padrão decorativo (SOARES, 2020).



Figura 7: Adorno selecionado para modelagem 3D. Acervo: NUPEAH.

A metodologia abordou a gestão do acervo bem estruturado, compreendendo a digitalização a partir da fotogrametria de curto alcance, como forma de preservação da cultura material (conservação, restauração, documentação e comunicação do acervo). Por sua vez, foi iniciada a partir do levantamento bibliográfico que versam sobre a utilização e divulgação de modelos digitais 3D, como complementos de estudos arqueológicos de livre acesso (LEAL, 2021; CAVALCANTI, 2019; MAGALHÃES; BARREDO e GASPAR, 2018; CARRETT DE VASCONCELOS e SELDEN, 2017; ANDRES, 2014; GARCIA, 2014; FIGUEIRÔA, 2012; ANDRADE; MENDES; DREES; VRUBEL; BELLON e SILVA, 2010).

127

O procedimento de fotogrametria de curto alcance para digitalização 3D, seguiu as seguintes etapas; 1. Seleção dos artefatos; 2. Fotografia técnica de cada objeto (**Figura 2**); 3. Colocação dos pontos de referência; 4. Captura dos dados; 5. Pós-processamento dos dados no software (**Figura 3**), como as mais apropriadas para o referido trabalho. Destacando que, segundo Denard (2006), “(...) no contexto de investigações inovadoras e complexas, nem sempre é possível determinar a priori o método mais apropriado ao nível das metodologias de visualização computadorizada”, existindo a possibilidade de novas técnicas de processamento de imagens a depender dos resultados de cada projeto. Destarte, foi utilizado como equipamentos; uma câmera Canon EOS Rebel T7 com lente de 18-55mm para obtenção de imagens sequenciais de curto alcance, luminária com frequência de 60Hz, estereomicroscópio Leica zoomm 2000 para aferir de forma aproximada as marcas de cortes do artefato supracitado, e, para o armazenamento e processamento dos dados e construção dos modelos tridimensionais, Laptop de 256GB com processador Core i5 64bits de 11ª geração, com placa de vídeo Iris X. Para a elaboração dos projetos tridimensionais através de nuvem de pontos e texturização, foi utilizado o software de licença estudantil Autodesk Recap Photo, driver Autodesk Desktop. Finalizando com a exposição livre dos arquivos de mídias em formato FBX através de link do Autodesk Fusion 360.



Figura 28: Captura de imagens em ângulos diferentes do adorno selecionado. Acervo: NUPEAH.



Figura 3: Etapas de processamento das imagens via software para modelagem 3D detalhada.
Acervo: NUPEAH.

Como resultado, esperamos obter imagens 3D detalhadas (**Figura 4**) que permitam compor o acervo, para, em caso de danos ao material arqueológico, termos o registro arquivado para a realização de estudos futuros, além de consolidar a importância das tecnologias digitais para a pesquisa e preservação do patrimônio arqueológico.

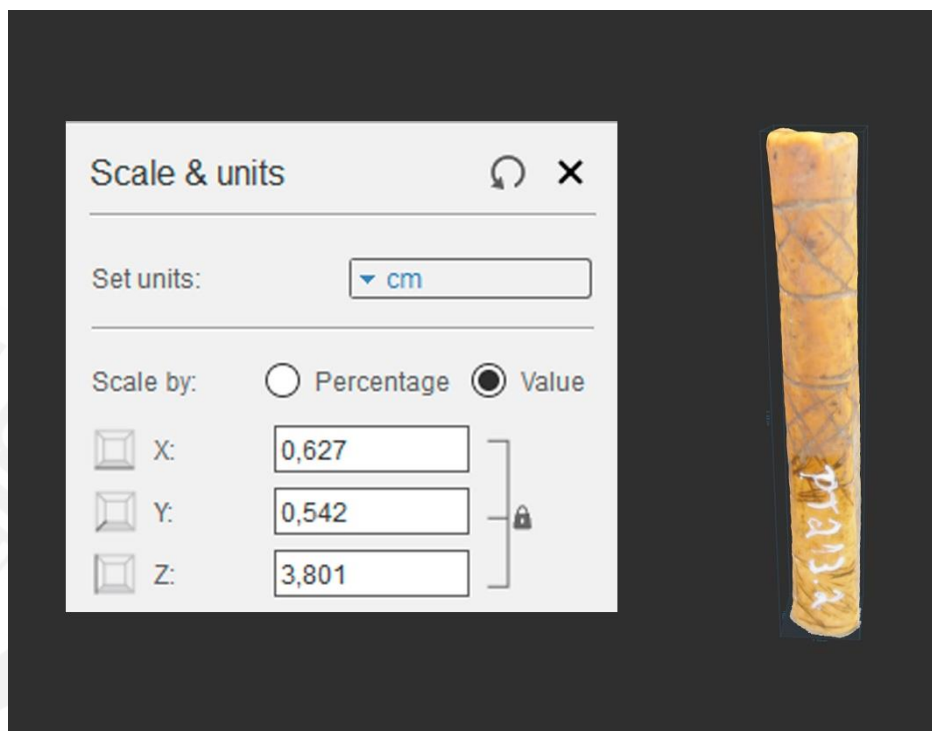


Figura 4: Resultado do processamento das imagens, obtendo-se um modelo tridimensional realista com escala de altura e volume do adorno selecionado. **Acervo:** NUPEAH.

O intuito do projeto é a digitalização de todo o acervo do NUPEAH, composto por material osteoarqueológico humano e animal, acompanhamentos funerários (adornos), cerâmico, lítico, e até mesmo de sítios com arte rupestre. Além disso, os resultados obtidos serão anexados a uma tese de doutorado em Arqueologia e ao Trabalho de Conclusão de Curso em História de pesquisadores vinculados ao laboratório que estão em andamento. O processamento das imagens será exposto na internet, através do site oficial da Universidade Federal de Alagoas e Revista Científica de Ciências Humanas Caeté, vinculada ao NUPEAH.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, B. T; MENDES, C. M; DREES, D. R; VRUBEL, A; BELLON, O. R. P; SILVA, L. 2010. Preservação digital de acervos naturais e culturais na UFPR: Iniciativas do grupo imago para a construção de modelos 3D realísticos e Museu Virtual Interativo Acessível Pela Internet. **Extensão em Foco**, Curitiba, n. 5, p. 87-99, Editora UFPR.

CARRETT DE VASCONCELOS, M. L.; SELDEN, R. Z. JR. 2017. "A Digitalização 3D das cerâmicas da coleção Valentin Calderón como ferramenta para a preservação". CRHR: Archaeology. 267.

CAVALCANTI, M. R. B. 2019. Patrimônio virtual: a reconstrução em 3D e a preservação do patrimônio cultural. **Dissertação (Mestrado)** – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural, Rio de Janeiro.

DENARD, H. 2006. **Carta de Londres para a visualização computadorizada do patrimônio cultural**. Londres: King's College London.

ENDRE, R. N. 2014. **A utilização de tecnologias 3D em análises de pontas de projétil da Tradição Umu: Uma proposta exploratória**. Trabalho de conclusão de Licenciatura em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

FIGUEIRÔA, R. de A. D. 2012. Por uma Arqueologia das mídias: digitalizando em 3D o acervo cerâmico do Museu de Arqueologia de Xingó. **MUSEITEC – Museologia, Tecnologia e Patrimônio Cultural**, Vol. 1, Número 1.

GARCÍA, M. de J. D. 2014. Registro arqueológico en 3D mediante la fotogrametría de rango corto. **TESIS PROFESIONAL** Para obtener el título de Licenciado en Arqueología. S. L. P.

LEAL, W. P. 2021. Realização de Testes em Software para Vetorização e Produção de Imagens 3D em Pinturas Rupestres como Técnica de Análise e Divulgação dos Grafismos do Sítio Arqueológico GO-Cp-16 em Palestina de Goiás, Brasil. **Trabalho de Conclusão de Curso** (graduação) – Instituto Goiano de Pré-história e Antropologia (IGPA)/Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Curso de Arqueologia.

MAGALHÃES, A. J. F; BARREDO, A. L; GASPAS, M. 2018. De volta ao passado: A aplicação da Fotogrametria para o registro arqueológico 3d. **REVISTA DE ARQUEOLOGIA**. Volume 31. Nº 1.

RAMOS, R. N. 2011. **Uma proposta digital para o gerenciamento do acervo arqueológico do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia (LEPAARQ) da Universidade Federal de Pelotas**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA E PATRIMÔNIO, 5, 2011, Pelotas. Anais...Pelotas: Editora da UFPel, pp. 970-978.

SOARES, T. M. 2020. **Caracterização e análise dos adornos funerários dos sítios Pedra da Tesoura e Lajedo do Cruzeiro, Paraíba - Brasil.** Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras. 165 f.

VIEIRA, M. A. do N. 2019. **O incêndio do museu nacional e seus efeitos nas pesquisas dos discentes.** vol. especial, nº 1 Ventilando Acervos Florianópolis.



QUE O CEMITÉRIO NOS CONTA? O DESENVOLVIMENTO DA CIDADE DE SÃO RAIMUNDO NONATO/PI NO SÉCULO XX SOB A ÓTICA CEMITERIAL

Danielle Pinto Viana³⁷

danielle.pintov@discente.univasf.edu.br

Jaciara Andrade Silva³⁸

jaciara.andrade@univasf.edu.br

133

RESUMO

Fruto do projeto “Arqueologia da Morte: o desenvolvimento da cidade de São Raimundo Nonato/PI no Século XX através das ocupações cemiteriais” (PBIC-FAPEPI) buscamos, com a análise de locais mortuários, entender a dinâmica social e econômica ocorrida sobretudo durante o século XX na cidade referida.

Palavras- chave: Arqueologia Histórica; Cemitérios; Arqueologia da Morte; São Raimundo Nonato.

Ambientes cemiteriais podem possuir várias interpretações ou até mesmo definições. Neste projeto, fruto do estudo “Arqueologia da Morte: o desenvolvimento da cidade de São Raimundo Nonato/PI no Século XX através das ocupações cemiteriais” (PBIC-FAPEPI), buscamos aliar questões históricas com dados estatísticos a fim de enxergar o ambiente cemiterial como um livro; visando enxergar e “transformar” os cemitérios em documentos vivos e fluidos no estudo histórico e arqueológico, buscando promover visões de estudos cemiteriais utilizando-os como reflexo do crescimento e desenvolvimento da cidade, cultura e todos seus elementos. Para isso, os cemitérios de Nossa Senhora de Lourdes e Nossa Senhora da Piedade foram utilizados como fontes para a coleta de dados sobre os indivíduos inumados entre o final do século XIX e século XX, informações foram coletadas a partir do uso fichas de elaboração própria, com levantamento de dados contidos no jazigo. A parte pesquisada foi dividida em oito setores, as informações coletadas transferidas de fichas físicas para o digital por meio da plataforma NOTION onde foram feitas tabelas com informações contidas no jazigo e o

³⁷ Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF.

³⁸ Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF.

setor presente (baseado na divisão feita pela autora). Foram analisadas características tais como material que a edificação foi feita, tipologia (signos verbais e não verbais com base em LIMA, 1994), uma média de idade per morte, sobrenomes e proximidade de jazigos de familiares dentre outras que possam nos servir de ajuda para montarmos uma espécie de perfil socioeconômico-social (e quiçá inferências religiosas) da cidade de São Raimundo Nonato, clarificando tais dados. Através das análises já mencionadas, foi possível perceber que o período econômico da extração de borracha da maniçoba (Manihot glaziowii) na região influenciou fortemente, causando ao longo do século XX uma “superpopulação” presente até hoje devido à falta de controle na distribuição do espaço da morte (visto os modelos de organização de cemitério estabelecidos desde o final do XIX em que consistia em geral na estruturação de quadras e ruas, entendendo o espaço como “cidades” para os mortos). Com isso, muitos registros nos locais sepultados estão ausentes ou até mesmo falhos, sobretudo nas estruturas mais simples, nos mostrando que o fator do poder aquisitivo influencia também após a morte. A questão cristã, presente desde o surgimento de São Raimundo como cidade, é uma força influenciadora ainda hoje; o que acaba também por influenciar a construção e formação cemiterial da cidade e arredores, com cemitérios informais presentes nos interiores. Chegamos à conclusão de que o estudo cemiterial é de grande valia para a sociedade em diferentes quesitos. Através das análises dos túmulos podemos traçar diversos paralelos a ações inerentes ao comportamento humano de motivos históricos, artísticos bem como ações sociais presentes nas cidades dos vivos.

REFERÊNCIAS

DIAS, W. P. 2001. São Raimundo Nonato, de **Distrito Freguesia a Vila**. 1ª edição, Teresina.

LANDIM, J. P. P.; OLIVEIRA, A. S. N. 2014. Caminhos da borracha: Memória e Patrimônio dos Maniçobeiros do Sudeste do Piauí. In: **XII Encontro da Associação Brasileira de História Oral**, 2014, Teresina. Anais [recurso eletrônico] / XII Encontro da Associação Brasileira de História Oral

LIMA, T. A. 1994. De morcegos e caveiras a cruzeiros e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade sociais). **Anais do Museu Paulista: história e cultura material**, v. 2, n. 1, p. 87-150.

OLIVEIRA, J. de S. 2011. 1912: São Raimundo Nonato, um projeto de emancipação política. **Monografia** (Licenciatura em História), UESPI, São Raimundo Nonato.

REIS, J. J. 1991. A Morte é uma Festa: Ritos fúnebres de revolta popular no Brasil do século XIX. **Companhia das Letras**, São Paulo.

MATOS, S. M. 2009. Análise tipológica das lápides do Cemitério Nossa Senhora de Lourdes e Nossa Senhora da Piedade, São Raimundo Nonato-PI. In: **XV Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira**.

COSTA, G. S.; CASTRO, V. M. C. 2015. **Patrimônio Funerário do Cemitério Histórico de Santo Amaro, no Recife**: Estado de Conservação dos Primeiros Túmulos.

BIOARQUEOLOGIA EM FOCO: UM RECORTE DA ARQUEOLOGIA NORDESTINA

Karla Freitas Oliveira³⁹
karlaoliver@outlook.com.br

RESUMO

O presente trabalho buscou construir um banco de dados com estudos na área da Bioarqueologia especificamente no Nordeste Brasileiro, além de catalogar os sítios com vestígios osteológicos humanos presentes temporariamente no Laboratório de Bioarqueologia da Universidade Federal de Sergipe.

Palavras- chave: Bioarqueologia; Paleopatologia Arqueologia Nordestina.

O estudo arqueológico possui diversas facetas, ênfases e abordagens. Neste cenário, a Arqueologia brasileira é rica quando se trata de diferentes contextos, permeando a pesquisa com a necessidade de enfoques regionais.

O objetivo geral deste trabalho foi estudar a bibliografia produzida no âmbito da Bioarqueologia na região Nordeste, já os objetivos específicos foram: realizar o mapeamento de estudos bioarqueológicos desenvolvidos sobre os sítios situados no Brasil; produzir um banco de dados a partir das bibliografias levantadas no item anterior; levantar os sítios arqueológicos com vestígios osteológicos humanos presentes temporariamente no Laboratório de Bioarqueologia da Universidade Federal de Sergipe (LABIARQ); inventariar os ossos humanos destes sítios e suas respectivas paleopatologias, quando houver, a partir de estudos já realizados e levantados.

As atividades foram divididas em duas fases: mapeamento e confecção de banco de dados sobre estudos bioarqueológicos no Nordeste brasileiro; e inventário do acervo temporário paleoantropológico junto ao LABIARQ.

O mapeamento de trabalhos realizados através da Bioarqueologia no território do nordeste foi idealizado para possibilitar a elaboração de um banco de dados que auxiliasse pesquisadores que possuíssem seus estudos voltados para linhas de pesquisa na área da

³⁹ Universidade Federal de Sergipe – UFS.

Bioarqueologia e afins, como Arqueotematologia, Paleopatologias ósseas e dentárias, agrupando produções de seu interesse em um mesmo local, de fácil acesso às informações.

Já a inventariação dos sítios temporários do Laboratório de Bioarqueologia da Universidade Federal de Sergipe foi idealizado como auxílio para pesquisadores com interesse em desenvolver pesquisas na área de Bioarqueologia no LABIARQ, visto que possibilitaria o conhecimento rápido sobre o material de origem bioarqueológica que o laboratório tem acesso, bem como suas especificidades quantitativa e paleopatológica (OLIVEIRA, 2021).

Como resultado obteve-se o levantamento satisfatório dos remanescentes humanos temporários no LABIARQ bem como suas patologias, e a elaboração do banco de dados que conta com mais de 50 trabalhos.

Conclui-se que o trabalho gerou importantes dados estatísticos contendo informações relevantes para pesquisadores futuros.

Os resultados foram publicados no Repositório da Universidade Federal de Sergipe como relatório final da pesquisa de Iniciação Científica Contextos Bioculturais de Populações Coloniais e Pós-coloniais: Vida e Morte.

REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, K. F. 2021. Contextos Bioculturais de Populações Coloniais e Pós-coloniais: Vida e Morte. **Relatório Final de Iniciação Científica**, Departamento de Arqueologia, Universidade Federal de Sergipe. [Consultado em 3-10-2022]. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/15339>.



ARQUEOLOGIA DA MORTE: ESTUDOS DE CASO SOBRE A MATERIALIDADE PRESENTE NOS REGISTROS FUNERÁRIOS

Melissa Jéssica Beleza Souza⁴⁰
melissa.beleza@ufpe.br

Diógenes Santos Saldanha⁴¹
diogenes.saldanha@hotmail.com

139

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar e discutir como diferentes tipos de artefatos são identificados de forma recorrente no registro arqueológico funerário. Partindo de uma revisão bibliográfica, exemplificamos diferentes estudos de caso de vestígios materiais evidenciados em associação ao indivíduo morto.

Palavras- chave: Arqueologia da Morte; Práticas Funerárias; Cultura Material.

Ao se pensar numa Arqueologia da Morte nos deparamos com elementos socioculturais de comunicação únicos da cultura material funerária que lançam o desafio de identificar informações contidas nos sepultamentos e consequentemente aos indivíduos a que foram associados no momento posterior a sua morte.

Para compreender as interpretações sobre a materialidade presente na morte, precisamos entender a relação do homem e a morte, para Cisneiros (2004) não existe um grupo humano que não trate os seus mortos, a espécie humana acompanha a morte como um ritual funerário e possui um entendimento sobre ele. Nesse sentido, os rituais funerários são episódios, ritos de passagem como que mobilizam, envolvem e reordenam todos os membros de uma determinada sociedade e são característicos e exclusivos a cada sistema sociocultural. Enterramentos, Cremação, Endocanibalismo, Embalsamentos e Sepultamento, todos são criados para lidar com o corpo e o sentimento de perda social desse ser em relação ao grupo.

⁴⁰ Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

⁴¹ Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

É através de todo esse contexto que surge o simbolismo representativo da materialidade em contextos funerários. As práticas de adornos nos mortos podem ter surgido a partir de crenças e construções míticas em torno da própria morte. Os vestígios materiais evidenciados em associação ao morto são representados de forma variável, por sua vez, essa materialidade deve ser decodificada e interpretada como elementos de comunicação únicos.

Quando pensamos no contexto brasileiro, sua historicidade é demarcada entre os períodos pré-colonial e colonial. A dominação europeia influenciou grande parte da cultura que encontramos hoje em nosso país, porém, antes mesmo de sua chegada, já habitavam neste meio os povos indígenas, que mantinham suas tradições e rituais específicos próprios de sua cultura para lidar com a morte. Em decorrência da colonização portuguesa seus costumes passaram a sofrer influências e modificações.

Com base em todos os estudos de caso levantados, em contextos pré-coloniais e coloniais, concluímos que os artefatos materiais presentes nos enterramentos devem ser considerados enquanto manifestações físicas das práticas funerárias, e, portanto, uma parcela da cultura da sociedade que a constitui.

REFERÊNCIAS

CISNEIROS, D. 2004. Práticas funerárias na pré-história do Nordeste do Brasil. **Dissertação (Mestrado)**. Recife: UFPE.

FERNANDES, H. L. A. 2017. Pequenas variações dos sepultamentos da tradição Aratu na Bahia. **Especiaria-Cadernos de Ciências Humanas**, v. 17, n. 3, p. 151- 172.

TAVARES, Á. C. P. 2006. Vestígios materiais nos enterramentos na antiga Sé de Salvador: postura das instituições religiosas africanas frente à igreja católica em Salvador no período escravista. **Dissertação (mestrado)**. Recife: UFPE.

SILVA, J. A. 2017. Ambientes funerários e a contribuição para novas leituras arqueológicas: adornos em sepulturas humanas do sítio Justino/SE, como evidência do contato nativo americano/europeu. **Tese (doutorado)**. Laranjeiras: UFS.



ANÁLISE BIOARQUEOLÓGICA DE CONTEXTOS FUNERÁRIOS NO PIAUÍ

Ana Luzia Pinheiro de Freitas⁴²
luziapfreitas@gmail.com

Claudia Minervina Souza Cunha⁴³
claudiacunha@ufpi.edu.br

142

RESUMO

Esse trabalho trata da análise de contextos funerários no Piauí. Com o objetivo de demonstrar as características presentes nos sítios funerários do estado, foram estabelecidos parâmetros para a análise, bem como o levantamento do estado da arte dos sítios estudados.

Palavras-chave: Contextos Funerários; Piauí; Bioarqueologia.

Os primeiros trabalhos publicados sobre contextos funerários no Brasil se referem à Região Sudeste e à Região Amazônica. Esse tipo de estudo é mais recente na Região Nordeste e aparecem trabalhos desenvolvidos nas universidades federais e em outras instituições. Na Região Nordeste, três trabalhos merecem destaque por apresentarem uma revisão das práticas funerárias em diversos sítios; Silva (2004), Castro (2009) e Luz (2014).

Com o objetivo de demonstrar as características presentes nos sítios funerários do Piauí, foi necessário primeiramente levantar o estado da arte dos sítios publicados, estabelecer variáveis para compor nossa base de dados e identificar continuidades e rupturas nas práticas funerárias.

A abordagem teórica do trabalho foi voltada para os conceitos utilizados na análise de práticas funerárias presentes não apenas no Estado, mas também no Brasil e fora dele. São eles: Bioarqueologia (Larsen, 2018), Arqueologia das Práticas Funerárias (Luz, 2014), Variações nas Práticas Funerárias (Pearson, 2003), *Anthropologie de Terrain* (Duday, 2006) e Cronologia (Dias, 2005; Funari e Noelli, 2015).

⁴² Universidade Federal do Piauí – UFPI.

⁴³ Universidade Federal do Piauí – UFPI.

A metodologia baseou-se na pesquisa bibliográfica realizada em fontes físicas e fontes digitais, através de busca por palavras-chave relacionadas ao tema. A base de dados foi pensada inicialmente para ser uma planilha no Excel, contendo os dados coletados. Essa planilha permitiu uma primeira organização desses dados, bem como a geração dos gráficos apresentados nos resultados.

Os resultados apresentam os dados sobre contextos funerários em 23 sítios arqueológicos, que tinham sido estudados e publicados. Esses sítios foram divididos em quatro regiões: Serra da Capivara (sete sítios), Afloramentos Calcários (nove sítios), Serra das Confusões (dois sítios) e Outras Regiões (cinco sítios). Os dados coletados sobre cada sítio e inseridos na planilha são: Nome do Sítio, Município, Distrito/UF, Tipo de Sítio, Resumo Descritivo do Sítio, Contexto dos Sepultamentos, Tipo de Inumação, Tipo de Estrutura/Invólucro, Acompanhamento Funerário, Cultura, Cronologia, Datação, Material Datado, Referências e Referências Adicionais.

Para concluir, falamos sobre os problemas enfrentados durante a pesquisa e quais possibilidades temos para mitigar esses problemas, bem como sobre os futuros desdobramentos da pesquisa, podendo ela ser estendida para os demais estados do país.

REFERÊNCIAS

CASTRO, V. M. C. de. 2009. Marcadores de Identidades Coletivas no Contexto Funerário Pré-Histórico no Nordeste do Brasil. **Tese de Doutorado em Arqueologia**, Universidade Federal de Pernambuco.

DIAS, M. O. L. da S. 2005. **A interiorização da metrópole e outros estudos**. São Paulo: Alameda.

DUDAY, H. 2012 [2006]. L'archéothanatologie ou l'archéologie de la mort (Archaeoethnology or the Archaeology of Death). In: Gowland, R. e Knüßel, C. (eds). **Social Archaeology of Funerary Remains**. Oxford: Oxbow Books: 30-56.

FUNARI, P. P.; Noelli, F. S. 2015. **Pré-história do Brasil**. 4. ed. São Paulo: Contexto.

LARSEN, C. S. 2018. Bioarchaeology in perspective: From classifications of the dead to conditions of the living. **American Journal of Physical Anthropology** [Online], 165(4). [Consultado em 14-4-2022]. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/ajpa.23322>.

LUZ, M. de F. 2014. Práticas Funerárias na Área Arqueológica da Serra da Capivara, Sudeste do Piauí, Brasil. **Tese de Doutorado em Arqueologia**, Universidade Federal de Pernambuco.

PEARSON, M. P. 2003. **The Archaeology of Death and Burial**. Gloucestershire: Sutton Publishing Ltda.

SILVA, D. C. 2004. **Práticas Funerárias na Pré-História do Nordeste do Brasil**. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal de Pernambuco.

ESPAÇOS PARA OS VIVOS E ESPAÇOS PARA OS MORTOS: SÍTIOS COM REMANESCENTES HUMANOS E SUAS DIVERSIDADES ARTEFATUAIS EM CAMALAUÁ/PB.

Silvana Moreira da Silva⁴⁴
silvana.layse@hotmail.com

Jaciara Andrade Silva⁴⁵
jaciara.andrade@univasf.edu.br

145

RESUMO

O Cariri Paraibano apresenta um potencial arqueológico que é revelado gradativamente ao longo dos anos. Os sítios abordados na pesquisa, sítio Barra e Parque das Pedras, localizados na cidade de Camalaú, apresentam remanescentes osteológicos humanos e uma significativa composição artefactual, sobretudo orgânica, associada aos enterramentos.

Palavras-chave: Arqueologia; Antropologia Biológica; Arqueologia Funerária; Cariri Paraibano.

A presente pesquisa aborda dois sítios arqueológicos localizados na cidade de Camalaú, Paraíba em que foram identificados remanescente osteológico humano. O recorte espacial adotado na pesquisa está baseado na divisão geográfica estabelecida pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o qual divide o estado da Paraíba em quatro mesorregiões, uma vez divididas em 21 microrregiões, onde localiza-se o Cariri Ocidental, local de inserção do município de Camalaú.

⁴⁴ Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF.

⁴⁵ Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF.

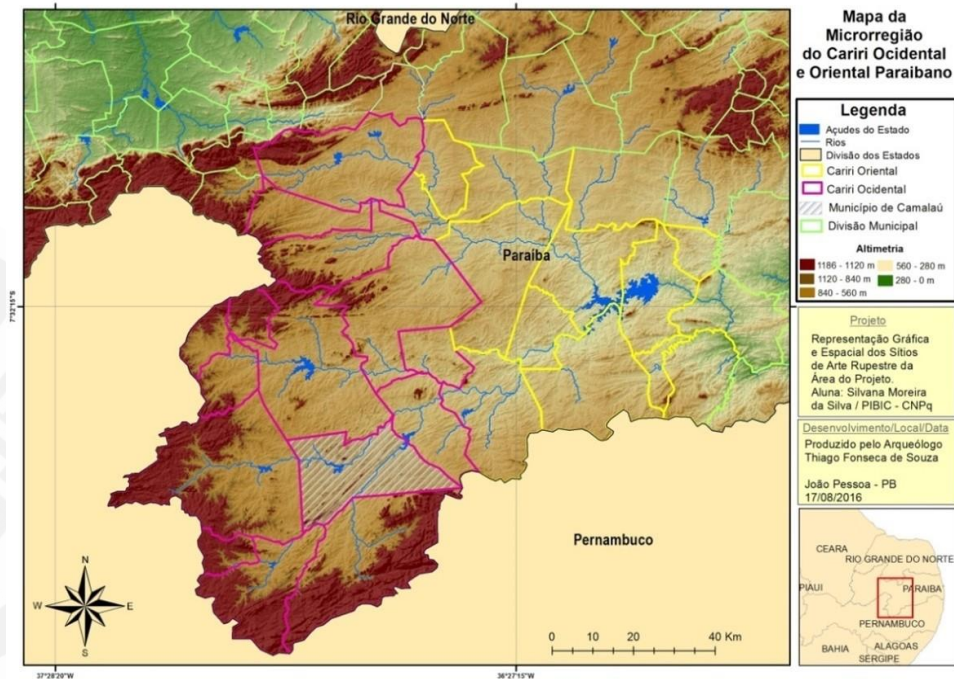


Figura 1: Microrregião do Cariri Paraibano. **Fonte:** Acervo Digital do NDIHR/UFPB.

Iniciadas em 2005, as pesquisas realizadas na região ocorrem pelo NDIHR (Núcleo de Documentação e Informação Regional - UFPB) sob a coordenação do professor Dr. Carlos Xavier, e estão vinculadas ao projeto que buscou identificação e registro de sítios com grafismos rupestres na cidade de Camalaú⁴⁶. É importante ressaltar que o estado da Paraíba apresenta uma grande quantidade de sítios e, conseqüentemente, materiais arqueológicos, sobretudo caracterizados enquanto rupestres, como os apresentados por Almeida (1979), Martin (1997) e Azevedo Netto (et al., 2007), Azevedo Netto (et al., 2011).

O principal objetivo do trabalho é abordar os sítios caracterizados enquanto abrigos, Barra e Parque das Pedras, interpretando-os como espaços funerários, levando em consideração os modelos de organizações dos sepultamentos ou práticas funerárias identificadas, além da composição artefactual, utilizando neste último caso, comparações com artefatos identificadas em sítios caracterizados enquanto funerários no Brasil.

⁴⁶ O Projeto Arte Rupestre e Agenciamentos Semióticos, as semioses encontradas nos painéis de grafismos rupestres em Camalaú recebe suporte institucional e as pesquisas são financiadas pelo CNPq.

O desenvolvimento da pesquisa ocorreu em três momentos: no primeiro foi feito um levantamento bibliográfico, o segundo consistiu na análise dos contextos funerários a partir dos dados apresentados por pesquisas anteriores e o terceiro pelo inventário e classificação de artefatos. Seguindo como principais referências os estudos de Duday (2009), Duday e Masset (1982), Binford (1971), Mendonça de Souza (2013), Silva (2006; 2014), Strauss (2010), Py-Daniel (2015) para os ambientes funerários em geral, além de referências que auxiliaram na caracterização artefactual ou ambiental como: Azevedo Netto (et al., 2007), (Azevedo Netto et al., 2011), Castro (2009), Catoira (2018), Cisneiro (2003), Cisneiro e Santos (2021), Silva (2013), Costa (2016), Costa e Lima (2016). Os princípios da Arqueotematologia são utilizados para auxiliar na interpretação sobre as posições de enterramento, bem como possíveis associações artefatuais junto com os remanescentes.

O sítio Barra foi datado em 1.222 ± 30 (Beta 400646) (Azevedo Netto et al., 2021) e foi exposto a interferências não documentadas anteriormente, bem como outros tipos de perturbações que resultaram na ausência de ossos e exposição em superfície do material, impossibilitando a caracterização de seus modelos de enterramento original. Com base nos dados levantados, para o sítio Barra foram identificados artefatos líticos e cerâmicos, além da excelente preservação de restos humanos como pele e cabelo. Materiais orgânicos como fibras, trançados, carvão, ossos faunísticos e sementes também foram identificados.



148

Figura 2: Unidades de escavação sítio barra. **Fonte:** Acervo Digital do NDIHR/UFPB.



Figura 3: Recuperação de trançado preservado no sítio barra. **Fonte:** Acervo Digital do NDIHR/UFPB.

O sítio Parque das Pedras está em um processo de escavação ainda em curso. Até o momento já foram identificados remanescentes humanos, artefatos líticos e cerâmicos, além de também apresentarem restos faunísticos, cropólito, carvão, cabelo e sementes

para produção de contas. As primeiras camadas do sítio estavam com ossos sem articulação, resultado do uso do abrigo por animais da região. As camadas seguintes já apresentaram indivíduos articulados, com articulação de artefato e contextos que podem ser melhor definidos.



Figura 4: Sítio Parque das Pedras. Foto: Jaciara Silva, 2015.



Figura 5: Material ósseo disperso nas primeiras decapagens. Foto: Jaciara Silva, 2015.

A pesquisa ainda está em desenvolvimento, mas já podemos que ambos os sítios podem ser caracterizados enquanto espaços funerários, mas com composições aparentemente distintas. Podemos destacar a grande quantidade de carvão e ossos queimados presentes no Parque das Pedras e a melhor preservação de restos orgânicos como pele, cabelo e sobretudo fibras vegetais no sítio Barra, podendo estar associado à estrutura do abrigo.

Os sítios de Camalaú com remanescentes humanos apresentam um papel significativo para decodificar parte do passado do atual território nordestino, sobretudo corroborando com o entendimento ligado às práticas funerárias pretéritas, permitindo que objetos tão particulares e de difícil recuperação, como os restos de materiais vegetais, sejam melhores entendidos enquanto partes dos rituais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. T. 1979. **A Arte Rupestre nos Cariris Velhos**. João Pessoa: Universitária/UFPB.

AZEVEDO NETTO, C. X.; ROSA, C. R.; MIRANDA, P. G. 2011. Semiótica dos sítios cerâmicos da região do Cariri Ocidental – PB. **Clio, série Arqueológica, Recife**, 2:265-288.

AZEVEDO NETTO, C. X.; KRAISCH, A. M. P. O.; ROSA, C. R. 2007. Territorialidade e Arte Rupestre – inferências iniciais acerca da distribuição espacial dos sítios de Arte Rupestre na região do Cariri Paraibano. **Revista de Arqueologia**, [s.i.] 20: 51-65.

AZEVEDO NETTO, C. X., ROSA, C. R., SOUZA, F. T. 2021. Situação geomorfológica dos sítios arqueológicos no município de Camalaú – Paraíba. **Revista de Arqueologia**, 34 (1): 177-195.

BINFORD, L. R. 1971. Mortuary Practices: Their study and their potential. *In*: Brown, J. A. (ed.) **Approaches to the social dimensions of mortuary practices**. Washington D.C, Saa Memoirs: 6-29.

CASTRO, V. M. C. 2009. Marcadores de identidades coletivas no contexto funerário pré-histórico no Nordeste do Brasil. **Tese de doutorado em Arqueologia**, Universidade Federal de Pernambuco.

Catoira, T. A. 2018. Fruição da informação dos Patrimônios Arqueológicos juntos aos seus atores no município de Camalaú, PB. **Tese de doutorado em Ciências da Informação**, Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal da Paraíba.

CISNEIROS, D. 2003. *Práticas Funerárias na Pré-história do Nordeste do Brasil*. **Dissertação de mestrado**, Programa de pós-graduação em história, Universidade Federal de Pernambuco.

CISNEIRO, D.; SANTOS, C. F. 2021. Adornos corporais em matéria orgânica nos enterramentos pré-histórico do Nordeste no Brasil. **Revista de Arqueologia**. 34 (3): 66-94.

COSTA, R. L. 2016. Palha e tala: estudo da tecnologia do trançado entre grupos pré-históricos brasileiros. **Tese em Arqueologia**, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

COSTA, R. L.; LIMA, T. A. 2016. A arte e a técnica de trançar na pré-história de Pernambuco: a cestaria dos sítios Alcobaça e Furna do Estrago. **Clio Arqueológica**, 31(2):102-152. [Publicação online DOI: 10.20891/clio.v31i2p102-152].

DUDAY, H.; MASSET, C. 1982. **Anthropologie Physique et Archéologie: Méthodes D'étude des sépultures**. Editions du Cnrs, Paris.

DUDAY, H. 2009. **The Archaeology of the Dead. Lectures in Archaeoethanatology**. Oxford: Oxbow Books.

MARTIN, G. 1997. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. Editora Universitária UFPE: 298-313.

MENDONÇA DE SOUZA, S. M. F. 2013. Ossos no chão: para uma abordagem dos remanescentes humanos em campo. **Boletim do museu paraense Emilio Goeldi**. 8(3): 551- 566.

PY-DANIEL, A. R. 2015. Os contextos funerários na arqueologia da calha do rio Amazonas. **Tese de doutorado em Arqueologia**, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

SILVA, J. A. 2013. O corpo e os adereços: sepultamentos humanos e as especificidades dos adornos funerários. **Dissertação de Mestrado em Arqueologia**, Universidade Federal de Sergipe.

SILVA, S. F. S. M. 2006. Terminologias e classificações usadas para descrever Sepultamentos Humanos: exemplos e sugestões. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia de São Paulo**. 15-16:113- 138.

SILVA, S. F. S. M. 2007. Arqueologia das Práticas Funerárias: Resumo de uma estratégia. **Revista Canindé, Museu de Arqueologia de Xingó - UFS**, 10: 99-142.

STRAUSS, A. M. 2010. As Práticas Mortuárias dos caçadores-coletores pré-históricos da região de Lagoa Santa (MG): Um estudo de caso do sítio arqueológico "Lapa do Santo". **Dissertação de mestrado em Arqueologia**. Instituto de biociências da USP.

SIMPÓSIO TEMÁTICO 06:
TECNOLOGIA LÍTICA PARA QUE? OS RUMOS DOS ESTUDOS LÍTICOS
NO NORDESTE DO BRASIL

REFLEXÕES ECONÔMICAS SOBRE A INDÚSTRIA DE ADORNOS EM CAULINITA SILICIFICADA DO SÍTIO PRAÇA DE PIRAGIBA

Juliana de Resende Machado⁴⁷
ju.drmachado@hotmail.com

154

RESUMO

Até 2012, a coleção lítica em caulinita silicificada era desconhecida no sítio Praça de Piragiba. A partir da análise tecnológica vê-se a existência de diferentes classes tecnoeconômicas relacionadas à produção de adornos – pingentes e contas de colar – compostas por poucas peças. Tece-se reflexões sobre a condição local ou exógena desta produção.

Palavras-chave: Praça de Piragiba; Produção de adornos; Tecnologia lítica; Caulinita silicificada; Locais de produção.

As pesquisas no sítio Praça de Piragiba (oeste da Bahia) lideradas pela equipe da UFRB ocorrem há quase dois decênios. O sítio é conhecido pela sua ocupação cerâmica Aratu, pelas centenas de peças líticas bifaciais utilizadas no trabalho da terra e pelas centenas de inumações (FERNANDES, 2011; MACHADO, 2013). Em 2012, encontrou-se uma cinquentena de peças em caulinita silicificada; matéria-prima até então desconhecida naquela região e ligada à produção de adornos (Machado, 2013). Neste trabalho, questionamos tal coleção sob a perspectiva produtiva e econômica, notadamente a respeito da condição endógena ou exógena da produção.

A análise deu-se em dois momentos: i. a identificação petrográfica da matéria-prima, realizada por Marcondes Silva (UFPA); ii. construção das classes tecnoeconômicas hierarquizadas dentro de uma cadeia operatória de produção. A interpretação da cadeia operatória de adornos foi baseada em Falci e Rodet (2016).

De fato, as amostras analisadas são de caulinita silicificada; uma matéria que tem duas características interessantes para produção de adornos: a possibilidade de fratura concoidal e a baixa dureza. Pelas superfícies naturais percebe-se que foram escolhidos

⁴⁷ Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG.

suportes em posição primária (superfície áspera, avermelhada e cravejada por pequenos grãos de quartzo) e secundária (superfícies roladas, áspera com fina camada vermelha).

Estabelecendo as classes tecnoeconômicas, nota-se a presença de: A. Adorno finalizados; B. Suporte; C. Núcleo; D. Estilha; E. Lasca; F. Peça estriada; G. Fragmento de lascamento; H. Fragmento térmico pós-deposicional (**fig. 1**). Para se aproximar da forma desejada, os suportes eram trabalhados por percussão sobre bigorna. Em seguida, eles eram façoados, provavelmente por fricção sobre uma superfície abrasiva. O objetivo era obter contas circulares de secção quadrangular com perfuração central e pingentes alongados de secção ovalar.

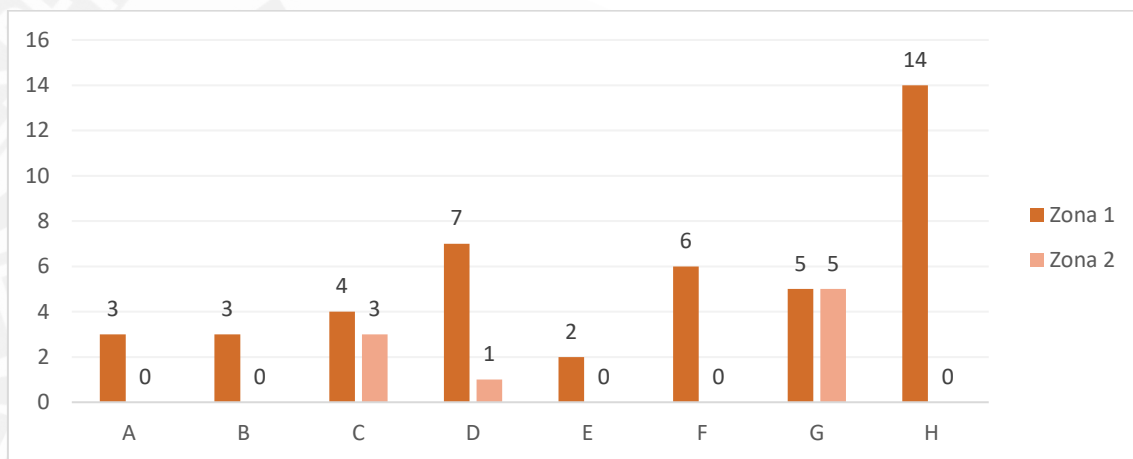


Figura 1: Classificação tecnoeconômica da coleção de caulinita silicificada do sítio Praça de Piragiba originada de duas áreas de coleta (Zona A e B).

Inicialmente, pela raridade da matéria-prima, considerou-se tal produção como exógena, afinal sabe-se que adornos frequentemente circulam entre grupos sociais. No entanto, após o estudo tecnológico, obteve-se dados mais seguros para apoiar uma produção local. A variedade de classes tecnoeconômicas indica a realização de diferentes etapas da cadeia operatória naquele lugar – desbaste da matéria-prima, debragagem do suporte, formatação do suporte, façonagem da pré-forma – embora haja poucos elementos para cada classe. Ademais, prospecções realizadas mais recentemente mostraram que peças de caulinita silicificada estão presentes em outros sítios daquela região, no vale do rio Santana (FERNANDES *et al.* 2020)

Este estudo discutiu a condição local da produção de adornos do sítio Praça de Piragiba, com matérias-primas recolhidas em fontes primárias ou secundárias. Resta-nos

investir em prospecções de matéria-prima para se identificar as possíveis fontes de provisionamento e entrever a gestão dos recursos líticos.



REFERÊNCIAS

FALCI, C. G. e RODET, M. J. 2016. Adornos corporais em Carajás: a produção de contas líticas em uma perspectiva regional. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, [online] 11 (2): 481-503. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981.81222016000200008>.

FERNANDES, L. 2011. Elementos das lâminas de machado lascadas de sítios Aratu na Bahia. **Habitus** [Online] 9 (2): 239-257. DOI: <http://dx.doi.org/10.18224/hab.v9.2.2011.239-257>.

FERNANDES, L.; PENHA, U. C.; NASCIMENTO, G. S. 2020. Metodologia de prospecção de sítios líticos de superfície na região de Piragiba, oeste da Bahia. In: FERNANDES, H. L. e COMERLATO, F. (org.). **Arqueologia e patrimônio cultural na UFRB: 10 anos de pesquisas**. Pelotas: BasiBooks: 40-66.

MACHADO, J. R. 2013. Au-delà du São Francisco: analyse technologique des industries lithiques du site Praça de Piragiba (Brésil). **Dissertação de Mestrado** em Etnologia Pré-histórica, Departamento de Antropologia, Université Paris Nanterre.

TECNOLOGIA LÍTICA E ABORDAGEM TECNOFUNCIONAL: ESTUDO DOS ACERVOS LÍTICOS DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS BOQUEIRÃO E JERUSALÉM I, MUNICÍPIO DE LAJES – RN

Maria de Lourdes Oliveira Monteiro⁴⁸
malumonteiro.arqueo@gmail.com

Waldimir Maia Leite Neto⁴⁹
waldimir.leiteneto@univasf.edu.br

158

RESUMO

As oficinas líticas a céu aberto são uma recorrência comum na microrregião de Angicos-RN dentro da diversidade de sítios que a área apresenta. Com o objetivo de compreender a indústria lítica dos sítios Boqueirão e Jerusalém I, propõe-se uma análise com base na abordagem tecnofuncional, assimilando esquemas de produção e de utilização dos instrumentos.

Palavras- chave: Tecnologia lítica; Oficinas líticas; Abordagem Tecnofuncional; Microrregião de Angicos – RN.

As primeiras pesquisas arqueológicas abordando artefatos líticos tinha como principal propósito a classificação tipológica dos instrumentos, buscando estabelecer horizontes culturais a partir da morfologia das peças e atribuição de função a fim de responder aos questionamentos sobre quem produziu os artefatos, onde e quando (LOURDEAU, 2014). A abordagem tecnológica desenvolve-se entendendo que a partir da leitura técnica dos estigmas presentes nos artefatos é possível acessar concepções que são particulares de cada grupo. Com o objetivo de compreender todas as etapas de produção dos instrumentos, tem como eixo central o conceito de cadeia operatória desenvolvido pelo antropólogo Marcel Mauss em 1940 e aplicado aos estudos arqueológicos por Leroi-Gourhan (1964). De acordo com Eric Boëda (2013), para que o artefato lítico seja operacional, para que funcione de acordo com o objetivo para o qual foi feito, o objeto também é estruturado de acordo com um esquema de utilização que merece atenção de análise. Desse modo, desenvolve-se nos últimos anos a abordagem tecnofuncional com o objetivo de analisar de maneira global a indústria lítica, integrando

⁴⁸ Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF.

⁴⁹ Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF.

a identificação dos esquemas de produção (cadeia operatória, métodos e técnicas de lascamento) e dos esquemas de utilização dos instrumentos. No estado do Rio Grande do Norte, foram evidenciados contextos arqueológicos diversos que remetem a ocupações humanas que atingem os 10.000 anos AP (SANTOS JÚNIOR, 2013). Na microrregião de Angicos, área onde se localiza o município de Lajes, onde se encontram os sítios aqui objetos de estudo, os contextos de ocupação pré-colonial apresentam de forma recorrente sítios em superfície caracterizados como oficinas líticas a céu aberto. As pesquisas iniciadas na década de 1960 analisam os artefatos pela perspectiva da abordagem tipológica buscando caracterizar as indústrias demonstrando a variabilidade de tipos de instrumento, a matéria prima utilizada e atribuição de uma suposta função a partir de associações com a morfologia, bem como a delimitação de tradições. Os estudos realizados por meio da abordagem tecnológica apontam para a utilização dos espaços para a captação de matéria prima, produção de instrumentos e até mesmo sua utilização (LAROCHE, 1983; SALDANHA, 2014). O estudo do material lítico dos sítios Boqueirão e Complexo Jerusalém I pela perspectiva da abordagem tecnofuncional contribuirá para o conhecimento cultural do contexto arqueológico onde se inserem, trazendo percepções acerca do sistema técnico lítico dos sítios caracterizados como oficinas líticas a céu aberto e em superfície recorrentes na região. A metodologia consistirá na análise dos esquemas operatórios e determinação das Unidades Tecnofuncionais (UTF) e descrição das UTF transformativas. A formação de grupos tecnofuncionais com base em critérios organizados de caracterização, possibilitará a comparação entre vários conjuntos a partir de uma abordagem integrada, trazendo informações valiosas para o conhecimento do sistema técnico dos grupos humanos.

REFERÊNCIAS

BOËDA, E. 2013. Techno-Logique & Technologie, Une Paléo-Histoire Des Objets Lithiques Tranchants, **Archéo-Édition**, Paris.

LAROCHE, A. F. G. 1983. **Ensaio de classificações tipológicas sobre pontas de arremessos e outros objetos líticos da Tradição Potiguar do Rio Grande do Norte**. Natal, UFRN.

LEROI-GOURHAM, A. 1964. Evolução e técnica. 1 – **O homem e a matéria**. Lisboa: **Edições 70**, 1985.

LOURDEAU, A. 2014. **Considerações metodológicas sobre a identificação de conjuntos culturais a partir das indústrias líticas no Centro e Nordeste do Brasil**. In: LOURDEAU A.; VIANA, S. A.; RODET, M. J. (Org.). **Indústrias líticas na América do Sul: abordagens teóricas e metodológicas**. 1ed. Recife: UFPE.

SALDANHA, R. A. M. 2014. Riacho das Relíquias: Contribuição aos estudos de sítios a céu aberto em Carnaúba dos Dantas - RN, Brasil. **Dissertação**, UFPE.

SANTOS JÚNIOR, V. 2013. **Arqueologia da Paisagem: proposta geoambiental de um modelo explicativo para os padrões de assentamentos no Enclave Arqueológico Granito Flores, microrregião de Angicos, RN**. Recife, UFPE.

NA MARGEM DO RIO AMARGOSO: ESTUDO DA TECNOLOGIA LÍTICA DOSÍLIO ARQUEOLÓGICO PENDÊNCIAS II, RIO GRANDE DO NORTE/BRASIL

Anne Noemi França Miranda⁵⁰
annenoemi1@hotmail.com

161

RESUMO

O sítio Pendências II, localizado no Vale do Açu-Rio Grande do Norte, é um sítio arqueológico a céu aberto e multicomponencial onde foram identificadas e coletadas quantidades significativas de artefatos líticos lascados. O presente trabalho, ainda em fase inicial, tem por objetivo caracterizar tecnologicamente o material lítico lascado do sítio apresentado.

Palavras-chave: Lítico; Tecnologia; Vale do Açu.

INTRODUÇÃO

O sítio Pendências II foi identificado em 2010, durante os trabalhos de arqueologia preventiva do *Programa de Diagnóstico e Prospecção Arqueológica, para a implantação da Linha de Transmissão entre o Parque Eólico Alegria e a Subestação de Assu*, no estado do Rio Grande do Norte. Localizado na margem esquerda do rio Amargoso, na microrregião do Vale do Açu, o Pendências II é um sítio arqueológico a céu aberto e multicomponencial (ALZAIR; MORALES, 2011). No ano de 2011, com a continuidade das pesquisas, foi realizado o projeto de *Resgate Arqueológico e Educação Patrimonial para a Linha de Transmissão 230 KV entre a subestação Alegria e a subestação de Assu*, onde foram identificados e coletados, no sítio estudado, quantidades significativas de artefatos líticos lascados pré-coloniais, e em menor quantidade, artefatos históricos como cerâmicas, vidros e louças (BERTRAND; MORALES, 2012). Deste modo, o presente trabalho, ainda em fase inicial, tem por objetivo caracterizar tecnologicamente o material lítico lascado proveniente do sítio Pendências II, localizado no Vale do Açu, considerando também o seu contexto arqueológico e ambiental.

⁵⁰ Universidade Federal de Pernambuco - UFPB.

METODOLOGIA

Os métodos que serão utilizados nessa pesquisa consistem em etapas complementares caracterizadas por: pesquisa bibliográfica constante (relatórios, fichas de campo, entre outros); análise preliminar dos artefatos cerâmicos e análise dos artefatos líticos lascados por meio da abordagem tecnológica, buscando informações que auxiliem no entendimento da ocupação humana pré-colonial do sítio Pendências II, permitindo trazer novos dados que somados aos trabalhos já existentes e aos futuros, possibilitem construir um panorama sobre esses grupos do Vale do Açu.

162

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Embora o trabalho ainda esteja em fase inicial, através de análises prévia da coleção lítica lascada foi possível identificar como matéria-prima predominante o sílexito. Através do estudo tafonômico da superfície rochosa dos artefatos líticos foi identificado alterações de origem mecânica e química em alguns instrumentos.

REFERÊNCIAS

ALZAIR, P.; MORALES, W. 2011. As Prospecções Arqueológicas: Métodos e Técnicas da Pesquisa. In: MORALES, Walter; BERTRAND, Daniel; SOUSA NETO, Luis. **Programa de Diagnóstico e Prospecção Arqueológica para a implantação da Linha de Transmissão entre o Parque Eólico Alegria e a Subestação de Assu, municípios de Guimarães, Macau, Alto do Rodrigues, Ipanguaçu, Pendências e Assu, estado do Rio Grande do Norte.** Ilhéus.

BERTRAND, D.; MORALES, W. 2012. Análise de coleção arqueológica proveniente dos sítios arqueológicos identificados no Projeto LT Assu/ Guimarães- Alegria. In: MORALES, Walter; BERTRAND, Daniel; SOUSA NETO, Luis. **Programa de Resgate Arqueológico e Educação Patrimonial para a Linha de Transmissão 230 KV entre a subestação Alegria e a subestação de Assu, municípios de Guimarães, Macau, Alto do Rodrigues, Ipanguaçu e Assu, Rio Grande do Norte.** Ilhéus.

BERTRAND, D.; MORALES, W. 2012. Sítio Pendências II. In: MORALES, W.; BERTRAND, D.; SOUSA NETO, L. **Programa de Resgate Arqueológico e Educação Patrimonial para a Linha de Transmissão 230 KV entre a subestação Alegria e a subestação de Assu, municípios de Guimarães, Macau, Alto do Rodrigues, Ipanguaçu e Assu, Rio Grande do Norte.** Ilhéus.

**SIMPÓSIO TEMÁTICO 07 – PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS COM
ENFOQUE AMBIENTAL NO NORDESTE BRASILEIRO: ESPAÇOS E
SABERE**

A ARTE RUPESTRE DO VALE DO RIACHO DOS POÇÕES: UMA PERSPECTIVA AMBIENTAL NO ESTUDO DE PINTURAS E GRAVURAS PRÉ-COLONIAIS NA BORDA SUL DA CHAPADA DIAMANTINA, BAHIA, BRASIL

Róbson Bonfim de Caires⁵¹
robsonbonfimcaires@gmail.com.br

Carlos Alberto Santos Costa⁵²
carloscosta@ufrb.edu.br

Albérico Nogueira de Queiroz⁵³
aniqueiroz@hotmail.com

165

Resumo

O Vale do Riacho dos Poções localiza-se no município de Paramirim, Bahia, apresenta como grande potencial para o estudo da arte rupestre. O espaço é um corredor que separa naturalmente a Serra Geral da Chapada Diamantina. Dentro da ciência arqueológica, acredita-se que a 'Arqueologia Ambiental' seja uma disciplina que forneça subsídios conceituais e metodológicos seguros para a aplicabilidade deste trabalho. Contextualmente, entende-se o ambiente como um espaço onde as interações naturais e sociais ocorrem, a partir de uma dinâmica de transformação constante. A aplicabilidade metodológica correta, somada a uma segura análise laboratorial, faz da Arqueologia Ambiental um poderoso campo de estudo das interações humana com os ambientes naturais. O conjunto de pinturas e gravuras rupestre encontrado neste ambiente exhibe predominância de desenhos geométricos aplicados com os dedos e, por isso, sugere uma forma específica de representar, que pode ou não estar associada a um determinado contexto sociocultural e ambiental. Enfim, todo o esforço na elaboração de um protocolo de procedimentos metodológicos visa, de um lado, pensar em processos que sejam adequados ao universo artefactual analisado e, de outro, dar consistência e assegurar coesão no levantamento de dados que, ulteriormente, sustentarão as interpretações arqueológicas.

Palavras- chave: arte rupestre; Arqueologia Ambiental; Chapada Diamantina; Bahia.

INTRODUÇÃO

⁵¹ Universidade Federal de Sergipe - UFS.

⁵² Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB.

⁵³ Universidade Federal de Sergipe - UFS.

O Vale do Riacho dos Poções localiza-se no município de Paramirim, região sudoeste da Bahia, apresenta como grande potencial para o estudo da arte rupestre, pois a área tem entre seus diversos afloramentos rochosos dezenas de sítios arqueológicos. Neste município, especificamente, nos arredores do distrito de Caraíbas, encontra-se um número significativo de locais com estas pinturas e gravuras rupestres. O espaço é um grande corredor estreito entre o Vales do Paramirim e Brumado, que separam naturalmente a Serra Geral da Chapada Diamantina, formações estas constituintes da Cordilheira do Espinhaço.

Diante disso, exige-se maior esforço para apresentar os sítios arqueológicos localizados nas serras circundantes ao Vale do Riacho dos Poções, descrevendo, de forma minuciosa, sua paisagem e exibindo as principais peculiaridades das pinturas e gravuras rupestres existentes no ambiente e da caracterização da natureza, particularmente quanto às possíveis fontes de matéria-prima disponíveis e as estratégias empreendidas no seu uso. As informações apresentadas nos sugerem um panorama no qual o ambiente parece condicionar as possibilidades de interação com o espaço, de maneira que nos questionamos se no contexto arqueológico haveria de se identificar razão análoga?

Na tentativa de responder esta questão central, utilizaremos fundamentos da Arqueologia Ambiental, disciplina que nos lança mão de uma série de conceitos e métodos próprios para abordagem dos diferentes espaços. É justamente o condicionamento epistemológico deste olhar sobre o espaço que nos possibilita outros questionamentos em relação ao objeto de estudo, dentre eles: Qual a importância das atuais condições ambientais, físicas e humanas para o estudo das pinturas rupestres? É possível estabelecer uma ideia do contexto ambiental da época de confecção das pinturas a partir dos desenhos representados nos sítios rupestres?

APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO

O ambiente é um espaço onde as interações naturais e sociais ocorrem, a partir de uma dinâmica de transformação constante. Os seres humanos apropriam-se dos recursos naturais para satisfazerem suas necessidades deixando suas marcas nos mais variados contextos terrestres. O ambiente carrega em si a ideia de natureza – fauna, flora, camada

vegetacional, hidrografia, minerais, atmosfera – recursos utilizados pelas sociedades a fim de produzirem bens de consumo. O uso coletivo somado a assimilação cultural dos recursos ambientais produziu na história humana uma cultura material diversa, marco testemunho integrado na paisagem natural.

Múltiplas são as ciências que estudam o ambiente, apresentando variadas perspectivas analíticas, mas é a Arqueologia o campo teórico que tem contribuído com sólidas e seguras discursões sobre o tema. O estudo do ambiente em Arqueologia, como hoje é conhecido, nasceu, nos anos de 1960, com a reformulação da disciplina a partir dos aportes teóricos apresentados pelo paradigma processualista. Nesta nova realidade surgiu o campo da ‘Arqueologia Ambiental’ preocupada com o estudo e compreensão dos efeitos consequentes da relação humana com o meio ambiente, além da reprodução do ambiente circundante, a fim de entender o paleoambiente local (YAMAZAKI, 2003, p. 1). Nas palavras de Takeshi Yamazaki:

O objetivo da arqueologia ambiental não é apenas aprender sobre as mudanças no paleoambiente, mas descobrir como as pessoas do passado se adaptaram ao ambiente natural circundante, como obtiveram vários recursos do ambiente natural e como alteraram o ambiente natural (YAMAZAKI, 2003, p. 1).

A Arqueologia Ambiental tem por objetivo compreender como os grupos sociais, ao longo dos tempos, agem sobre o ambiente, mostrando as alterações antrópicas observada na paisagem, e como estas transformações do meio ambiente agem sobre os processos adaptativos humanos. Dessa forma, este campo do conhecimento é responsável pela interpretação dos conjuntos de comportamento humano, dentro do seu próprio território de atuação, com ampla dimensão social, espacial e temporal (REITZ *et al*, 2008, p. 3).

Para James Morris e Mark Maltby, a Arqueologia Ambiental é dotada de um grande potencial de informar sobre variadas questões: “como culinária; dieta; troca; atos rituais; o uso do espaço; produção e abastecimento; status; aculturação”, dentre outros assuntos ligados ao desenvolvimento de tecnologias e a estruturação das sociedades (MORRIS & MALTBY, 2012, p. 1). Seguindo nesse direcionamento, Morris e Maltby, sinalizam para a ideia de que:

[...] muitas vezes as opiniões de outros arqueólogos sobre a extensão dos estudos ambientais podem ser resumidas em duas questões; 'qual era a dieta?' e 'como era o ambiente local?' Embora os praticantes da arqueologia ambiental possam lamentar esses pontos de vista estreitos, dificilmente somos inocentes em permitir que tais opiniões continuem, pois no passado não fomos particularmente ativos em anunciar a gama de informações que podemos produzir (MORRIS & MALTBY, 2012, p. 1).

Por sua vez, James McGlade explica que a Arqueologia Ambiental, no seu início, avançou nas análises de práticas de subsistências desenvolvidas por populações pré-históricas, além de contribuir de forma contundente para o conhecimento da atividade agrícola deste período. No entanto, não teve a preocupação com o contexto social. As pesquisas direcionaram-se para o reconhecimento e reconstrução do paleoambiente, a partir do estudo do solo e de amostras botânicas, tendo como ponto de entendimento a malacologia e a micromorfologia (MCGLADE, 1995, p. 115).

Segundo James McGlade, tem faltado a este debate o entendimento de como a prática social se insere no mundo natural, bem como esta condição tem produzido uma dinâmica comum entre ambos os campos. É preciso apurar como a dinâmica do mundo natural se relaciona e interage com o espaço social (MCGLADE, 1995, p. 114).

Na contemporaneidade uma série de estudos tem aproximado a Arqueologia Ambiental e o Pós-Processualismo. Trabalhos como o livro 'Arqueologia Ambiental e Ordem Social' de John Evans de 2003, assim como as pesquisas desenvolvidas por Marciniak, em 2005, têm demonstrado uma atenção substancial ao valor social nos estudos do meio ambiente, em razão do econômico. Contudo, não pretende-se com esta valorização do social ignorar aspectos tradicionais da disciplina, como o econômico e a tentativa constante de aproximar de teorias atuais, mas, pelo fato de ser o social de grande importância, pois nos possibilita explorar ações humanas passadas (MORRIS & MALTBY, 2012, p. 2).

É notória a importância dos estudos ambientais na Arqueologia. Isso fica evidente no crescente uso dessa subdisciplina, por estudiosos e entidades de pesquisas, em todo mundo. No Brasil o uso ainda é pequeno. No entanto, estudos pioneiros e com resultados satisfatórios, somados a riqueza ambiental presente no país, torna esse campo de conhecimento uma das mais promissoras na ciência arqueológica. Em razão dessa afirmativa, as pinturas e gravuras rupestres apresentam-se como objetos amplamente

reconhecidos pela Arqueologia Ambiental, pois estes grafismos encontram-se inseridos na paisagem tornando-se parte integrante do ambiente.



169

Imagem 1. Vista panorâmica do Vale do Riacho dos Poções, Paramirim, Bahia, Brasil. Destaque ao fundo para a Serra do Curribooca, Borda Sul da Chapada Diamantina.

Foto: Róbson Caires (2022).

Portanto, um atributo marcante no ambiente local são as enormes formações rochosas cársticas entremeadas pelas serras, formando um emaranhado de grutas, locas e paredões nos diversos afloramentos rochosos da paisagem. A vegetação predominantemente é a caatinga, formada por plantas que nos meses mais secos perdem as folhas. Este bioma apresenta-se de duas formas: no cume e paredões, compostas por plantas de pequeno porte adaptadas a pouca quantidade de água; e nas terras baixas, uma vegetação lenhosa com plantas espinhentas e cactos. A harmonia do local se completa com uma fauna diversificada de répteis, mamíferos e aves. Acredita ser esta condição ambiental, específica da área, a razão do grande número de sítios com pinturas e gravuras rupestres encontrado no local.

Fazer boas perguntas para o objeto de pesquisa é elemento essencial para um estudo bem-sucedido, mas é a aplicabilidade metodológica correta, somada a uma segura análise laboratorial, que faz da Arqueologia Ambiental um poderoso campo de estudo das interações humana com os ambientes naturais. Os arqueólogos que abordam perspectivas ambientais são dotados de percepções. Em razão da sua prática de estudo, isso ocorre por

que a maioria dos estudiosos ignoram as evidências ambientais (REITZ *et al*, 2008, p. 11-12).

As questões metodológicas, sem dúvidas, são algumas das partes mais importantes para o arqueólogo que trabalho sob o prisma do meio ambiente, pois são seus dados produzidos que lhe permite fazer interpretações acerca do seu objeto de estudo, promovendo assim uma leitura segura e direta do passado (MORRIS & MALTBY, 2012, p. 2).

O registro arqueológico é matéria fundamental na estrutura da Arqueologia, sendo melhor entendido em Binford (1988), que afirma ser o registro arqueológico tudo aquilo que cada investigador produz, no presente, relativo a vestígios materiais. Estes também pertencentes ao nosso mundo contemporâneo (SANCHES, 2012, p. 161). Historicamente, os métodos de registro arqueológico das pinturas e gravuras rupestres foram enriquecidos com novas técnicas e abordagens mais precisas. Sendo assim, buscamos, com este trabalho, nos apropriar dessas ferramentas para promover o registro do contexto arqueológico. A aplicabilidade de várias técnicas será somada à observação, para desenvolver a estratégia metodológica, etapas cruciais para a realização deste trabalho.

Enfim, todo o esforço na elaboração de um protocolo de procedimentos metodológicos visa, de um lado, a pensar em processos que sejam adequados ao universo artefactual analisado e, de outro, a dar consistência e assegurar coesão no levantamento de dados que, ulteriormente, sustentarão as interpretações arqueológicas.

A ARTE RUPESTRE DO VALE DO RIACHO DOS POÇÕES

Ao direcionarmos a prática da arqueologia ambiental para o estudo das pinturas e gravuras rupestres, levamos em consideração as atuais condições ambientais, físicas e humanas, para, a partir daí, estabelecer uma leitura apurada, buscando apontar o grau de integridade arqueológica e uma projeção futura do objeto em estudo (ROCCHIETTI, 2003).

O conjunto rupestre encontrado no Vale do Riacho dos Poções exhibe predominância de desenhos geométricos aplicados com os dedos e, por isso, sugere uma forma específica de representar, que pode ou não estar associada a um determinado contexto sociocultural e ambiental. Esses espaços são importantes testemunhos da relação

entre as sociedades humanas e a natureza, pois características particulares de ambos, frequentemente estão representados nos signos. O contexto ambiental e seu uso estão presente em pinturas do tipo naturalista⁵⁴, que possibilita a identificação de figuras de animais e vegetais. Outro atributo dessa relação, são os recursos petrológicos, associados ao uso do suporte para a confecção das pinturas ou dos pigmentos utilizados na produção das tintas. E por fim, o contexto ambiental onde os sítios estão inseridos, abarcando variáveis do relevo circundante, da topografia, do tipo de rocha, da proximidade de cursos d'água, dentre outros aspectos (ETCHEVARNE, 2007, p. 20).

171



Imagem 2. Mosaico com pinturas rupestres existentes nos sítios arqueológicos localizados no Vale do Riacho dos Poções, Paramirim, Bahia, Brasil.

Foto: Róbson Caires (2022).

Perceber-se que os locais de escolha dos espaços pintados apresentam um equilíbrio na utilização dos recursos naturais disponíveis, daí o impacto dessa exploração é um condicionante de visualização na paisagem⁵⁵ local. Estudar e avaliar as condições desses ambientes, levando em consideração as variáveis naturais (elementos do meio físico) e as culturais (as representações rupestres).

⁵⁴ Segundo Gabriela Martín: “Os grafismos de composição estão representados por figuras que podem ser reconhecidas, sejam antropomorfos, zoomorfos ou fitomorfos. O grau de identificação varia, dependendo da tendência mais ou menos naturalista de cada tradição. Em alguns casos é possível identificarem-se as espécies animais e vegetais, ou o sexo entre as figuras humanas e também animais, especialmente entre os cervídeos, para citar um exemplo” (MARTÍN, 2005, p. 229).

⁵⁵ Segundo Nicole Branton, “paisagem” pode ser entendida como espaços onde se desenvolvem as ações humanas, sendo caracterizada justamente por esta inter-relação entre ambiente e ação humana. O espaço seria o meio físico onde as atividades humanas se desenvolvem, marcando a paisagem como lugares, que, por sua vez, possuem significado muito variável, podendo dizer que as mesmas são pontos no espaço onde as ações humanas são marcadas, seja de modo material, seja de modo simbólico (BRANTON, 2009, p. 53).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relevância dessa proposta de estudo reside na consideração de que o objeto que se pretende abordar é comum em toda região. Sendo assim, a pesquisa sistemática desses sítios é condição *sine qua non* para a compreensão das ocupações passadas desse ambiente. Esse patrimônio arqueológico encontra-se em estado de abandono, além de sofrer com a degradação natural e, sobretudo, antrópica, de modo que a ação de pesquisa torna-se urgentemente necessária. O estudo dessa cultura material específica busca dá visibilidade a esse patrimônio cultural, além de fomentar questões de conservação, proteção e socialização. Isto é, possibilitar mecanismos de conscientização desses espaços ancestrais, para a re-apropriação social contemporânea pelas populações locais e para as atividades de extroversão e fomento da economia local, com a exploração turística responsável (CAIRES & COSTA, 2000, p. 6).

O Vale do Riacho dos Poções e o seu potencial no estudo da arte rupestre em Paramirim, Bahia, são legítimos representantes do Patrimônio Arqueológico do município e do Patrimônio Cultural da nação, é, sem dúvidas, um fator motivador desta proposta de trabalho. Este pequeno universo é revelador do potencial arqueológico da região, da qual apenas se tinha notícia de alguns sítios de pinturas rupestres (ETCEVARNE, 2007, p. 123).

REFERÊNCIAS

CAIRES, R. B. de. 2021. As pinturas rupestres do Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. **Dissertação de Mestrado** apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural (PPGap) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

CAIRES, R. B. de; COSTA, C. A. 2020. Patrimônio Arqueológico de Dom Basílio, Bahia: nota prévia sobre sítio de arte rupestre. **Revista Museu: cultura levada a sério**. Clube de Ideias – Disponível em: <https://www.revistamuseu.com.br/site/br/artigos/7240-patrimonio-arqueologico-de-dom-basilio-bahia-brasil-nota-previa-sobre-sitios-de-arte-rupestre.html>. Consultado em 23/09/2021.

COSTA, C. A. S. 2012. As Representações Rupestres do Piemonte da Chapada Diamantina, Bahia, Brasil. Coimbra: FLUC. (**Tese de doutorado**). Disponível em: <https://eg.uc.pt/handle/10316/21072>. Consultado em 23/09/2021.

ETCHEVARNE, C. 2007. **Escrito na pedra: cor, forma e movimento nos grafismos rupestres da Bahia**. Rio de Janeiro: Versal, 312p.

ETCHEVARNE, C. A.; COSTA, C. A. S.; COMERLATO, F.; BEZERRA, A. D. 2011. Monumentos arqueológicos de arte rupestre na Bahia. In: ETCHEVARNE, Carlos; PMENTEL, Rita (Orgs.). **Patrimônio Arqueológico da Bahia** – Série estudos e pesquisas, n. 88. Salvador: SEI, p. 47-76. Disponível em: <http://www.bahiaarqueologica.ufba.br/wp-content/uploads/2013/09/SEP88.pdf>. Consultado em 23/09/2021.

JORGE, M.; PROUS, A.; RIBEIRO, L. 2007. **Brasil rupestre: arte pré-histórica brasileira**. Curitiba: Zencrane Livros, 2007, 272p.

MCGLAD, J. 1955. **Archaeology and the ecodynamics of human-modified landscapes**. ANTIQUITY 69, p. 113-132. Disponível em: https://www.academia.edu/4820375/Archaeology_and_the_ecodynamics_of_human_modified_landscapes. Consultado em 23/09/2021.

MORRIS, J.; MALTBY, M. 2007. **Integrating Social and Environmental Archaeologies: Reconsidering Deposition**. International Series, 2007. British Archaeological Reports, Oxford, 2012, p. 1-4.

PEREIRA, E. da S. 2003. **Arte rupestre na Amazônia - Pará**. São Paulo: UNESP, 245p.

PESSIS, Anne-Marie. 2003. **Imagens da pré-história: Parque Nacional Serra da Capivara**, 1ª ed. São Paulo: FUMDHAM/PETROBRÁS, 320p.

PROUS, A. 2007. **Arte Pré-histórica do Brasil**. Belo Horizonte: Editora Com Arte, 128p.

QUEIROZ, A. N. de. **Live Patrimonial 29: Perspectivas e Possibilidades da Arqueologia Ambiental**. Entrevista concedida ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e

Patrimônio Cultural (PPGap) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), de forma virtual, transmitida pela plataforma youtube. 18 de Novembro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r5bQhpEDVJo>. Consultado em 23/09/2021.

REITZ, E. J.; NEWSOM, L. A.; SCUDDER, S. J.; SCARRY, C. M. 2008. **Introduction to Environmental Archaeology**.

ROCCHIETTI, A. M. 2003. Sistematización de la documentación del ambiente upestre. Rupestre/web. Disponível em: <http://rupestreweb.info/ambiente.html>. Consultado em 23/09/2021.

YAMAZAKI, T. 2003. **Introduction to Environmental Archaeology**. Environmental Archaeology Section. Nara National Research Institute for Cultural Properties. Nasu, p. 1-10. Disponível em: [https://www.nara.acu.or.jp/el/textpdf/Introduction_to_Environmental_Archaeology_\(2010\).pdf](https://www.nara.acu.or.jp/el/textpdf/Introduction_to_Environmental_Archaeology_(2010).pdf). Consultado em 23/09/2021.

SIMPÓSIO TEMÁTICO 09:
A GESTÃO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO NO LICENCIAMENTO
AMBIENTAL

A VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO EM LOCALIDADES DE CAIRU, BAHIA

Luiz Pacheco de Queiroz⁵⁶
luizpachecoq@gmail.com

Railson Cotias da Silva⁵⁷
railson.cotias@arqueologos.com.br

176

RESUMO

A divulgação de uma pesquisa arqueológica em Cairu, Bahia, foi dificultada pela desconexão dos habitantes com o patrimônio arqueológico. Argumentamos que o acesso ao conhecimento deve ser direcionado através da incessante busca por manter os locais das evidências arqueológicas como um bem público.

Palavras- chave: Gestão do Patrimônio Arqueológico; Morro de São Paulo; Turismo Predatório.

Partimos dos resultados do Programa de Resgate, Monitoramento Arqueológico, Educação Patrimonial e Medidas Compensatórias do Empreendimento Amerigo Vespucci Residence, Morro de São Paulo, Cairu, Bahia, cuja pesquisa arqueológica propiciou o estudo de ocupações dos séculos XVIII e XIX. O distanciamento dos habitantes locais do patrimônio arqueológico criou dificuldades para o desenvolvimento da socialização do conhecimento produzido em tal pesquisa.

Uma das medidas para dinamizar as ações foi disseminar atividades diversas de sensibilização e em localidades não impactadas pelo empreendimento em curso, tais como Boipeba e Galeão. Os contatos com instituições locais facilitaram nossa interlocução no município.

Dois sítios arqueológicos foram estudados, um deles foi alvo de avaliação de potencial e resgate, enquanto no outro foi realizado o recadastramento de seus componentes. O estudo realizado em ambos levou a relevante produção do conhecimento sobre remanescentes dos séculos XVIII e XIX, que analisamos através das relações em um espaço voltado à fiscalização da passagem de embarcações vindas do Sul até

⁵⁶ Arqueólogos, Pesquisa e Consultoria Arqueológica.

⁵⁷ Arqueólogos, Pesquisa e Consultoria Arqueológica.

Salvador, um dos maiores entrepostos comerciais do território colonial em mãos da Coroa Portuguesa. Com relação à visibilidade e uso público desse patrimônio arqueológico, há o aproveitamento de porções mais acessíveis nas atividades de visitação turística e o descuido com importantes parcelas, cuja falta de zelo indica a inaptidão do seu trato e/ou estratégia de apagamento praticada pelas instituições municipais, estaduais e federais.

Verificamos como há uma baixa visibilidade do patrimônio arqueológico no município de Cairu, sujeito a uma desconexão com a comunidade local. A exploração de Morro de São Paulo por empreendimentos voltados ao turismo e à gentrificação levaram à expropriação dos nativos há pelo menos 40 anos.

As atividades de socialização do conhecimento incluíram palestras, exposição itinerante e conversas com o público local. Na interação com os habitantes locais ficou evidente quais são as circunstâncias negativas da exploração do território em questão para a reprodução da memória, quais sejam: 1) a conformação de espaços privilegiados ao turismo de massa com a consequente expulsão dos nativos para locais distantes; 2) o encarecimento da vida nas áreas mais visitadas, que são as mesmas da parte mais antiga da vila de Morro de São Paulo.

Há urgência pelo estabelecimento de procedimentos para fortalecer o acesso público e irrestrito aos locais dotados de bens arqueológicos. Uma das medidas é torná-los reconhecidos como relevantes enquanto parte do território que não deve ser apropriado por interesses exploratórios de empreendimentos do tipo privado e/ou voltado apenas ao deleite dos visitantes externos. De outro modo fica ausente o componente humano que anima tais paragens e reproduz a memória.

A GESTÃO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO NO BRASIL: UMA ANÁLISE DOS DISPOSITIVOS LEGAIS

Beatriz Costa Paiva⁵⁸
beatriz.paiva@ufpe.br

Milena Duarte de Oliveira Souza⁵⁹
milena.souza@ufpe.br

Rúbia Nogueira de Andrade Malheiros⁶⁰
rubia.andrade@ufpe.br

178

RESUMO

Este trabalho busca avaliar o atual modelo de gestão do patrimônio arqueológico no Brasil, à luz da Política do Patrimônio Cultural Material (Portaria IPHAN nº 375/2018). O método consistiu na análise da gestão, com foco em identificar quais processos possuem regulamentação. Verificou-se avanço nesse campo, embora ainda apresente lacunas.

Palavras- chave: Patrimônio arqueológico; Licenciamento ambiental; Gestão do patrimônio arqueológico.

No atual contexto de consolidação de legislação ambiental, do significativo aumento das pesquisas voltadas para a arqueologia preventiva e da problemática de gerir todo patrimônio arqueológico oriundo dessas pesquisas, é mister realizar reflexões sobre o destino e a gestão do patrimônio arqueológico no País. Faz-se necessário analisar as políticas públicas implementadas na Gestão do Patrimônio Arqueológico nos processos de licenciamento ambiental, tendo em vista a Política de Patrimônio Cultural Material – PPCM. Para tal, foi elaborado um diagnóstico da atual gestão do patrimônio arqueológico brasileiro, buscando contribuir para a identificação dos óbices da gestão e quais segmentos merecem maior atenção das políticas públicas nacionais.

A PPCM estabelece que as ações e atividades relacionadas com a preservação do patrimônio cultural material estão organizadas a partir de quatro grandes eixos, subdivididos em processos institucionais: o **educativo** (educação patrimonial); o da **Patrimonialização** (identificação, reconhecimento e proteção); o das **formas de**

⁵⁸ Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

⁵⁹ Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

⁶⁰ Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

vigilância (normatização, autorização, avaliação de impacto, fiscalização e conservação); e, o da **interação** (interpretação, promoção e difusão).

Considerando que a PPCM corresponde ao instrumento de gestão mais atual, buscou-se analisar as 10 etapas do dispositivo. O diagnóstico compreende: conceituação das etapas; comparação com diretrizes das cartas patrimoniais; apresentação dos instrumentos legais e infralegais brasileiros; e panorama atual voltado para a gestão do patrimônio arqueológico no âmbito do licenciamento ambiental.

Com base no diagnóstico, verificou-se que para o eixo da Educação Patrimonial (EP) houve um refinamento do seu conceito ao longo dos anos, havendo uma evolução quanto os métodos propostos e sua aplicação.

Quanto às formas de identificação, reconhecimento e proteção (eixo 'Patrimonialização'), são etapas implantadas por meio de pesquisas arqueológicas, cadastro de sítios arqueológicos e tombamento. Atualmente, o reconhecimento de sítios arqueológicos passa por uma validação do IPHAN, que verifica se as informações apresentadas no cadastro são suficientes para homologar a proteção do bem. Tal verificação é vista de forma positiva por evitar cadastro com informações insuficientes para sua caracterização.

No que se refere aos processos do eixo 'Vigilância', a fiscalização é um setor carente de normas regulamentadoras. E quanto à Avaliação de Impacto, verificamos a ausência da atuação do licenciamento cultural quando da renovação de licença de operação ou monitoramento e fiscalização dos sítios arqueológicos com indicação para preservação/conservação *in situ*.

No tocante ao eixo 'Interação com o Patrimônio', não há, até o momento, regulamentação voltada especificamente para tais processos. A gestão tem sido informal, sem orientação especializada e normatização específica. Esse fator, no nosso entendimento, gera um cenário de atuações arbitrárias de autoridades e profissionais, uma vez que cada segmento adota procedimentos próprios, podendo causar (aumentar) desigualdades sociais no País.

A normatização das políticas do patrimônio arqueológico com a sociedade consiste, a nosso ver, como uma medida necessária, que possibilitaria avanços na preservação desse recurso cultural. A nossa missão e bandeira são a da Preservação do Patrimônio Arqueológico, porque acreditamos que a identificação, documentação,

proteção e promoção deste patrimônio são fatores de melhoria de qualidade de vida para o Povo brasileiro.



REFERÊNCIAS

IPHAN. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Instrução Normativa Nº 001, de 25 de março de 2015. Estabelece procedimentos administrativos a serem observados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional nos processos de licenciamento ambiental dos quais participe.

IPHAN. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Documento Legal Nº 375, de 17 de agosto de 2018. Institui a Política de Patrimônio Cultural Material do Iphan e dá outras providências.

181



SIMPÓSIO TEMÁTICO 10:
ARQUEOLOGIA, SABERES E EDUCAÇÃO: DIÁLOGOS E EXPERIÊNCIAS

COLEÇÃO, COLECIONADORA, MUSEU: UMA PESQUISA ACERCA DO MUSEU DO SERTÃO ANTÔNIO COELHO EM REMANSO – BA

Andreiza Oliveira Silva ⁶¹
andreizaoliveira1234@gmail.com

Leandro Elias Canaan Mageste ⁶²
leandromageste@gmail.com

183

RESUMO

Essa pesquisa tem como objetivo apresentar o surgimento e trajetória do Museu do Sertão Antônio Coelho, localizado em Remanso – BA, relacionando com os processos de formação das coleções e a trajetória da colecionadora Dona Marisa, proprietária desse espaço. Teoricamente, discutimos os conceitos de museu, coleção, colecionador e patrimônio cultural, para compreendermos a realidade do Museu do Sertão Antônio Coelho e da colecionadora Dona Marisa. Em termos metodológicos, as ferramentas usadas neste trabalho foram as pesquisas bibliográficas, pesquisas de campo, registro fotográfico e entrevistas. Desse modo, observa-se que o acervo do Museu do Sertão Antônio Coelho surgiu em virtude do alagamento do território urbano de Remanso Velho, município que foi submerso pelas águas do Rio São Francisco após a construção da Usina Hidrelétrica na Barragem de Sobradinho, em 1972. O Museu do Sertão Antônio Coelho foi criado em 2002, por meio de uma luta praticamente solitária de Dona Marisa, com o intuito de preservar a história e memória de Remanso Velho. Nesse cenário, tornou-se relevante analisar a classificação das coleções museológicas, seguidas das narrativas construídas por Dona Marisa, investigando aspectos do processo de patrimonialização.

Palavras-chave: Museu; Coleção; Colecionadora; Patrimônio Cultural.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa propõe o estudo das categorias de museu, coleção e colecionadora, cuja fonte pesquisada são as coleções do Museu do Sertão Antônio Coelho de Remanso - BA. A partir disso, o objetivo geral dessa pesquisa consiste em buscar compreender as articulações entre as categorias coleção, colecionador e museu, para produção do discurso sobre os objetos colecionados. Os objetivos específicos consistem em analisar o processo de formação das coleções do Museu do Sertão Antônio Coelho, refletir a trajetória da colecionadora Dona Marisa, incluindo-a como personagem

⁶¹ Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF.

⁶² Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF.

responsável pela preservação das coleções museológicas, a fim de verificar a configuração dos processos de patrimonialização e suas relações com a memória.

O Museu do Sertão Antônio Coelho está localizado na Rua Francisco Leobas, nº 586, em Remanso - cidade localizada no estado da Bahia, nas proximidades das margens do Rio São Francisco. O acervo do Museu do Sertão Antônio Coelho apresenta um caráter institucional de cunho privado, no qual reúne coleções de objetos e produtos pertencentes à história e cultura do povo remansense. As coleções foram idealizadas através da busca pela preservação da memória e identidade de Remanso Velho, cidade que foi submersa pelas águas do Rio São Francisco, em 1972. As coleções são formadas por objetos pertencentes ao contexto de Remanso Velho, estes ligados a atividades econômicas e domésticas dos moradores da antiga cidade.

A princípio o acervo foi construído por meio de uma luta praticamente solitária da senhora Marisa Muniz, proprietária da Instituição, que iniciou a formação das coleções do Museu, resguardando valores e sentimentos atrelados com Remanso Velho por meio dos artefatos colecionados. A colecionadora Marisa Muniz nasceu no dia 28 de fevereiro de 1942, em Remanso. É uma das antigas moradoras do Bairro Capão de Remanso Velho. Popularmente, a mesma é conhecida como Dona Marisa Muniz, seu sobrenome Muniz é uma forma de homenagear seu pai. Além de colecionadora e proprietária do acervo museológico do Museu do Sertão Antônio Coelho, a mesma é também culinária e escritora, com três livros publicados.

CONCEITOS E METODOLOGIA

Para atingir os objetivos considerados neste trabalho, foi necessário explicitar o entendimento acerca de museu, coleção e colecionador, no intuito de observar suas interfaces com a realidade observada para o Museu do Sertão Antônio Coelho. O termo Museu vem do grego, palavra que se originou na Grécia Antiga, mouseion, que designa o templo dedicado às nove Musas filha de Zeus com Mnemosine. Mas, vale ressaltar que as formas e funções dos museus passaram por várias mudanças ao longo do tempo, essas mudanças envolvem desde o funcionamento, missão, conteúdo e administração. Segundo Cury (2005), os museus foram se institucionalizando de maneira lenta e gradual, transformando-se em um espaço reservado para a sociedade, com a finalidade de

comunicar o patrimônio cultural. De acordo com Desvallées e Mairesse (2013), a palavra museu pode designar tanto uma instituição quanto um estabelecimento, ou o lugar geralmente destinado para realizar a seleção, o estudo e a apresentação de testemunhos materiais e imateriais.

Uma coleção museológica pode ser entendida como um conjunto de objetos e coisas reunidos em um determinado local por um indivíduo, podendo ser de caráter material ou imaterial. Os objetos das coleções são selecionados e organizados em um contexto que assegure sua preservação e conservação, constituindo uma ligação entre visível e o invisível. Para formação de uma coleção é necessário o agrupamento de objetos que formem um conjunto, podendo ser de natureza pública ou privada, cujo interesse está frequentemente voltado para a preservação e comunicação (DESVALLÉES e MARIRESSE, 2013).

Por sua vez, o colecionador é o responsável pelo ajuntamento de objetos destinados a formação de uma determinada coleção, ou seja, é o proprietário da coleção, pois o mesmo é responsável pela sua construção, assim como pela dedicação de tempo e cuidado aos objetos, seja ela pertencente ao um museu ou não. A figura do colecionador não é definida pelo ato de colecionar coisas que não exercem sua função convencional, mas sim, pela sua relação construída com os artefatos colecionados. Nesse sentido, o mesmo só se constitui como personagem colecionador ao ser percebido como parte da coleção, tendo como resultado a interação recíproca do objeto colecionado e do indivíduo colecionador (BAUDRILLARD, 2002).

Na instrumentalização desses conceitos, foi seguida uma metodologia de natureza qualitativa, com o intuito de identificar e perceber questões abordadas no trabalho, cuja ferramentas metodológicas usadas foram: pesquisas bibliográficas, pesquisas de campo e entrevistas. Desse modo, as pesquisas bibliográficas foram desenvolvidas com base em materiais já elaborados convencionalmente, como livros, artigos, monografias, dissertações, jornais e outros, tendo como fontes, o acervo de Dona Marisa, biblioteca (UNIVASF), assim como a Internet. A pesquisa de campo consistiu na realização e desenvolvimento das visitas ao Museu do Sertão Antônio Coelho, que possibilitaram o acesso ao acervo museológico, assim como o contato com Dona Marisa. As entrevistas realizadas com Dona Marisa foram desenvolvidas de forma semiestruturada, seguindo um roteiro previamente estabelecido, onde foram obedecidos alguns momentos e lugares,

levando em consideração principalmente o contexto da entrevista, com o objetivo de obter informações relacionadas ao Museu do Sertão Antônio Coelho e da colecionadora Dona Marisa.

SURGIMENTO DA IDEIA DE FORMAÇÃO DO MUSEU DO SERTÃO ANTÔNIO COELHO

186

O Museu do Sertão Antônio Coelho surgiu em virtude do alagamento do território urbano de Remanso Velho, município que foi submerso pelas águas do Rio São Francisco após a construção da Usina Hidrelétrica na Barragem de Sobradinho, em 1972. Diante desse processo de alagamento do território urbano de Remanso Velho, os moradores de Remanso enfrentaram um processo de mudança: foram deslocados para a nova cidade de Remanso, que foi construída a aproximadamente seis quilômetros de distância de Remanso Velho. A partir desse momento, passou a existir na área duas cidades chamadas Remanso, a cidade chamada Remanso Velho, que foi alagada para a instalação da Barragem de Sobradinho; e Remanso, a cidade que foi construída para abrigar os antigos moradores de Remanso Velho em processo de deslocamento (LEDOUX, 2017).

Na conjuntura, parte da cultura material desse povo ficou submersa pelas águas do rio. Com isso, tornou-se explícita a percepção de que o patrimônio local estava ameaçado, principalmente aquelas referências conectadas com memórias de pertencimento a antiga cidade. Percebendo a situação, Dona Marisa Muniz começou a se questionar sobre a necessidade de manter o patrimônio local vivo e permanente em sua vida e na de seus conterrâneos. Assim, iniciou o processo de formação das coleções, junto à ideia de criação do Museu do Sertão Antônio Coelho, com o objetivo principal de valorizar a história e memória de seus conterrâneos, bem como a cultura do povo remansense.

MUSEU DO SERTÃO ANTÔNIO COELHO

O Museu do Sertão Antônio Coelho foi criado em 2002, por meio de uma luta praticamente solitária de Dona Marisa (LEDOUX, 2017). De acordo com a proprietária

do museu, inicialmente o museu funcionava em uma casa, de forma improvisada, pois não tinha uma sede própria. O acervo ficava armazenado em uma residência pequena, alugada para este fim, mas que não apresentava uma estrutura adequada para recepção dos objetos, com uma aparência física muito degradada. Inicialmente, o museu foi nomeado como Museu Arte e Cultura. No decorrer do tempo, a proposta foi se consolidando e ganhando o apoio de remansenses, que se comoviam com a incansável luta de Dona Marisa.

Em 2004, Dona Marisa recebeu de seu amigo Professor Alcides Ribeiro Filho, fundador da Faculdade Alfredo Nasser de Remanso – UNIFAN, uma doação financeira no valor de 15 mil reais para ser aplicada no museu. Segundo Dona Marisa, o apoio do professor Alcides foi crucial para o Museu do Sertão Antônio Coelho, viabilizando uma sede própria para o espaço, na Rua Francisco Leobas, nº 586, em Remanso – BA (**Figura 01**). Logo em seguida sua inauguração, em 2008, passou a ser chamado de Museu do Sertão Antônio Coelho, escolhido por Dona Marisa como uma forma de homenagear seu padrinho Antônio Coelho, demonstrando sua admiração e respeito ao mesmo.

187



Figura 01: Fachada do Museu do Sertão Antônio Coelho. **Fonte:** SILVA, 2022.

Em 2007, foi criada a Associação de Amigos do Museu, com isso o Museu do Sertão Antônio Coelho adquiriu natureza jurídica, ganhando mais visibilidade no cenário local. Em 2010, o Museu do Sertão Antônio Coelho promoveu o “Colóquio sobre

Coronelismo e Desarmonia Social da Câmara de Vereadores de Remanso” durante a realização da 8º Semana Nacional de Museus (de 17 a 23 de Maio de 2010). Ainda neste mesmo ano (17 a 19 de Novembro de 2010), o Museu foi um dos protagonistas de II Encontro Baiano de Museus, em Salvador, evento promovido pela Secretaria de Cultura do Estado, através da Diretoria de Museus do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultura da Bahia (LEDOUX, 2017).

188

CLASSIFICAÇÃO DAS COLEÇÕES MUSEOLÓGICAS DO MUSEU DO SERTÃO ANTÔNIO COELHO E SUA CONCEPÇÃO ENQUANTO PATRIMÔNIO CULTURAL

As coleções museológicas do Museu do Sertão Antônio Coelho são formadas pela cultura material de antigos moradores da Velha Remanso recolhidos por Dona Marisa ao longo de sua trajetória. As peças que formam o acervo representam a história de sertanejos e sertanejas que vivenciaram a destruição da antiga cidade. Para classificar as coleções, levaremos em consideração à forma de organização dos artefatos por parte da colecionadora Dona Marisa, dando relevância os objetos usados para enquadrar o mapeamento do patrimônio cultural ligado ao contexto de Remanso Velho. Na mesma direção, foram conferidas atenções para as maneiras que Dona Mariza realiza a mediação do acervo e do espaço museológico.

Desse modo, considerando a variedade de artefatos e produtos, classificamos as coleções a partir da sua composição, levando em consideração o caráter de concepção de cada objeto por parte da colecionadora. A partir disso, as coleções foram classificadas como religiosas, culturais (vaqueiros), econômicas (atividades de pesca, caça, agricultura, comércio, navegações e campo), domésticas e de equipamentos de ciência e tecnologia. Vale ressaltar que essas denominações estabelecidas para as coleções foi uma opção para melhor organizar e apresentar os dados a partir de divisões efetuadas por Dona Marisa.

A coleção religiosa é composta por artigos do contexto religioso de Remanso Velho, como imagens de santos, rosários, arranjos, vestimentas de padre, crucifixos, oratório, dentre outros (**Figura 02**). De modo geral, a coleção é formada especificamente por objetos de caráter religioso, representando as práticas e tradições dos antigos moradores. Os objetos pertencentes a essa coleção estão expostos pendurados nas

paredes, e colocados em pequenas mesas, contemplando algumas formas de organização do período de Remanso Velho.



189

Figura 02: Coleção de artigos religiosos. **Fonte:** SILVA, 2019.

A coleção museológica dos vaqueiros é composta por variados objetos, entre estes estão suas vestimentas, como gibão, perneiras, chapéu, entre outros. Além disso, fazem também parte dessa coleção, os objetos usados pelo cavalo na prática sertaneja, como a sela, chicote, esporas, entre outras coisas (**Figura 03**). A coleção é formada basicamente por objetos pertencentes à labuta dos sertanejos no campo, tendo como referência os

principais apetrechos utilizados pelos vaqueiros. As peças estão penduradas nas paredes e dispersas no chão encostadas em paredes, agrupadas com as que estão penduradas, apontando para a realidade de Remanso Velho.

A coleção de atividades econômicas é formada por objetos abrangendo as atividades de navegações, agricultura, pesca e comércio. As peças que formam essa coleção estão dispersas em praticamente todas as partes do museu, sendo organizadas de acordo com os modos de vida dos antigos moradores da cidade, conforme expressa pela memória. A coleção é formada por objetos e peças reais, assim como representações e miniaturas de objetos, produzidas necessariamente para retratar a realidade lembrada sobre a população de Remanso Velho (**Figura 04**). Os objetos que representam as atividades de navegações são apresentados por meio de representações e miniaturas, tendo como referência principal uma miniatura de navio (**Figura 05**). As peças ligadas as atividades de agricultura e pesca, representam as práticas dos moradores da antiga cidade na busca por alimentos, para consumo e comércio, exemplificados por objetos como anzol, engancho de pesca, enxada, entre outros. Para contemplar a agricultura familiar na narrativa do museu, Dona Marisa introduziu em seu acervo a representação de uma casa de farinha, pois essa era uma atividade muito popular entre os moradores de Remanso Velho. Já o comércio é representado por produtos como fumo, soda (usada para fazer sabão caseiro), café em grão, entre outros produtos característicos do período de alagamento da cidade.



191

Figura 03: Coleção objetos de vaqueiros. **Fonte:** SILVA, 2019.



Figura 04: Miniatura de um navio. **Fonte:** SILVA, 2019



Figura 05: Objetos, peças e produtos. **Fonte:** SILVA, 2019.

A coleção de objetos domésticos é composta por utensílios usados na cozinha, sala e quartos, mais especificadamente nas residências domiciliares de modo geral. Abrange uma grande quantidade de objetos, tanto em exemplares, quanto em quantidades, envolvendo os móveis, utensílios, adereços decorativos, entre outros. Essa coleção é composta por utensílios como panelas, pratos, xicaras, bules, potes, bacias, cristais, entre outros utensílios que eram usados no dia a dia para desenvolver atividades e, também, para decorar os móveis e os espaços (**Figura 06**). Os móveis são cadeiras, mesas, armários, fogões, estantes, bancos, cristaleira, banca de potes, televisão, porta chapéu, malas, guarda-roupa, penteadeira, entre outros (**Figura 07**). Os adereços decorativos são representados por relógios, porta-retratos, quadros, vasos, tapetes, para citar alguns exemplos.



Figura 06: Exemplos da coleção de objetos domésticos. **Fonte:** SILVA, 2019.



Figura 07: Objetos pertencentes a coleção de objetos domésticos. **Fonte:** SILVA, 2029.

A coleção de ciência e tecnologia é composta por objetos como câmera fotográfica, rádio, balança, máquina datilográfica, máquinas de costura (**Figura 08**), telefones, radiola, impressora, etc. Ao abordar essa coleção em suas narrativas Dona Marisa, enfatiza principalmente as inovações tecnológicas, destacando o esquecimento dos equipamentos usados em Remanso Velho.



194

Figura 08: Máquina de Costura. **Fonte:** SILVA, 2019.

A partir dessa classificação das coleções museológicas do Museu do Sertão Antônio Coelho, podemos perceber melhor a composição de seu acervo, assim como, visualizar a diversidade de objetos e produtos que Dona Marisa coleciona no intuito de preservar o contexto Remanso Velho. Desse modo, ao levar em consideração a quantidade de objetos colecionados, sobretudo os processos que ocasionaram a formações das coleções, podemos tratar esse acervo como resultado da resistência de Dona Marisa em relação à destruição de sua cidade natal. Podem ser percebidas como patrimônio cultural, tendo como referência as narrativas de Dona Marisa, que revelam formas de trabalho com o passado no presente, na articulação entre expectativas individuais e coletivas

COLEÇÕES MUSEOLÓGICAS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL: UM DIÁLOGO COM A MEMÓRIA

As coleções museológicas do Museu do Sertão Antônio Coelho são formadas por objetos de diversas tipologias, apresentando em seu contexto a particularidade de contar e reviver a história e memória de antigos moradores de Remanso Velho. Assim, os objetos colecionados por Dona Marisa, são antes de qualquer coisa, patrimônios culturais, pois apresentam em sua configuração elementos que possibilitam o entendimento da vida social e cultural humana. Além disso, evocam caracteres construídos ou inventados, para articular e expressar a memória a partir das concepções de reconhecimento de cada coleção no que diz respeito à cultura material e seus significados (GONÇALVES, 2005). Nesse sentido, os objetos colecionados concebidos enquanto patrimônios culturais evocam forças complexas e dinâmicas definidas pelos lugares de onde esses objetos emergiram, possibilitando uma mediação entre o passado, o presente e o futuro.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, J. 2002. **O sistema dos objetos**. 4ª. Edição. São Paulo: Editora Perspectiva.

CURY, M. X. 2005. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume.

DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. 2013. **Conceitos-chave de museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus. Pinacoteca do Estado de São Paulo. Secretária de Estado de São Paulo.

GONÇALVES, J. R. S. 2005. **Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônio**. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Porto Alegre.

LEDOUX, N. R. P. 2017. **Arquiteturas sufragadas e memórias construídas: Uma arqueologia da memória da Remanso submersa – BA. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós- Graduação em Arqueologia e Interfaces Disciplinares**. Sergipe.

CURSOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA ONLINE: A EXPERIÊNCIA DO GRUPO DE ESTUDOS ARQUEOLOGIA DO OESTE DA BAHIA

Fernanda Liborio Ribeiro Simões⁶³
fernandaliborios@gmail.com

RESUMO

197

O grupo de estudos Arqueologia do Oeste da Bahia tem por objetivo fortalecer as pesquisas da região e criar redes de apoio e colaboração com a comunidade local. Dentre outras atividades, são disponibilizados cursos de extensão. O presente resumo expandido apresenta os resultados obtidos a partir da oferta de cursos de extensão online.

Palavras-chave: Extensão; Cursos Online; Ensino de Arqueologia.

O Grupo de Estudos Arqueologia do Oeste da Bahia é um projeto de extensão universitária que articula pesquisa e ensino em atividades que promovam a aproximação das pessoas de fora da Universidade Federal do Oeste da Bahia com as temáticas que envolvem o Patrimônio Arqueológico. Com sede em Barreiras (BA), o Grupo de Estudos Arqueologia do Oeste da Bahia (doravante, GAO) tem realizado visitas aos sítios arqueológicos de Barreiras e São Desidério com estudantes de graduação, estudantes do ensino básico, gestores públicos e participantes do Programa Universidade da Maturidade. O objetivo principal do GAO é o fortalecimento das pesquisas na região, criação de redes de apoio e colaboração e produção de conhecimento que seja acessível a diferentes públicos.

O oeste da Bahia é compreendido pelos municípios a margem esquerda do Rio São Francisco, compreendendo quase 1/3 da extensão territorial do estado. Trata-se de uma região demarcada pela profunda desigualdade social e intensa especulação para o setor agropecuário, sendo alvo periodicamente de obras de infraestrutura relacionadas com o escoamento da produção de soja e algodão. A ocorrência dessas obras gerou a realização de diversas pesquisas arqueológicas no âmbito do licenciamento ambiental

⁶³ Universidade Federal do Oeste da Bahia.

(SAMPAIO, 2007; PELLINI & TELES, 2007). Como resultado, as comunidades dos entornos dos sítios arqueológicos tornaram-se críticas e conscientes do que envolve uma pesquisa arqueológica e entendem o profissional da Arqueologia como um servidor público.

Durante a atuação do GAO, as comunidades apresentaram diversas demandas que partiam de problemas de pesquisa bem definidos até a exigências de repatriação do Patrimônio Arqueológico (SIMÕES, 2021).

A partir das medidas de combate à pandemia da COVID-19, o GAO iniciou a oferta de cursos de extensão online. Foram ofertados os cursos “Gestão do Patrimônio Cultural”, “Pré-História Geral e do Brasil”⁶⁴, “Introdução à Arqueologia”, “Arqueologia de Ambientes Aquáticos” e “Introdução à Evolução Biocultural Humana”.

Os cursos possuíam objetivo inicial de alcançar público do ensino médio, gestores públicos e professores do ensino público da região oeste da Bahia, mas a intensa procura de outros profissionais já estabelecidos em suas respectivas áreas, fez com que as vagas se esgotassem em poucas horas após a abertura das inscrições. Considerando a demanda, foram realizadas adequações e reflexões ao longo dos anos de 2020, 2021 e 2022.

A partir de questionários aplicados aos participantes (297 pessoas), foi possível analisar as motivações que levaram a participação no curso: (1) motivação profissional de pessoas que não atuam na Arqueologia, mas utilizam esses conteúdos profissionalmente, (2) conteúdos e temas em acordo com o que buscavam e (3) ausência de cursos semelhantes próximos de suas residências. Dentre as 29 áreas de atuação cujos profissionais participaram, as que mais procuram os cursos são: (1) História, (2) Humanidades, (3) Arqueologia e (4) Arquitetura e Urbanismo, Medicina, Engenharia Civil, Geografia e Turismo.

Como resultado dos cursos, houve atualização do plano de ensino de professores, continuidade dos estudos⁶⁵, criação de redes de apoio, levantamento de novos sítios arqueológicos e inclusão da temática em políticas públicas locais.

⁶⁴ Foram realizadas duas edições do curso de Pré-História Geral e do Brasil (2020 e 2021).

⁶⁵ Até o momento, 3 regressos dos cursos adentraram programas de pós-graduação em Arqueologia e entraram em contato para registrar como os cursos colaboraram no processo seletivo.

REFERÊNCIAS

PELLINI, J. R.; TELLES, M. A. 2007. **Projeto de Resgate Arqueológico, Histórico e Cultural da BR-135/BA, no trecho São Desidério** - Correntina, Estado da Bahia. Goiânia. Griphus.

SAMPAIO, D. 2007. **Relatório Final de Prospecção**. Programa de Prospecção Arqueológico BR-135/BA. Belo Horizonte.

SIMÕES, F. L. R. 2021. **Direito à memória: arqueologia e reivindicações no Oeste da Bahia**. Francisco, Santa Maria da Vitória, Bahia, p. 1 - 2, 28 out.

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL EM TEMPO DE PANDEMIA: UMA EXPERIÊNCIA NO LICENCIAMENTO AMBIENTAL NO MUNICÍPIO DE ITAPARICA-BAHIA

Luis Felipe Freire Dantas Santos⁶⁶
luisfelipe_freire@yahoo.com.br

Jéssica Lene de Costa Mello⁶⁷
jessicalenemello@gmail.com

Tiago Vasconcelos⁶⁸
yvasconcelos@gmail.com

200

RESUMO

O trabalho apresenta as ações de educação patrimonial desenvolvidas no escopo do Projeto de Gestão do Patrimônio Arqueológico do Empreendimento de Requalificação da Base Náutica de Itaparica (2021), durante a pandemia de Covid-19, através do uso das novas mídias e da linguagem audiovisual como instrumentos de promoção do patrimônio cultural.

Palavras- chave: Educação Patrimonial; Linguagem Audiovisual; Licenciamento Ambiental; Pandemia; Itaparica.

O presente trabalho tem como objetivo apresentar as ações de educação patrimonial desenvolvidas no escopo do Projeto de Gestão do Patrimônio Arqueológico do Empreendimento de Requalificação da Base Náutica de Itaparica (2021).

Quando falamos de sítios arqueológicos submersos, é inevitável colocarmos a situação de marginalidade relegada aos bens culturais quando localizados em contextos úmidos, resultado em grande parte da condição mundial gerada pela conhecida indústria da “caça ao tesouro”, que em nosso país gerou também o (des)interesse do Estado, levando não só a uma incongruência legislativa em relação aos sítios úmidos (RAMBELLI, 2009), mas, também, à incipiente participação da Arqueologia de ambientes aquáticos em processos de licenciamento ambiental. Algo que só vem

⁶⁶ Contextos Arqueologia.

⁶⁷ Contextos Arqueologia.

⁶⁸ Contextos Arqueologia.

acontecer nas últimas duas décadas, mesmo assim de maneira esparsa e pontual, sujeita à sensibilidade de alguns técnicos e superintendências estaduais do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), tendo uma maior recorrência somente nos últimos sete anos, principalmente por conta da publicação da Instrução Normativa nº 01/2015 do IPHAN e pelo trabalho de formação e divulgação da Arqueologia de ambientes aquáticos desenvolvido por poucos profissionais em cursos de formação em Arqueologia.

Toda a gama de conhecimento acessível graças à pesquisa arqueológica subaquática, obriga-nos a assumir uma gigantesca responsabilidade, a de transpor as barreiras da ciência tornando-o público e acessível, mas, para que isso ocorra são necessárias ações sistemáticas e contínuas de microtransformação de mentalidades, além do amadurecimento do papel político e social da Arqueologia.

Quando trazemos a discussão do patrimônio cultural subaquático para um contexto regional, somando as dificuldades existentes pelas condições político-econômicas, patrimoniais e da pandemia de Covid-19, como foi com a presente pesquisa, faz-se necessário o desenvolvimento de uma postura arrojada, que pense a incorporação das novas mídias e da linguagem audiovisual como instrumentos de promoção e articulação do público escolar com as questões de preservação do patrimônio cultural, sobretudo o subaquático.

Compreendemos que a Educação Patrimonial se constitui de todos os processos educativos (formais e não formais) com enfoque no patrimônio cultural, que primam pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio do diálogo permanente, mediando na compreensão de suas referências culturais (todas as suas manifestações) e suas dimensões políticas e contextos de significados, colaborando com o reconhecimento, valorização e preservação do patrimônio (FLORÊNCIO et al., 2014), princípios norteadores para o presente projeto.

Atuamos em parceria com a Secretaria de Educação do Município de Itaparica, desenvolvendo um curso de formação continuada para professores e pessoas interessadas na gestão do patrimônio. O curso foi desenvolvido integralmente de forma remota, através de uma estratégia que mesclava momentos síncronos e assíncronos, com a utilização de materiais audiovisuais de cunho didático, alinhados a realidade local e as suas referências culturais.

Como resultado, 60 participantes concluíram o curso, iniciando pequenas transformações nas relações com o patrimônio cultural local, através do entendimento da dimensão política do patrimônio, ocorrendo de forma autônoma e gradual, por parte dos participantes, a geração de novas propostas de uso social dos bens culturais na Ilha de Itaparica.

REFERÊNCIAS

FLORÊNCIO, S. R.; CLEROT, P.; BEZERRA, J.; RAMASSOTE, R. 2014. Educação Patrimonial: Históricos Conceitos e Processos. **Educação patrimonial: Princípios e diretrizes conceituais**, Brasília - DF, IPHAN.

RAMBELLI, G. 2009. Patrimônio Cultural Subaquático no Brasil: discrepâncias conceituais, incongruência legal. In: FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, S.; RAMBELLI, G. (Org.). **Patrimônio Cultural e Ambiental: questões legais e conceituais**. 1 ed. São Paulo: Annablume: 59-76.

203

A EXPERIMENTAÇÃO ARQUEOLÓGICA COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA

Lilian Panachuk⁶⁹
lipanachuk@gmail.com

Sara Toja⁷⁰
sara.dt5@gmail.com

204

RESUMO

No início de 2019, compartilhamos em sala uma experiência pedagógica baseada em Arqueologia Experimental, essa estrutura pedagógica permitiu o envolvimento empenhado com o conteúdo fazendo com que as autoras dessa comunicação se aproximassem em suas pesquisas e em suas redes acadêmicas. Assim, pretendemos aqui refletir sobre a construção do conhecimento científico incluindo o empenho de corpo em aprender uma tarefa, relacionando nossa vivência de professora e estudante.

Palavras- chave: Arqueologia experimental; educação participativa; proposta educativa.

No início de 2019, compartilhamos em sala de aula uma experiência pedagógica baseada em Arqueologia Experimental, através de diferentes módulos que compreendiam: fogo, material lítico, cerâmico e grafismos rupestres. Essa estrutura pedagógica permitiu o envolvimento empenhado com o conteúdo.

A experimentação em arqueologia é exigente! Demanda uma série de tralhas a serem transportadas para o uso em sala ou oficinas: artefatos, fragmentos, matérias-primas, instrumentos, muitas amostras. No local, implica em uma organização dos materiais e o contato físico dessas coisas por toda equipe participante: diversos sentidos são despertados. A experimentação em arqueologia exige a participação ativa e o engajamento nesse processo de aprender com as mãos, trazendo à baila as indicações de bell hooks (1999) para uma prática pedagógica progressista.

⁶⁹ Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

⁷⁰ Arcadis – Arqueóloga.

A partir desse processo de ensino-aprendizagem e engajamento com a tarefa, as autoras dessa comunicação se aproximaram em suas pesquisas, e em suas redes acadêmicas, participando do Grupo de Pesquisa Cultura do Barro na Escola de Belas Artes, na UFMG. Ambas as autoras perceberam que a partir desses diálogos interdisciplinares, é possível entender de um outro prisma um artefato corpóreo como a cerâmica, empenhando o próprio corpo para produzir esse objeto.

Já em meados de 2019, as práticas pedagógicas baseadas no fazer e os interesses relativos ao empenho do corpo produtor, fizeram com que juntas pudéssemos reativar o Grupo de Estudos do Simbolismo e Tecnologia Oleira - G.E.S.T.O.; e dar novo ânimo ao projeto de extensão “Arqueologia e Educação”, vinculado ao Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG. Mais tarde, o grupo se tornou reconhecido, divulgando os processos de ensino e aprendizagem desenvolvidos pela sua equipe majoritariamente feminina. Tal ambiente, seguro e colaborativo, permite que as ideias alheias sejam possíveis, em um contexto em que a partir do diálogo e da experiência é possível desenvolver autonomia a partir da troca e do compartilhamento estruturados a partir da experiência.

O fazer com as mãos nos expõe a fracassos e sucessos, envolvendo assim um risco. Em sala e nas oficinas, quem demonstra como professora, corre riscos e coloca todo o coletivo em um mesmo espaço horizontal. Afinal, uma experiente ceramista também pode “perder a mão” em um dia específico, como a atleta de alto desempenho pode não realizar bem uma tarefa em um evento mundial. Assim, ao mesmo tempo que correr riscos nos une em termos pedagógico - como quando corremos juntos de uma briga de galo (Geertz, 3333) ou quando nos empenhamos em uma plantação (Paulo Freire, 333) ou fazemos uma queima cerâmica a lenha coletivamente (Panachuk, 2021) – nos une em termos afetivos, pela partilha, pelo processo, pela caminhada. O fazer expõe nosso corpo aos outros, assim, é preciso um ambiente seguro para que possamos deixar nosso corpo e dedos produzir uma peça cerâmica, por exemplo.

Ensinar e aprender sobre um objeto realizando sua cadeia operatória na prática (completa ou parcialmente), aprender com as mãos, é uma atividade revolucionária. Nesse trabalho pretendemos refletir sobre a construção do conhecimento científico que inclui o empenho de corpo em aprender uma tarefa, relacionando nossa vivência de professora e estudante, trazendo os compromissos da agenda feminista, se baseando na

experiência situada, na responsabilidade com os resultados da pesquisa e no auto reflexividade e conexão com outras subjetividades de diferentes interseccionalidades. Dessa forma, buscou-se, em um processo contínuo e colaborativo, construir um ambiente horizontal mudando dinâmicas de poder no contexto científico e acadêmico.



UM PARQUE PARA PRESERVAR: LEVANTAMENTO E APONTAMENTOS ACERCA DAS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NO PARQUE METROPOLITANO ARMANDO DE HOLANDA CAVALCANTI, CABO DE SANTO AGOSTINHO-PE (2015-2022)

Izabela Pereira de Lima⁷¹

izabelapereiradelima@hotmail.com

Lucas Alves da Rocha⁷²

lucas-alves170@hotmail.com

Henry Sócrates Lavalle Sullali⁷³

henry.lavalle@ufpe.br

207

RESUMO

O presente estudo é um levantamento acerca das pesquisas arqueológicas realizadas pela universidade Federal de Pernambuco em conjuntos com pesquisadores autônomos no resgate não só de sítios arqueológicos dentro do perímetro do parque metropolitano Armando de Holanda Cavalcanti, como do patrimônio imaterial que vêm se perdendo por falta de projetos de resgate e registro das comunidades tradicionais.

Palavras- chave: Arqueologia; Comunidades tradicionais; Fake News; Parque metropolitano Armando de Holanda Cavalcanti; Educação patrimonial.

Na década de 70, do século passado, uma iniciativa de implantação de um complexo portuário na região entre os municípios do Cabo de Santo Agostinho e Ipojuca, contudo, isso gerou preocupação em diversos grupos, em especial os ligados ao patrimônio cultural, depois de reuniões, foi decidido que seria criado, na região do promontório do Cabo, um parque metropolitano de 270 hectares.

Segundo documentos entregues as famílias, o parque seria orientado em especial, pela pesquisa arqueológica e realmente foi um marco para a história da arqueologia histórica, seja terrestre como subaquática, contudo, a campanha só durou entre 1978 e 1979, e alguns pontos especiais de pesquisas não foram completados, como o caso do forte de Nazaré (Forte Real de Nossa Senhora de Nazaré), porém após décadas, houve iniciativa para começarem novas pesquisas na região.

⁷¹ Universidade Federal de Pernambuco- UFPE.

⁷² Universidade Federal de Pernambuco- UFPE.

⁷³ Universidade Federal de Pernambuco- UFPE.

Observando a ausência de novas pesquisas e de uma perda da memória cultural imaterial da localidade, com base nisso, a iniciativa começou a pesquisa sobre o forte de Nazaré, que devido divergências, foi registrado como forte Real de Nossa Senhora de Nazaré, sendo os dois primeiros trabalhos apresentados em 2013 e 2015. (ROCHA; LIMA, 2013; ROCHA, 2017).

Logo após isso, novos horizontes foram abertos, não só se limitando aos trabalhos de campo, seja no reconhecimento superficial de possíveis sítios arqueológicos ou como os registros dos saberes locais de algumas famílias tradicionais, ligado a produção de cerâmicas, pontos de socialização da comunidade entre outros.

Entre 2016 a 2018, novas produções foram feitas como uma descrição completa do forte real, os estudos iniciais acerca do grafismo presente em telhas artesanais que poderia estar ligada aos grupos afro-brasileiros que viviam na localidade, além do apagamento destas mesmos grupos na localidade, apesar do registro arqueológico apontar o contrário.

Contudo, como a sociedade, em um modo geral, vêm sofrendo com ataques e desinformação, áreas como arqueologia são alvos perfeitos para pessoas más intencionadas. Um exemplo bem conhecido foi o caso do empresário Luciano Hang, acerca de vestígios arqueológicos na área na qual estava sendo construída uma de suas lojas, a equipe de arqueologia foi hostilizada a ponto de boa parte da sua vida exposta e ameaças chegaram de pessoas desconhecidas a alguns dos membros da equipe.

No caso acontecido no parque, foi algo similar, contudo que o método utilizado foi refinado, aponta um risco monumental a profissão, pois além da divulgação de fake News por membros que representam a sociedade civil no conselho gestor paritário do PMACH, das acusações em reuniões, nas quais estão representantes da esfera municipal, estadual, federal e até órgãos mundiais, nas quais afirmavam que o arqueólogo e família tinha jogado uma moeda para paralisar a obra por motivos escusos, denegrindo a imagem do arqueólogo e sua família, causando um “assassinado de reputação” seja acerca dos órgãos, seja dentro da comunidade, essa última, sendo alguns dos integrantes ameaçaram matar essa família devido a essa fake News.

Um exemplo das proporções que tal caso chegou, foi a descoberta de menções do caso em relatórios enviados em maio do presente ano a seções do governo estadual, como descreveu Rocha (2022 no prelo) como uma replicação da fake News, as menções

foram destacadas: *“Uma outra apresentação que teve bastante ênfase, foi do arqueólogo Getúlio, não sendo esse o arqueólogo causador de conflitos anteriores na Vila de Nazaré (...)”* e na outra citação de forma o termo “supostos”, ignorando o que o IPHAN apresentou: *“Identificou-se apenas iniciativas referentes a pavimentação de vias internas do parque, mas que foram paralisadas por terem supostamente encontrados artefatos arqueológicos no solo durante a realização dos serviços de pavimentação o que acabou causando a paralisação dos serviço.”* (NATUREZA URBANA, 2022 b. p. 41 Apud ROCHA, 2022 no prelo)



REFERÊNCIAS

ROCHA, L. A.; LIMA, I. P. 2015. **Projeto de resgate Arqueológico e Histórico do Forte de Nazaré-Cabo de Santo Agostinho-PE**. Apresentação oral no I simpósio internacional de arqueologia dos engenhos, Recife.

ROCHA, L. A. 2017. **Preservação, Patrimônio e Arqueologia: o Forte Real de Nossa Senhora de Nazaré, uma fortificação Seiscentista, Pernambuco, Brasil. (Monografia)**. Recife, UFPE, 2017. 140 pags.

ROCHA, L. A. 2022. **O forte que resiste: Diretrizes arqueológicas para preservação do Forte Real de Nossa Senhora de Nazaré (Forte de Nazaré), Parque Metropolitano Armando de Holanda Cavalcanti, Cabo de Santo Agostinho-PE-Brasil. (Dissertação de mestrado)**. Recife, UFPE, 2022 no prelo

**SIMPÓSIO TEMÁTICO 11:
ARQUEOLOGIA DIGITAL**

BANCO DE DADOS SOBRE CONTEXTOS FUNERÁRIOS DO PIAUÍ

Ana Luzia Pinheiro de Freitas⁷⁴
luziapfreitas@gmail.com

Francisco Rodrigo Parente da Ponte⁷⁵
fco.rparente@gmail.com

Claudia Minervina Souza Cunha⁷⁶
claudiacunha@ufpi.edu.br

212

RESUMO

Esse trabalho trata da criação de um banco de dados sobre contextos funerários que abrange, até o momento, os sítios estudados e publicados no Estado do Piauí. Com acesso aberto, o banco irá reunir informações com base nas teorias e metodologias utilizadas pela Bioarqueologia, podendo ser ampliado para os demais estados brasileiros.

Palavras- chave: Banco de Dados; Contextos Funerários; Piauí.

A hipótese que rege esse trabalho são os problemas com os dados sobre contextos funerários no Brasil, com foco no Estado do Piauí. Os dados arqueológicos publicados hoje no Brasil têm uma série de problemas. Seja devido à ausência, duplicação ou erros, as informações apresentadas geram muitos problemas aos pesquisadores que as utilizam. No caso dos contextos funerários, há escassez de informações devido à concentração de investimento em pesquisas em nichos. Além da existência desses nichos, também temos as dificuldades inerentes ao objeto de pesquisa. Para além da pesquisa acadêmica, os trabalhos solicitados pelos órgãos responsáveis pelo patrimônio, como os levantamentos arqueológicos apresentados ao IPHAN através das etapas do licenciamento ambiental, apresentam muitas lacunas.

⁷⁴ Universidade Federal do Piauí – UFPI.

⁷⁵ Universidade Federal do Ceará – UFC.

⁷⁶ Universidade Federal do Piauí – UFPI.

Com base nessa hipótese de pesquisa, o objetivo geral deste trabalho foi criar uma base de dados sobre contextos funerários, para tentar minimizar esses problemas. Para atingir esse objetivo, fez-se necessário estabelecer parâmetros para caracterizar as práticas funerárias observáveis, levantar o estado da arte sobre os sítios e cadastrar as informações coletadas na base de dados.

A teoria utilizada engloba os conceitos de Bioarqueologia (LARSEN, 2018), Arqueologia das Práticas Funerárias (LUZ, 2014), Variações nas Práticas Funerárias (PEARSON, 2003), *Anthropologie de Terrain* (DUDAY, 2006) e Cronologia (DIAS, 2005; FUNARI E NOELLI, 2015).

A base de dados foi pensada inicialmente para ser uma planilha tipo Excel, contendo os dados coletados sobre os sítios arqueológicos. Porém, como essa abordagem possui certas desvantagens, optou-se por desenvolver um sistema Web, que possuísse uma interface amigável para o pesquisador cadastrar novas informações e que fornecesse uma interface programável para manipulação dos dados. Para tal finalidade, utilizamos o *framework* de desenvolvimento Web Django, escrito utilizando a linguagem de programação Python, em conjunto com o banco de dados relacional SQLite. Essas ferramentas foram escolhidas por serem robustas, de fácil utilização e de código aberto, o que facilitou o desenvolvimento e implantação da solução final.

Nos resultados, apresentamos o banco de dados e seus respectivos campos e variáveis. São 15 campos a serem preenchidos: Nome do Sítio, Município, Distrito/UF, Tipo de Sítio, Resumo Descritivo do Sítio, Contexto dos Sepultamentos, Tipo de Inumação, Tipo de Estrutura/Invólucro, Acompanhamento Funerário, Cultura, Cronologia, Datação, Material Datado, Referências e Referências Adicionais. Foram encontrados, com base na pesquisa bibliográfica, 23 sítios arqueológicos no Estado do Piauí, divididos em quatro regiões: Serra da Capivara, Afloramentos Calcários, Serra das Confusões e Outras Regiões.

Para concluir, falamos dos problemas enfrentados durante a pesquisa e possibilidades para mitigar esses problemas. O principal benefício dessa pesquisa é a criação do primeiro banco de dados sobre contextos funerários, que futuramente será disponibilizado de forma aberta e gratuita, podendo servir a propósitos tanto na área acadêmica como na área do licenciamento ambiental.

REFERÊNCIAS

DIAS, M. O. L. da S. 2005. **A interiorização da metrópole e outros estudos**. São Paulo: Alameda.

DUDAY, H. 2012 [2006]. L'archéothanatologie ou l'archéologie de la mort (Archaeoethnology or the Archaeology of Death). *In*: Gowland, R. e Knüßel, C. (eds). **Social Archaeology of Funerary Remains**. Oxford: Oxbow Books: 30-56.

FUNARI, P. P.; NOELLI, F. S. 2015. **Pré-história do Brasil**. 4. ed. São Paulo: Contexto.

LARSEN, C. S. 2018. Bioarchaeology in perspective: From classifications of the dead to conditions of the living. **American Journal of Physical Anthropology** [Online], 165(4). [Consultado em 14-4-2022]. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/ajpa.23322>.

LUZ, M. de F. 2014. Práticas Funerárias na Área Arqueológica da Serra da Capivara, Sudeste do Piauí, Brasil. **Tese de Doutorado em Arqueologia**, Universidade Federal de Pernambuco.

PEARSON, M. P. 2003. **The Archaeology of Death and Burial**. Gloucestershire: Sutton Publishing Ltda.

BIOARQUEOLOGIA NA ERA DA TECNOLOGIA: ACERVOS DIGITAIS COMO FERRAMENTA DE PRESERVAÇÃO E COMUNICAÇÃO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO

Jaciara Pereira Lima⁷⁷
jaciara@plima@hotmail.com

Olivia Alexandre de Carvalho⁷⁸
Ocarvalho99@hotmail.com

Gabriela Santana de Carvalho Neves⁷⁹
nevessgabriela@gmail.com

215

RESUMO

O objetivo é apresentar os resultados parciais da pesquisa de mestrado apresentada ao PROARQ/UFS, que busca criar um acervo digital para o LABIARQ/UFS a fim de contribuir para a preservação e comunicação do patrimônio arqueológico, tendo como material de estudo o acervo bioarqueológico do Sítio Barra e os *softwares* WordPress e Tainacan para armazenar e gerir as coleções.

Palavras-chave: Acervos Digitais; Bioarqueologia; Patrimônio Arqueológico.

INTRODUÇÃO

Acompanhando o desenvolvimento das Tecnologias Digitais da Informação (TDICs), as instituições de guarda e pesquisa do patrimônio cultural brasileiro têm buscado novas soluções tecnológicas para promover a gestão e o compartilhamento dos seus acervos (IBRAM, 2020).

Cada acervo representa um aspecto importante de determinada cultura e no caso dos acervos bioarqueológicos temos a evidência direta da biologia populacional do passado. O seu estudo fornece informações sobre origem e dispersão dos grupos, saúde, padrões de atividade, rituais funerários, entre outras (Larsen, 2002).

⁷⁷ Universidade Federal de Sergipe – UFS.

⁷⁸ Universidade Federal de Sergipe – UFS.

⁷⁹ Universidade Federal de Sergipe – UFS.

Este é o tipo de acervo que compõe o Sítio Barra, um cemitério indígena localizado no município de Camalaú/PA, na Região do Cariri Paraibano. Datado de 1220±30 AP, este sítio é muito importante para a compreensão do modo de vida indígena durante o período pré-colonial na Região Nordeste. O material bioarqueológico (vestígios humano, animal e vegetal) foi exumado em 2007 pela equipe do NDIHR/UFPB⁸⁰ e atualmente é estudado no LABIARQ/UFS⁸¹ (Azevedo Netto *et al.*, 2007).

216

Visando contribuir para a preservação e comunicação do patrimônio arqueológico, nosso objetivo é criar um acervo digital para o LABIARQ utilizando ferramentas digitais já adotadas por museus, tendo como material de estudo o acervo bioarqueológico do Sítio Barra para compreensão do contexto funerário e projeto-piloto para testar a viabilidade da nossa proposta.

METODOLOGIA

Análise do cervo bioarqueológico do Sítio Barra com base nos métodos propostos por Buikstra e Ubelaker (1994), Nikita e Karligkioti (2019), Nikita (2017), Nikita *et al.* (2019) e Schaefer *et al.* (2009). Documentação dos itens utilizando fichas de análise e etiquetas utilizadas pela equipe do LABIARQ, baseadas em trabalhos como os de Buikstra e Ubelaker (1994) e Nikita (2017); e, através dos conhecimentos produzidos pelas Tecnologias da Informação, os dados serão hospedados no repositório de acervos digitais do Tainacan, utilizando o sistema de gerenciamento de conteúdo do WordPress.

RESULTADOS PARCIAIS

Instalamos um servidor local, o XAMPP, para criar o banco de dados do LABIARQ/UFS, com o qual temos acesso ao gerenciamento de conteúdo do WordPress e ao *plug-in* do Tainacan que já foi configurado para a criação do acervo digital do LABIARQ. Estamos na fase de análise, catalogação e registro fotográfico do acervo do

⁸⁰ Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional da Universidade Federal da Paraíba.

⁸¹ Laboratório de Bioarqueologia da Universidade Federal de Sergipe.

Sítio Barra, cujo resultados estão sendo inseridos no Acervo Digital do LABIARQ no Tainacan.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este Acervo Digital vai permitir à equipe do LABIARQ cadastrar novas coleções bioarqueológicas provenientes de diferentes sítios arqueológicos e armazenar cada item com sua respectiva documentação, bem como comunicar o conhecimento arqueológico para o público em geral através da internet.

217

REFERÊNCIAS

AZEVEDO NETTO, C. X. A.; BRITO, V. de.; SANTOS, J. de S.; OLIVEIRA, T. B.; FARIAS, S. D. 2007. **Expedição Camalaú/PB – Escavação em Cemitério Indígena no Cariri**. Boletim Informativo da Sociedade Paraibana de Arqueologia (SPA). Ano II, n. 15.

BRUNO, M. C. O. 1995. Musealização da Arqueologia: um estudo de modelos para o Projeto Paranapanema. **Tese de Doutorado**. São Paulo: Programa de Pós-Graduação Interdepartamental em Arqueologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo/USP.

IBRAM. 2020. **Acervos Digitais nos Museus: Manual para realização de Projetos**. Instituto Brasileiro de Museus; Universidade Federal de Goiás - Brasília, DF: IBRAM.

LARSEN, C. S. 2002. **Bioarchaeology: The Lives and Lifestyles of Past People**. Journal of Archaeological Research, Vol. 10, No. 2, June.

NIKITA, E. 2017. **Osteoarchaeology: A Guide to the Macroscopic Study of Human Skeletal Remains**. Academic Press is an imprint of Elsevier. London.

TAINACAN. 2017. **Manual do Usuário**. Laboratório de Políticas Públicas Participativas; Gestão da Informação FIC; UFG; Brasil.

OS DESAFIOS DE UM SCRIPT EM LINGUAGEM R PARA GEOFÍSICA APLICADA EM ARQUEOLOGIA

Taís Ketlyn de Souza Santos⁸²
tais.ketlyn@discente.univasf.edu.br

Larissa Aragão⁸³
larissa.aragao@discente.univasf.edu.br

Leandro Surya⁸⁴
leandro.surya@univasf.edu.br

219

RESUMO

Na arqueologia brasileira ainda é raro ver pesquisas que envolvem os métodos da geofísica, como a polarização induzida e a resistividade elétrica. A metodologia desta pesquisa envolveu o levantamento de dados em campo e o desenvolvimento de um script em linguagem R para processar os dados. Como resultado obtemos imagens de pseudos-cortes que apresentam os valores das resistências lidas.

Palavras-chave: Linguagem R; Resistividade elétrica; Arqueologia no semiárido brasileiro.

Nos estudos de Geofísica Aplicada a Arqueologia é concebida como uma de suas áreas de atuação (BRAGA, 2016; KEAREY, BROOKS, HILL, 2009). Todavia, na arqueologia brasileira, principalmente naquela praticada em seu semiárido, ainda é raro ver pesquisas envolvendo métodos como a resistividade elétrica, polarização induzida ou potencial espontâneo. O objetivo de nossa pesquisa é, de maneira ampla, tentar dirimir o hiato entre as duas áreas por meio da aplicação da resistividade elétrica em sítios arqueológicos. Alguns experimentos já vêm sendo desenvolvidos, assim como foi mostrado em Santos, Barros e Surya (2021), que serviram de base para a pesquisa em questão.

⁸² Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF.

⁸³ Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF.

⁸⁴ Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF.

Além destes, outras ações de prospecção geofísica estão ocorrendo junto a mesma equipe em sítios do Parque Nacional Serra das Confusões como a Toca do Olho d'Água das Andorinhas, futuramente a Toca do Muqué e no sítio Casa de Seu Serapião na comunidade Lagoa de Fora - São Raimundo Nonato/PI.

A metodologia envolveu o desenvolvimento de um script em linguagem R para processar os dados coletados em campo com os valores do potencial espontâneo e induzido de resistividade elétrica. Para o processamento foram utilizadas as fórmulas derivadas da Lei de Ohm, em especial o cálculo da resistividade aparente $\rho = k * (\Delta t / i)$ e dos seus fatores de constância geométrica $k = 2\pi * g * x$; $g = 1/(1/n) - (2/n+1) + (1/n+2)$ e $x = n * 0.5$. Também discutimos a utilização de duas técnicas de interpolação: a krigagem ordinária e o IDW, sendo a primeira:

220

“A krigagem é uma técnica de interpolação que consiste em métodos geoestatísticos para a estimativa de pontos, que utiliza o modelo variograma como objetivo de estimar pontos não amostrados. Os valores estimados são uma combinação linear dos valores de entrada.” (GEO-KRIGAGEM, 2022).

Já o IDW corresponde, de forma bastante sucinta, a uma ponderação dos valores entre os dados conhecidos e o que se quer prever, ou seja, com essa interpolação consegue-se produzir uma amostragem contínua da superfície (ROCHA, 2021). Com essas interpolações feitas é possível obter imagens dos pseudos-cortes.

A partir das imagens que apresentam os valores das resistências lidas em campo é desenvolvida uma análise para o reconhecimento das propriedades elétricas presentes no solo. Acreditamos que o desenvolvimento deste *script* possa servir de estímulo a outros profissionais da arqueologia e que novos trabalhos possam surgir a partir das discussões.

REFERÊNCIAS

BRAGA, A. C. O. 2016. **Geofísica Aplicada: métodos geoeletricos em hidrogeologia**. Campinas: Oficina de Textos.

KEAREY, P.; BROOKS, M.; HILL, I. 2009. **Geofísica de exploração**. São Paulo/SP: Oficina de livros.

GEO-KRIGAGEM. **Geoestatística no R – Lição 33: Krigagem Ordinária**. Disponível em: <<https://geokrigagem.com.br/tutorial-kriging-krigagem-ordinaria/>>. Acesso em: 07/11/2022.

ROCHA, E. 2021. **Interpolação IDW e Krigagem de Dados TRMM**. Disponível em: <https://rstudio-pubs-static.s3.amazonaws.com/736902_c175000bad86492daae3b626daf4923c.html>. Acesso em: 07/11/2022.

221

RESISTÊNCIA
DIGNIDADE
ALIMENTO
CONHECIMENTO

O MAPA COMO ARTEFATO: GEORREFERENCIAMENTO ABSOLUTO APLICADO AO PIAUÍ COLONIAL

Yan Dias Ferreira⁸⁵
yandias.f@gmail.com

Grégoire van Havre⁸⁶
gvanhavre@gmail.com

222

RESUMO

Partimos do “Mappa Geográfico da Capitania do Piauhy”, feito por Antônio Henrique Galúcio em 1760, explorando a localização astronômica e localização por triangulação. Procuramos assim observar até que ponto devemos nos apoiar nos dados de georreferenciamento absoluto para análises espaciais.

Palavras- chave: SIG-Histórico; Cartografia Histórica; Arqueologia.

De acordo com os manuais de cartografia dos séculos XVIII e XIX, o mapeamento de um território pode ser feito por triangulação, a partir das distâncias e dos ângulos entre diferentes localidades. Com estas informações, uma escala é escolhida e as feições são reproduzidas no papel.

No mapa da Capitania de São José do Piauhy de Galúcio (1760), existem nove locais que prontamente são reconhecíveis em mapas atuais. São as vilas de Aruazes (Aroazes), Surubim (Campo Maior), Ranxo do Prato (Castelo do Piauí), Gorogueya (Jerumenha), Mocha (Oeiras), Parnaguia (Parnaçuá), Parnaiba (Parnaíba), Piracuruca (Piracuruca) e Cidade do Maranhão (São Luís). Estes locais tinham maior população, portanto, aqueles sobre os quais dispomos de mais informações.

Para avaliar o método utilizado pelo cartógrafo, procedemos à vetorização do mapa e comparamos com os dados reais. Assim, extraímos os dados de distância e de azimutes tais como apresentados no mapa histórico, através do QGis. Obtivemos 72 vetores, do tipo linha, entre as nove localidades supracitadas. Esses vetores foram comparados com os dados de localização das atuais sedes municipais.

⁸⁵ Universidade Federal do Piauí – UFPI.

⁸⁶ Universidade Federal do Piauí – UFPI.

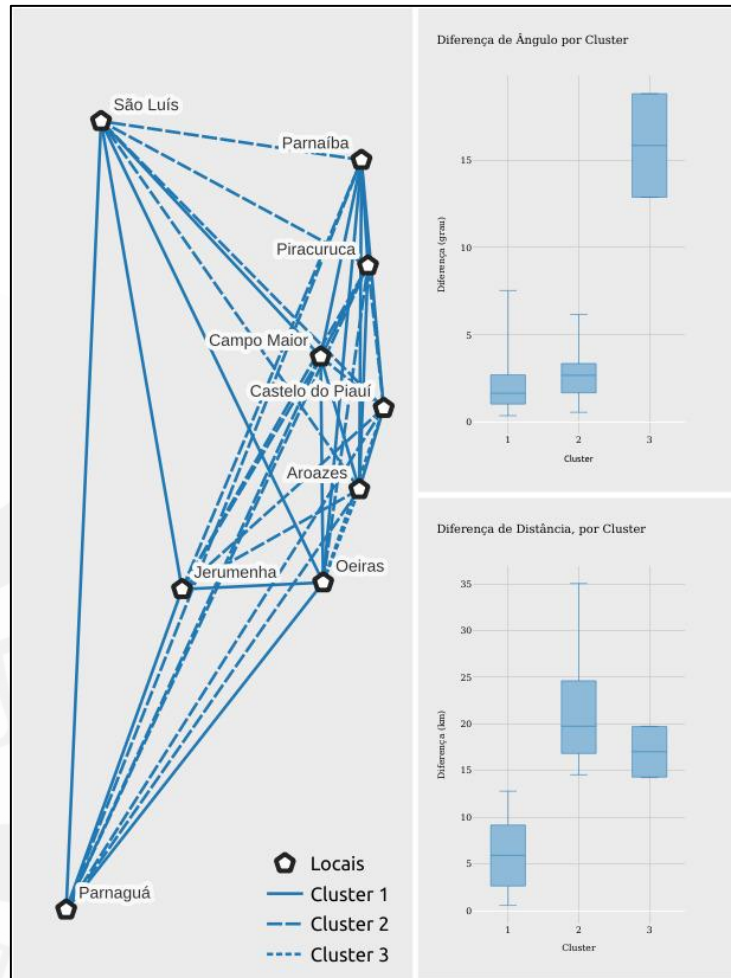


Figura 1: Análise de cluster dos vetores.

Uma análise de cluster, realizada em R com o pacote FactoMineR, aponta para três grupos (Figura 1):

- 1: erro médio de $2,21 \pm 1,33$ graus e $6,27 \pm 3,41$ km;
- 2: erro médio de $2,80 \pm 1,32$ graus e $21,67 \pm 4,77$ km;
- 3: erro médio de $15,82 \pm 2,95$ graus e $17,01 \pm 2,70$ km.

Esperávamos uma triangulação com um erro uniforme por todo o mapa, seja ele alto ou baixo, e com uma amarração em torno de um ponto de referência, de onde o cartógrafo tirou as principais medidas. No caso do mapa de Galúcio, pela bibliografia, esse local deveria ser Oeiras, capital da Capitania (Assis e Cintra, 2016).

No entanto, a análise mostra uma situação diferente. Para cada cluster, observamos o número de triângulos existentes – tripletos de locais interligados com vetores do mesmo grupo. No primeiro, que tem dados mais precisos, três vilas apenas alcançam 5 triângulos: Parnaíba, Campo Maior e Oeiras. Esta última, de fato, está bem relacionada com São Luís, Parnaíba, Campo Maior, Jerumenha e Parnaguá, localizadas do extremo norte ao extremo sul do mapa. Parnaíba e Campo Maior, ao contrário, só estão bem relacionadas com as vilas mais próximas, localizadas na metade norte da Capitania.

As observações permitem questionar se a triangulação tem sido realmente utilizada por Galúcio. Mais provavelmente, fora empregado outro método de georreferenciamento, no qual as distorções são mais variáveis e acentuadas. Esta relatividade na precisão do mapa é um fator relevante para todas as pesquisas a serem realizadas a partir dele. A localização cartográfica de outros locais, por exemplo, como fazendas e povoados destruídos, deve tomar este desvio em conta. Mostra também um contexto no qual medidas astronômicas não eram sempre disponíveis. O caminhamento físico, portanto, era a única opção disponível.

REFERÊNCIAS

ASSIS, N. P.; CINTRA, J. P. 2016. O “Mappa Geografico da Capitania Do Piauhy”, de Antonio Galluzzi. *In*: Costa, A. G; Santos, M. M. D. dos. (eds.) **Anais do 3º Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica**, Belo Horizonte, 26-28 de setembro de 2016. CRCH-UFMG, 63-72.

GALUCIO, H. A. 1760. Mappa Geográfica da Capitania do Piauhy. Fonte: Assis, N. P. 2012. A Capitania de São José do Piauhy na Racionalidade Espacial Pombalina (1750-1777). 2012. 169 f. **Dissertação de Mestrado em História**, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

225



CANUDOS: A GUERRA E SUAS DISPOSIÇÕES ESPACIAIS

Leandro Oliveira Juncken⁸⁷
loj.arqueologia@gmail.com

Leandro Surya⁸⁸
leandro.surya@univasf.edu.br

226

RESUMO

Nesse trabalho é proposto fazer um estudo sobre Canudos a partir de sua espacialidade na guerra usando como ferramenta de investigação e análise o SIG (sistema de informações Geográficas), e por meio de procedimentos técnicos e metodológicos criar uma Cartografia verificando em que o uso dessa ferramenta ajuda a compreender o espaço da Guerra.

Palavras- chave: QGIS; Fotografias; Canudos; Cartografia.

A existência de diversos trabalhos sobre Canudos, não se limita apenas aos relatos dos sertanejos sobreviventes da guerra e aos relatórios oficiais do exército sobre o conflito (fontes primárias e secundárias), existe ainda uma gama de possibilidades sobre a compreensão do conflito, e entre elas é, entender a disposição geográfica apoiando-se na cartografia.

Pensando no uso da cartografia e da tecnologia, servindo de ferramentas como métodos de auxílio para a compreensão do espaço, o uso dessas ferramentas geotecnológicas podem proporcionar maior interatividade entre o pesquisador e os conteúdos a serem trabalhados e estudados. dessa forma:

Esses instrumentos permitem localizar lugares, traçar trajetos e gerar mapas, além de fornecerem fotografias aéreas, imagens de satélite, entre outros insumos. Essas tecnologias podem mudar, consideravelmente, a forma como as pessoas concebem, representam e aprendem os espaços do bairro, da cidade, do Estado, do país e, conseqüentemente, do mundo (NUNES,2019, p 20).

⁸⁷ Universidade federal do Vale do São Francisco – UNIVASF.

⁸⁸ Universidade federal do Vale do São Francisco - UNIVASF.

Ao dar início aos estudos sobre a guerra e a sua espacialidade, me perguntei: O uso de ferramentas computacionais possibilitaria novos entendimentos em relação ao espaço e ao conhecimento atual sobre o conflito em Canudos? Neste sentido, temos como hipótese avaliar se existirão ou não e quais seriam os novos entendimentos em relação ao espaço identificados a partir do uso de ferramentas computacionais.

O Objetivo Principal deste trabalho é a produção cartográfica e elaboração de um sistema de informação geográfico (SIG) que buscará localizar pontos notáveis na área onde ocorreu a Guerra de Canudos.

Com essas informações oferecidas pelos Sistemas de Informações Geográficas, nos ajuda a referenciar os espaços e a localizar esses pontos, possibilitando construir uma Cartografia desses pontos. Evidenciados, marcamos no SIG uma cartografia de Canudos com curvas de níveis e usando as imagens de satélite CBERS 4A (figura 1), podemos obter os seguintes resultados.

227

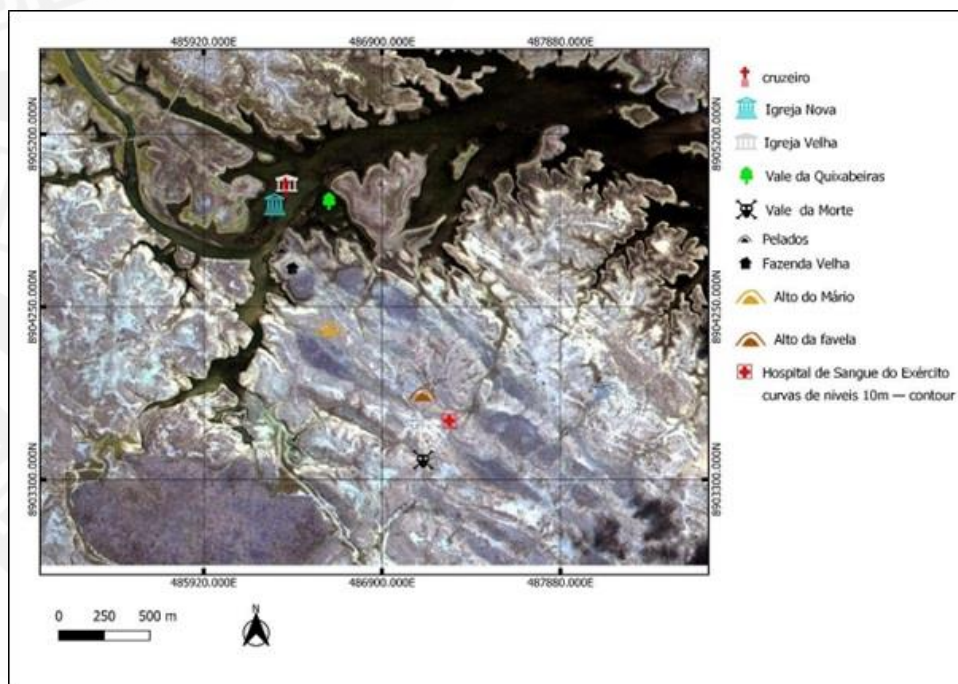


Figura 1. SiG de Canudos, com imagens provenientes do Satélite CBERS 4ª.

Com os pontos de referências mapeados pelo SIG da área da guerra, temos um resultado com informações relevantes como a topografia do local, as posições que foram escolhidas para defesa e ataque tendo como suporte à paisagem, os lugares de drenagem,

as distâncias dos pontos e fazendo uma comparação em relação às cartografias realizada por Siqueira de Meneses, temos uma visualização da área do conflito.

Além disso, tendo em vista, a área estudada, nos proporciona informações que, futuramente, poderá servir como carta arqueológica de mapeamento de zonas para pesquisas arqueológicas. A construção do SIG de Canudos se torna um mundo de informações e associando as outras fontes como a escrita, a cartografia e as fotografias abre novas perspectivas de enxergar a guerra, pois nos coloca com posição de localização desse ambiente.

E por fim, compreender a espacialidade, nos ajuda questionar sobre a posição do exército em relação a Canudos, O uso dessas ferramentas nos possibilitou ver Canudos de um modo mais detalhado, mesmo quem nunca tenha pisado em seu solo, esse trabalho serve como um auxílio para quem possa ler ou entender a espacialidade de Canudos.

REFERÊNCIAS

CUNHA, E. da. 1984. **Os Sertões**. São Paulo: Três, (Biblioteca do estudante).

NAZARENO, N. R. X. de. 2005. SIG ARQUEOLOGIA: APLICAÇÃO EM PESQUISA ARQUEOLÓGICA. **Tese de doutorado ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.**

NUNES, K. A. de C. 2019. As geotecnologias no ensino de geografia: O USO DO GOOGLE EARTH NOS PROCESSOS DE ENSINO APRENDIZAGEM SOBRE A CIDADE {manuscrito}. **Dissertação de mestrado** Instituto de estudos socioambientais (Iesa) programa de pós graduação em geografia Goiânia.

229

RESPEITO
DIGNIDADE
ALIMENTO
CONHECIMENTO

SIMPÓSIO TEMÁTICO 12:
ABORDAGENS METODOLÓGICAS, DOCUMENTAÇÃO E
INTERPRETAÇÃO NOS ESTUDOS DE ARTE RUPESTRE NO NORDESTE DO
BRASIL

REGISTROS GRÁFICOS NA SERRA DO BODOPITÁ

Adriana Machado Pimentel de Oliveira⁸⁹

adriana.butija@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho baseia-se em levantamento feito em 18 sítios arqueológicos encontrados na Serra do Bodopitá, em Campina Grande/PB, os quais forneceram elementos sobre o potencial arqueológico da área., se limitando apenas à observação da área e seu entorno paisagístico.

Palavras- chave: Arqueologia; Nordeste; Registro Rupestre.

O presente trabalho baseia-se em levantamento feito em 18 sítios arqueológicos encontrados na Serra do Bodopitá, em Campina Grande/PB, os quais forneceram elementos sobre o potencial arqueológico da área., se limitando apenas à observação da área e seu entorno.

A Serra do Bodopitá se encontra na microrregião de Campina Grande, localizada na Mesorregião do Agreste Paraibano, no planalto da Borborema, com um clima tropical chuvoso com verão seco e vegetação da Floresta Caducifólia, Cerrado e Caatinga. Ela abriga testemunhos dos povos que ali habitaram no passado, e que deixaram registrados suas pinturas e gravuras sobre rochas.

Em relação à metodologia a ser empregada nesta pesquisa, ela está de acordo com a que é aplicada usualmente neste tipo de trabalho arqueológico, como sugere o aporte teórico-metodológico empregado por Chmyz (1995), Sanjuán (2005) e Bicho (2006), dentre outros, utilizando a ideia de processo de formação do registro arqueológico, exemplificado por Renfrew e Bahn (1993).

Os sítios levantados foram: Bodopitá, Malhada Grande, Gravatá dos Trigueiros, Gravatá de Queimadas, Guritiba, Pedra dos Vidinhas, Pedra do Touro, Zé Velho, Loca, Castanho 1, 2 e 3, Laranjeiras, Pedra da Loca, Pedra de Santo Antônio, Catuama, Pedra

⁸⁹ Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

de Tetéu e Pedra da Barragem, distribuídos nos municípios de Queimadas, Fagundes e Itatuba.

Em todos os sítios foram identificados problemas de conservação e, em alguns, parte das pinturas já não existe mais, enquanto outras estão em estado de degradação avançado devido à exposição às intempéries, à existência de casas de animais, pátinas, e problemas nas rochas, como deslocamentos e/ou fraturas. Todavia, o problema mais grave tem sido as ações antrópicas, tais como pichações, colagem de papel sobre os grafismos, pinturas artísticas de santos etc.

Dos sítios levantados, doze são em Queimadas, sítio Guritiba, Pedra dos Vidinhas, Pedra do Touro, Gravatá dos Trigueiros, Malhada Grande, Bodopitá, Loca, Zé Velho, Castanho 1, 2 e 3, Gravatá de Queimadas; quatro estão localizados em Fagundes, como o sítio Pedra da Loca, Sítio Arqueológico Laranjeiras, sítio Pedra de Santo Antônio e sítio Catuama; e dois estão em Itatuba, Sítio Pedra do Tetéu e Pedra da Barragem.

O sítio Loca, em Queimadas, não apresentou características de pinturas ou gravuras, atualmente. Houve informações que se tratava de um sítio cemitério, onde os ossos presentes nele haviam sido recolhidos pelo Programa de Conscientização Arqueológica (PROCA) na década de 1990. Tanto o sítio Loca como sítio Pedra da Loca, e o Pedra de Santo Antônio, não apresentam mais pinturas, provavelmente, devido às ações antrópicas e do desgaste natural.

Com estas exceções, todos os outros sítios demonstram características arqueológicas relevantes por apresentarem pinturas rupestres. Eles foram evidenciados em matacões e abrigos rochosos de origem granítica, localizados em pontos específicos da paisagem local.

Em cada sítio levantado, foi feita prospecção por caminhamento para fins de delimitação e exame da ação antrópica, analisando o seu estado de conservação. Os sítios Guritiba, Pedra das Vidinhas, Pedra do Touro, Zé Velho, Pedra da Loca e Pedra de Santo Antônio apresentam pichações feitas pela própria população, o que reafirma que os sítios mais preservados são os que se encontram em locais mais escondidos. O sítio Pedra de Santo Antônio é utilizado, atualmente, para fins religiosos, ocorrendo procissões e pagamento de promessas dos fiéis. Nota-se que ocorreu, neste caso, uma ressignificação, sendo, atualmente, local de orações.

Para que estes registros sejam preservados é necessário que seja realizado um plano de gestão com ações preventivas, desempenhadas por agentes das esferas pública, privada e sociedade civil, visto que estamos falando de um pedaço da história local. Estas ações possuem o objetivo de identificar, monitorar e preservar os vestígios arqueológicos de um modo geral.



REFERÊNCIAS

RENFREW, C.; BAHN, P. 1993. **Arqueología: teorías, métodos y prácticas**. Ediciones Akal. Madrid.

SANJUÁN, L. G. 2005. **Introducción al Reconocimiento y Análisis Arqueológico del Territorio**. Espanha: Ariel Prehistoria.

BICHO, N. F. 2006. **Manual de Arqueología Pré-histórica**. Edições 70. Lisboa.

CHMYZ, I. 1995. **Programa de Prospecção arqueológica UHE-Ponte Nova - Atividades do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná - Relatório Final - Estudos Ambientais**. Belo Horizonte, CEMIG/Leme Engenharia.

234

RESISTÊNCIA
DIGNIDADE
ALIMENTO
CONHECIMENTO

MAPEAMENTO E DISTRIBUIÇÃO DOS SÍTIOS COM SOBREPOSIÇÕES GRÁFICAS NA ÁREA ARQUEOLÓGICA DO SERIDÓ

Nathalia Nogueira⁹⁰

nathalia.c.nogueira@gmail.com

Daniela Cisneiros⁹¹

danielacisneiros@yahoo.com.br

235

RESUMO

Na Área Arqueológica do Seridó foram evidenciados sítios rupestres com presença de sobreposições pictóricas, que comportam distinções gráficas em relação às técnicas, às propriedades formais e à distribuição espacial desses vestígios. Essas sobreposições podem ser consideradas indicadores de levadas ocupacionais ou diferenças funcionais dentro da mesma sociedade.

Palavras- chave: Arte rupestre; Sobreposição gráfica; Seridó.

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a arte rupestre na Área Arqueológica do Seridó (PB e RN) vem se desenvolvendo desde a década de 1980 através de pesquisas sistemáticas que visam entender as sociedades e o povoamento pré-histórico da região (MARTIN, 2014; PESSIS e MARTIN, 2020). O Seridó dispõe de um vasto acervo de sítios em diferentes contextos arqueológicos, os quais abrangem sítios com arte rupestre (gravuras e pinturas), funerários e habitacionais com materiais líticos e cerâmicos.

Esses sítios comportam um amplo espectro cronológico, com datações que variam entre 9.410 e 900 anos B.P. Os sítios com pinturas rupestres vêm sendo trabalhados em uma perspectiva sincrônica, segregando padrões gráficos distintos: Tradição Nordeste, Agreste; subtradição Seridó; e os estilos Serra da Capivara II, Carnaúba, Cerro Corá.

⁹⁰ Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

⁹¹ Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

Essa pesquisa teve por objetivo, em seu primeiro momento, identificar e caracterizar na região os sítios rupestres com sobreposições gráficas e realizar o posicionamento georreferenciados desses sítios.

MATERIAIS E MÉTODO

O desenvolvimento desta pesquisa partiu de uma abordagem diacrônica centrada nas sobreposições gráficas. De certo um dos principais problemas concernentes aos estudos da arte rupestre recai sobre a cronologia, a impossibilidade de datação e muitas vezes de contextos arqueológicos verificáveis deixa esses grafismos sem ancoragem temporal. O estudo das sobreposições gráficas pode ser um recurso para a compreensão da diacronia que envolve as práticas gráficas nos painéis rupestres.

Com o objetivo de operacionalizar a pesquisa foi realizado um levantamento sistemático dos sítios com pinturas rupestres da região, assim como a análise dos painéis pictóricos, cujo escopo principal era o de identificar os tipos de sobreposições, de momentos gráficos distintos e relacioná-los aos estilos já identificados para a área. Após o processo de caracterização e análise dos painéis, foi realizado o georreferenciamento dos sítios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

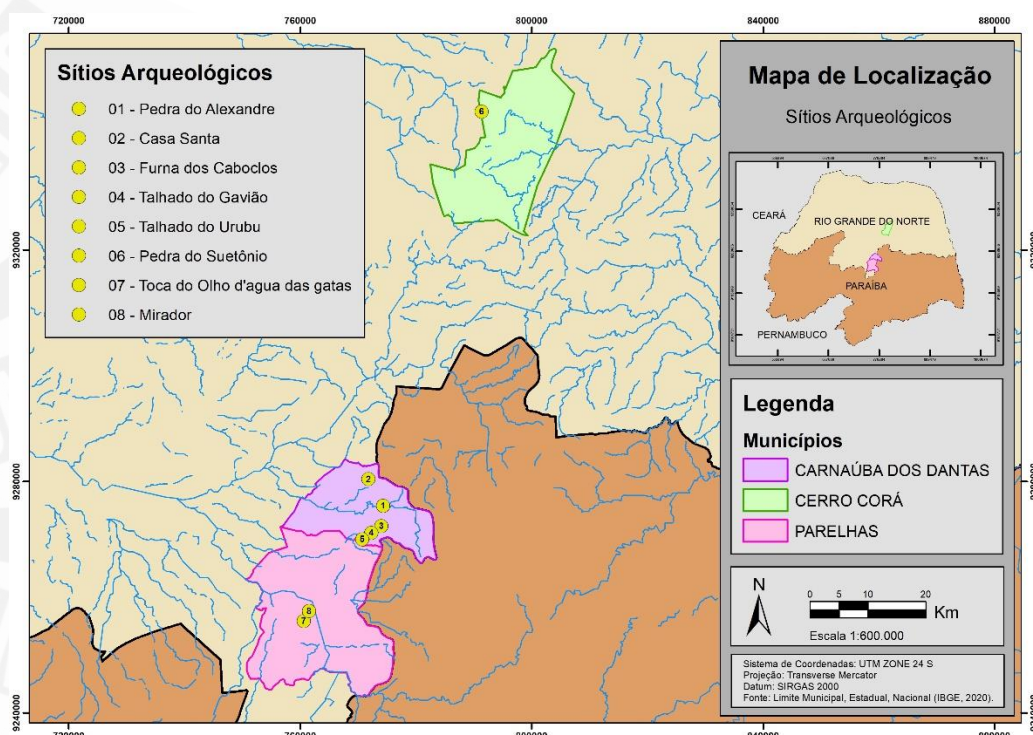
A pesquisa desenvolvida envolveu a identificação de 94 sítios arqueológicos com pinturas rupestres nos municípios de Carnaúba dos Dantas, Parelhas e Cerro Corá, todos no Rio Grande do Norte. Foram observadas sobreposições em apenas 8 sítios, são eles: Pedra do Alexandre, Casa Santa, Furna dos Caboclos, Talhado do Gavião, Talhado do Urubu, Toca o Olho D'água das Gatas, Mirador de Parelhas e Toca do Suetônio.

Nesses sítios foram identificadas sobreposições do tipo: obliteração, mínimo, reciclagem e manutenção. Foram identificados grafismos associados à Tradição Agreste e ao estilo Carnaúba da subtradição Seridó.

Os grafismos caracterizados como Tradição Agreste estão sobrepostos aos demais. O estilo Carnaúba, porém, apresenta-se na maior parte da amostragem analisada,

diferentes momentos gráficos, com distinções internas relacionadas sobretudo a cor, forma e tamanho (NOGUEIRA, 2022). De acordo com os dados obtidos para este primeiro momento de análise sobre essa temática na região, foi identificado que o posicionamento espacial entre os sítios rupestres se apresenta com certa linearidade orientada por drenagens (**Mapa 1**).

237



Mapa 1: Posicionamento espacial entre os sítios rupestres. **Fonte:** IBGE, 2020. Adaptado por Nicodemus Chagas.

No decorrer das investigações com a realização de prospecções na área, a caracterização dos sítios e o estudo das sobreposições gráficas, pode ser gerado um mapa mais preciso sobre o comportamento pictural dos grupos autores e suas zonas de influência gráfica.

REFERÊNCIAS

MARTIN, G. 2014. Vias de ida e volta? dispersão e difusão das tradições rupestres no Nordeste do Brasil. **Revista Clio – Arqueológica**. Universidade Federal de Pernambuco da UFPE, Recife, v. 29, n. 2, p. 17-30.

NOGUEIRA, N. 2022. Momentos Cenográficos do Sítio Arqueológico Casa Santa: uma análise das sobreposições. **Tese**. PPGARQ, UFPE.

PESSIS, A-M e MARTIN, G. 2020. As pinturas rupestres da tradição Nordeste na região do Seridó, RN, no contexto da arte rupestre brasileira. **Revista Clio – Arqueológica**. Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, Recife, v. 35, n. 3, p. 18-59.

238

RESPEITO
DIGNIDADE
ALIMENTO
CONHECIMENTO

ESTUDO DA PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE GRAVURA RUPESTRE NO NORDESTE DO BRASIL

Rafael Alves Moreira Nascimento⁹²
rafaelnettur@gmail.com

Fabiana Comerlato⁹³
fabianacomerlato@ufrb.edu.br

239

RESUMO

Este estudo teve como objetivo realizar um levantamento das pesquisas de gravuras rupestres no Nordeste a luz da análise bibliométrica. Para tal objetivo foi feito um recorte bibliográfico que contemplou três importantes revistas do nordeste e três programas de pós-graduação de universidades nordestinas, contemplando o período de 1989 à 2021.

Palavras-chave: Análise bibliográfica; Gravuras rupestres; Nordeste; Arqueologia; Arte rupestre

INTRODUÇÃO

Este estudo teve como objetivo realizar um levantamento das pesquisas de gravuras rupestres no Nordeste a luz da bibliometria. Com o método bibliométrico, foi possível mapear, de forma amostral, algumas pesquisas e quantificá-las, transformando alguns questionamentos em informações visuais por meio de gráficos. A pesquisa pretendeu constatar o crescimento das investigações das gravuras rupestres no Nordeste. Esta investigação resultou em uma sistematização de dados oriundos de um recorte bibliométrico de artigos, dissertações e teses pertencentes a revistas e programas de pós-graduação de universidades nordestinas.

⁹² Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB.

⁹³ Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB.

OBJETO DE ESTUDO

Para a pesquisa foram utilizadas três revistas especializadas em arqueologia e três programas de pós-graduação, tanto as revistas quanto as universidades são oriundas do Nordeste. O recorte temporal foi definido a partir do primeiro trabalho publicado dentre as instituições amostrais até o último trabalho, compreendendo assim o período entre 1989 à 2021.

240

Entre as revistas, foram trabalhadas a CLIO arqueológica, FUNDAMENTOS e a Canindé. A CLIO arqueológica, se trata de um periódico organizado pelo Programa de Pós-graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), a FUNDAMENTOS é uma revista organizada pela Fundação Museu do Homem Americano (FUNDHAM) e a Canindé é uma revista organizada pelo Museu de Arqueologia do Xingó (MAX) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). No âmbito das pós-graduações, foram levantados trabalhos das Universidades Federais do Piauí (PPGARq), de Pernambuco (PPGARqueologia) e de Sergipe (PROARQ). O recorte temporal desta pesquisa, tem como marco inicial uma publicação da CLIO arqueológica de 1989 e finda com uma dissertação do PROARQ de 2021.

DADOS DA PESQUISA

No total, foram levantadas: 32 pesquisas, entre dissertações, teses e artigos; foram pesquisados 182 sítios de gravuras, em números não absolutos, vistos que alguns se repetem nos trabalhos; 72 municípios distribuídos em 8 estados do Nordeste foram pesquisados; neste intervalo de tempo 42 autores assinaram as obras levantadas.

O gráfico 1 foi referente a quantidade de trabalhos publicados pelas instituições selecionadas para esta pesquisa. Dentre este recorte institucional dentro do período selecionado, quem mais produziu artigos foi a revista CLIO arqueológica, com 9 trabalhos publicados.



Gráfico 1: Número de publicações por instituições.

O gráfico 2 tratou das modalidades de trabalho. Este gráfico abarcou trabalhos de dissertações, teses e artigos. As revistas foram as que mais produziram pesquisas voltadas para o tema, com 16 trabalhos.



Gráfico 2: Número de publicações por modalidade de trabalho.

Em relação aos municípios trabalhados nas pesquisas dos recortes, o gráfico 3 demonstra que o estado do Rio Grande do Norte é o que tem o maior número, contando com 47 municípios. Com esse dado é possível contar a partir do gráfico 4, que o RN é o estado que possui o maior número de sítios trabalhados, com 116 sítios.

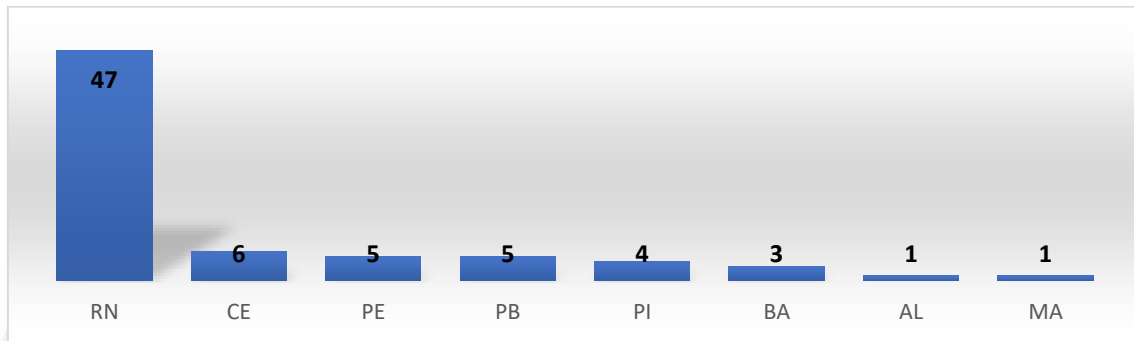


Gráfico 3: Número de municípios trabalhados por estado.

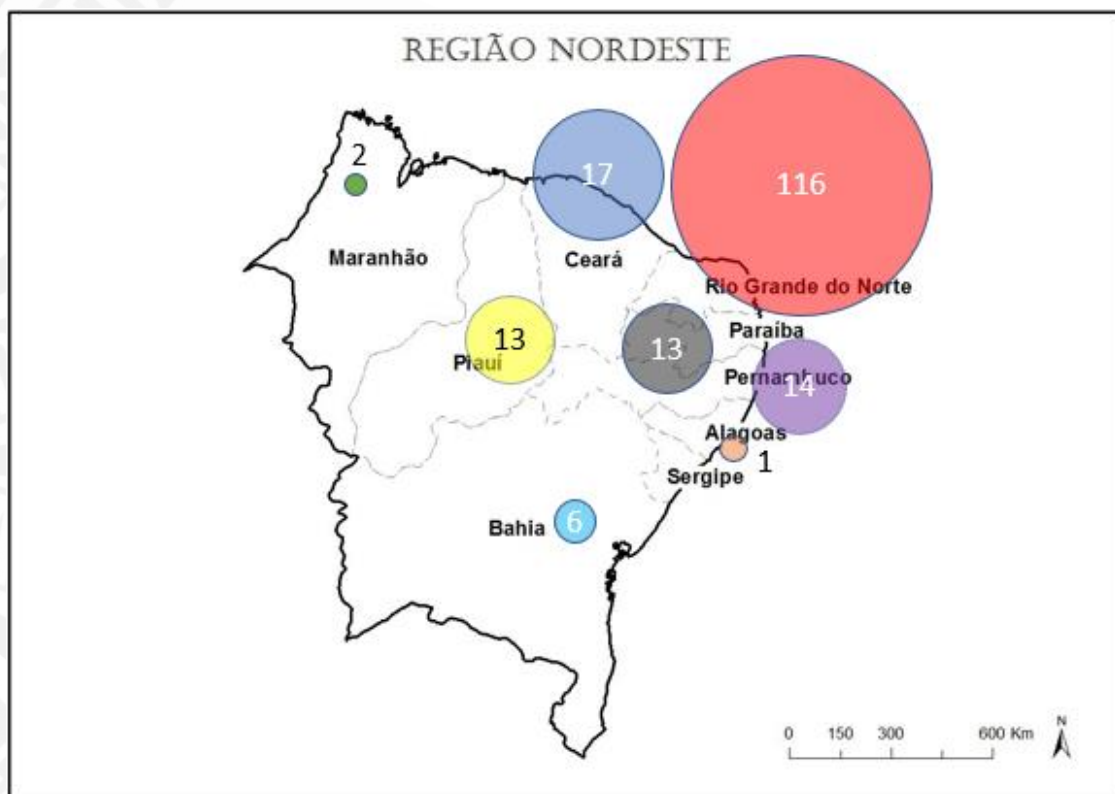


Gráfico 4: Número de sítios arqueológicos trabalhados por estado.

O gráfico 5, demonstra que nos anos de 2016 e 2018 houve o maior número de pesquisas. No gráfico 6, fizemos três periodizações, com um intervalo de 10 anos, o que acaba corroborando com a hipótese inicial deste estudo que houve um significativo crescimento nas pesquisas com o passar das décadas.

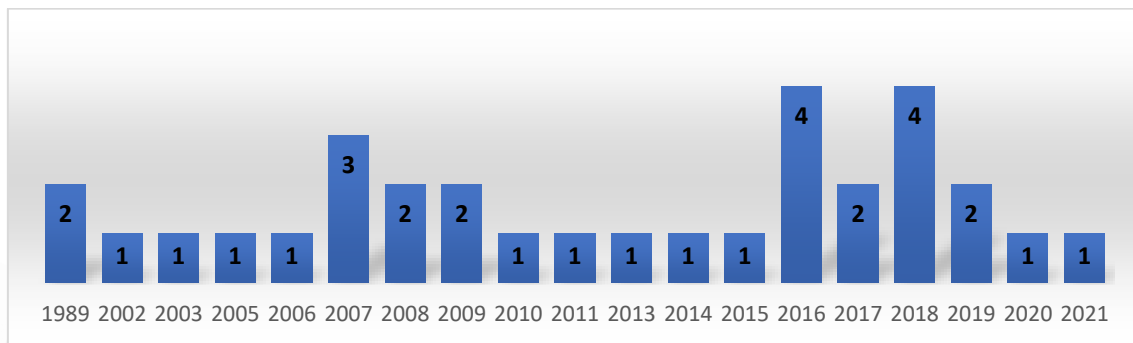


Gráfico 5: Número de publicações por ano.

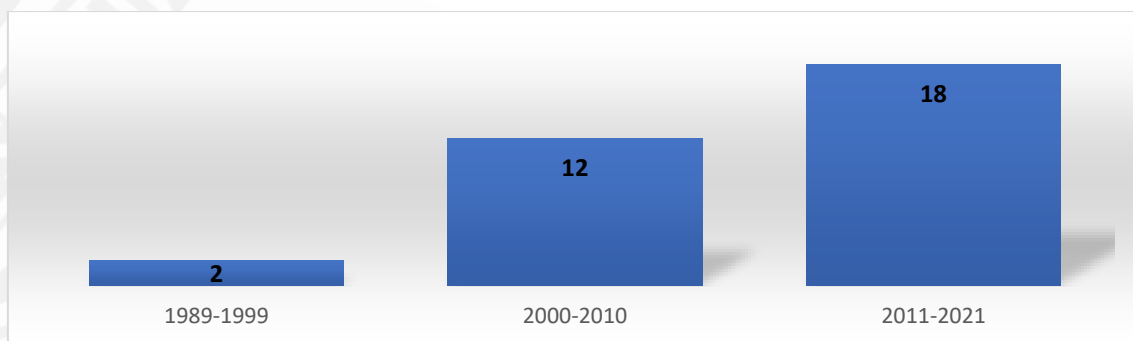


Gráfico 6: Número de publicações em um intervalo de 10 anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O recorte bibliográfico estudado privilegiou os cursos de pós-graduação e três importantes revistas do Nordeste. A partir da amostragem, pode-se concluir que houve um crescimento no número de pesquisas em gravuras rupestres na região. Atualmente, com a criação de novos cursos de pós-graduação com pesquisas em andamento, além de futuras pesquisas, a tendência é um aumento nas publicações referentes ao tema.

REFERÊNCIA

FUNDHAM. Revista FUNDAMENTOS. Disponível em:
<http://fundham.org.br/fundhamentos/>. Acesso em: 22 de out. de 2022.

UFS. Repositório Institucional: Canindé – Revista do Museu de Arqueologia do Xingó.
Disponível em://ri.ufs.br/handle/riufs/9527. Acesso em: 22 de out. de 2022.

UFPE. Revista CLIO arqueológica. Disponível em:
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/clioarqueologica>. Acesso em: 22 de out. de 2022

244

ESTUDOS DE CASO SOBRE CONSERVAÇÃO DE SÍTIOS DE ARTE RUPESTRE DE DOMÍNIOS GEOLÓGICOS DIFERENTES NO VALE DO CÔA - PT E NA CHAPADA DIAMANTINA – BA, BRASIL

Viviane da Silva Santos⁹⁴
viviane.santos@ufrb.edu.br

Carlos Alberto Santos Costa⁹⁵
carloscosta@ufrb.edu.br

Maria da Conceição Lopes⁹⁶
conlopes@ci.uc.pt

245

RESUMO

Neste texto apresentamos parte dos estudos de conservação dos sítios de representação rupestre, a partir das observações preliminares acerca das características dos territórios do Vale do Côa, no norte de Portugal, e da Chapada Diamantina, região central da Bahia. Como resultado deste primeiro momento de investigação, demonstramos as características dos sítios dos dois territórios no domínio geológico do granito, bem como as ações realizadas a fim de contribuir para a preservação dos espaços com representação rupestre nos dos países estudados.

Palavras- chave: Conservação; Arte rupestre; Domínios geológicos; Vale do Côa; Chapada Diamantina.

INTRODUÇÃO

O presente texto faz parte da de investigação realizada no âmbito do projeto de doutoramento em Arqueologia, que decorre na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, com apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia de Portugal, que tem como finalidade principal a caracterização e análise de sítios de pinturas encontrados em rochas de granito no Vale do Côa em Portugal e nos quatro grandes domínios geológicos baianos (calcário, arenito, granito e quartzito), encontrados na Chapada Diamantina, no Brasil, e

⁹⁴ Universidade de Coimbra – UC.

⁹⁵ Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB.

⁹⁶ Universidade de Coimbra – UC.

visa criar metodologias que possam garantir a conservação destes espaços, agindo de maneira ativa e preventiva sobre os agentes de degradação nos suportes rochosos.

Para atingir tais propósitos, a investigação em andamento visa: levantar os sítios de representação rupestre elaborados em domínios geológicos diferentes – dentre estes, o calcário, o arenito, o granito e o quartzito; caracterizar os quatro principais domínios geológicos estudados (Vale do Côa e Chapada Diamantina), para conhecer as propriedades da matéria e as especificidades das representações rupestres feita sobre eles; investigar os agentes de degradação que incidem sobre os domínios geológicos no Vale do Côa e na Chapada Diamantina, suas dinâmicas de degradação, suas causas e danos; investigar como a degradação acontece de modo diferente em cada domínio geológico e como cada um desses modos interferem nas pinturas rupestres; investigar como os processos de alteração ambiental ocasionados por desmatamento, extração mineral, alterações climáticas e sociabilização interferem na preservação dos sítios; elaborar metodologias e protocolos para o desenvolvimento de ações de conservação preventiva dos sítios de representação rupestre de diferentes domínios geológicos, com o propósito de intervir preventivamente sobre os espaços de implantação dos sítios nos diferentes domínios, evitando ações de natureza restaurativa; analisar o que já foi feito no Vale do Côa quanto à preservação dos sítios e o que pode servir como modelo para as ações de conservação na Chapada Diamantina – Bahia.

Pretende-se, neste estudo, não propor mais um exercício de natureza interventiva, mas sim criar mecanismos para antever acontecimentos que levem à degradação dos sítios e utilizar esses conhecimentos como um instrumento, não o único, para que sejam realizadas análises e reflexões sobre a matéria rochosa. O principal objetivo é, a partir das características dos suportes rochosos, possibilitar a criação de metodologias para a intervenção indireta sobre os sítios, antecedendo a degradação, quando possível, e realizando ações reparadoras, quando necessário.

CONTEXTO PORTUGUÊS

Revelada nos anos 90 do século XX a arte rupestre do Vale do Côa, localizada numa zona conhecida como Alto Douro, é um importante património arqueológico

presente no território português. Inscrito pela UNESCO na Lista de Patrimônio Mundial, apresenta uma distribuição de gravuras e pinturas espalhadas pelo seu espaço, divididas nos eixos fluviais do rio Côa e do rio Douro. Em consequência do interesse patrimonial e cultural do local, foi criado o Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC), atraindo visitantes e pesquisadores, contribuindo para a geração de empregos através do desenvolvimento do turismo na região e projetando o local a nível nacional e internacional.

Composto em sua grande maioria por sítios de formação metamórfica em xisto-grauváquico, caracterizados por constituir-se em painéis lisos de inclinação vertical, gerados pelo gradual encaixe do rio, com tendência natural para a fratura. Esta característica determina qualquer abordagem de realização de ações de conservação *in situ*, sendo indispensável perceber que é impossível estabilizar completamente estes afloramentos rochosos. Em casos como este, recomenda-se a monitorização da evolução das dinâmicas erosivas e da estabilidade dos afloramentos (FERNANDES, 2004, p. 12).

Acerca da preservação das pinturas dos sítios localizados no PAVC, encontram-se situadas em pequenos abrigos naturais ou superfícies que por conta das suas características próprias, proporcionaram a existência de um escudo protetor a estes motivos. Por outro lado, questiona-se se as superfícies menos protegidas, que apresentam somente motivos gravados, foram no passado, objeto de figurações pintadas. Sabe-se que as superfícies graníticas apresentam dinâmicas de erosão diferentes às dinâmicas relacionadas ao xisto, contudo estão igualmente sujeitas as ações das influências das águas, impactos acidentais ou intencionais, ação animal, alterações químicas e físicas da rocha, colonizações de bactérias, fungos, líquens, insetos etc. (FERNANDES, 2004, p. 17).

CONTEXTO BRASILEIRO

O estado da Bahia apresenta importante variação geológica, a qual serviu como suporte para a realização de representações rupestres no período pré-colonial. Essa variação pode ser visualizada através da observação dos relevos do estado, que estão divididos em oito unidades morfológicas, sendo elas: da Planície Costeira ou

Litorânea, da Bacia Sedimentar Recôncavo-Tucano, do Planalto Costeiro, do Planalto Sul-Baiano, da Chapada Diamantina, do Chapadão Ocidental do São Francisco, da Serra Geral do Espinhaço e da Depressão Periférica ou Interplanáltica.

Esses domínios geológicos apresentam diversidade de rochas e, em praticamente todos os seus relevos, encontram-se representações rupestres⁹⁷, conforme o quadro a seguir:

| Domínio geológico | Unidade geomorfológica | Unidade arqueológica | Sítios |
|-------------------|--|---|--|
| Calcário | Chapada Diamantina, Chapadão Ocidental do S. Francisco | Dolinas, grutas, lapiás | Centro e norte da Chapada Diamantina; Bacia de Irecê; Morro Furado - Serra do Ramalho; Lapa do Sol e Santa Marta - Iraquara; Toca dos Tapuias - Ibipeba. |
| Arenito | Chapada Diamantina, Chapadão Ocidental do S. Francisco, Serra do Espinhaço | Abrigos em afloramentos, paredões e cânions | Sítio Lagoa da Velha, Toca do Pepino e Toda da Figura - Morro do Chapéu; Pedra da Figura - Utinga; Pé do Morro em Macaúbas; Serra das Paridas - Lençóis; Peziqueiro - Érico Cardoso; Sítio Poções - Gentio de Ouro; Barragem da Aguada - Brotas de Macaúbas; Fonte Grande - Ubaí; Laranjeira - |

⁹⁷ Quanto aos sítios brasileiros, em função de os termos “arte”, “representação”, “grafismo”, “desenho”, “pictografias e petróglifos” e “signos e símbolos” atenderem, cada um deles, a concepções teóricas distintas dos estudos dos sítios rupestres, cujas discussões não são objeto deste Projeto, optaremos pelo uso do termo “representação rupestre” para fazer referência às pinturas e gravuras deixadas por populações de períodos pré-coloniais em suportes rochosos naturais e fixos nos relevos de formações geológicas de diferentes paisagens.

| | | | |
|-----------|--|-------------------------------------|---|
| | | | Juazeiro; Boqueira do Riacho de São Gonçalo, Boqueirão do Brejo de Dentro - Sento Sé. |
| Granito | Planalto - Sul Baiano, Depressão periférica ou interplanítica | Morros arredondados, matacões | Morro do Jatobá e Serra Prem - Santa Terezinha; Conjunto de abrigo de Malhada Grande, Rio das Pedras e rio do Sal - Paulo Afonso; Pedra do Índio - Uauá; Pedra Riscada - Canudos; Pedra da Onça - Monte Santo e Pedra do Índio - Matina. |
| Quartzito | Chapada Diamantina | Paredes | Serra de Jacobina. |

Considera-se que as características dos domínios rochosos foram preponderantes na escolha dos locais para instalação humana e na sua utilização como suporte para as representações rupestres. O formato topográfico, a textura das rochas, a iluminação, o acesso e a visibilidade, como também a coloração das rochas, tudo isso foi decisivo para a escolha dos locais no passado e influenciou na preservação até os dias atuais dos registros ali realizados (ETCHEVARNE, 2007, p. 90).

Observa-se, por exemplo, que as rochas areníticas, geralmente utilizadas como suporte de representações rupestres em ambientes externos, são mais resistentes à erosão, em decorrência da sua composição mineralógica. Os arenitos com cimentos silicosos são mais resistentes à erosão do que os com cimento calcário ou argiloso (ETCHEVARNE, 2007; LAGE, BORGES E JÚNIOR, 2005).

Diferente dos arenitos, as rochas graníticas apresentam texturas irregulares, por conta da estruturação dos minerais em sua composição, favorecendo a

proliferação de microrganismos, como líquens e musgos, que podem vir a prejudicar a integridade das pinturas. Observa-se que o ataque de agentes biológicos é mais intenso nesse tipo de parede do que em outros tipos de rocha (ETCHEVARNE, 2007, p. 100).

Em situações topográficas diferentes, as rochas calcárias, geralmente utilizadas como suporte em ambientes internos, apresentam deposição geológica de minerais que permitem a estratificação diferenciada em termos de resistência à erosão, à granulometria e à coloração, favorecendo a conservação dos sítios em ambientes internos, mas trazendo problemas em ambientes externos com a deposição de calcita, que pode vir a cobrir as pinturas (ETCHEVARNE, 2007, p. 100).

Acredita-se que muito das informações contidas nos sítios já pode ter sido perdido ao longo do tempo, por consequência de alterações ocasionadas por ações de agentes intrínsecos aos suportes rochosos. Portanto, é de suma importância o desenvolvimento de processos metodológicos voltados para a conservação das pinturas, buscando realizar ações preventivas que garantam a eliminação e o controle dos agentes de alteração e de suas consequências, visando criar estratégias, estabelecer normas, ações fundamentadas e obrigações que garantam a preservação dos sítios.

DISCUSSÃO

As discussões que se ocupam de refletir as dinâmicas de preservação dos sítios arqueológicos de arte rupestre no continente europeu, começaram após as evidências de degradação da caverna de Lascaux, ocasionada pela colonização de algas. Neste caso, foram realizados estudos para definição do ecossistema da caverna e foi proposto uma intervenção climática como método para controle da deterioração. Na península ibérica, o primeiro estudo desta natureza foi realizado em Altamira, frente a evidente degradação de uma das salas da caverna, acarretada pela excessiva quantidade de visitantes. Como desdobramento das ações de conservação do local, foi estabelecido um restrito regime de visitas que se mantém até hoje (CARRERA RAMIREZ, 2002, p. 9).

No contexto da criação do Parque Arqueológico do Vale do Côa, foi exigida a criação de um Programa de Conservação de Arte Rupestre, produzido pelo PAVC em

parceria com Instituto de Desenvolvimento da Universidade de Aveiro (IDAD, específico para os sítios de arte rupestre, que começou a ser desenvolvido e coordenado a partir o ano 2000, com objetivo de entender, monitorar e prevenir os efeitos dos mecanismos que afetam ou podem vir a afetar a estabilidade dos afloramentos rochosos. Este programa, expôs as opções estratégicas e conceituais de preservação e conservação que vinham sendo postas em prática, e divide-se na apresentação das ações programáticas, onde se propõe o registro, a monitorização, a avaliação, a experimentação e a elaboração de estudos detalhados, preenchimento de uma base de dados interligada a outros setores do PAVC, protocolos de estágio, formação, classificação, divulgação e envolvimento da população e do grande público na proteção ao patrimônio arqueológico (FERNANDES, 2004, p. 19-33).

No ano de 2008 a publicação “A arte da conservação: técnicas e métodos de conservação em arte rupestre”, divulgou experiências de conservação aplicadas no Vale do Côa nos últimos dois anos anteriores, feitas em rochas tipo – afloramentos sem gravuras mas com dinâmicas erosivas semelhantes a das rochas insculturadas -, bem como apresentou as soluções propostas por empresas de conservação de pedra, que realizaram estudos, com o intuito de mitigar as dinâmicas erosivas nos afloramentos de arte rupestre.

Em 2012, Fernandes publica a tese de doutoramento de nome “Natural processes in the degradation of open-air rock-art sites: an urgency intervention scale to inform conservation”, que teve como objetivo, investigar modos de garantir a conservação dos sítios de arte rupestre ao ar livre no Vale do Côa, identificar os agentes de degradação natural dos afloramentos rochosos em xisto grauváquico, criar um método adequado para avaliar seu estado de conservação e desenvolver uma escala de urgência para intervenções de conservação.

Além dos trabalhos citados, identificamos outros artigos relacionados à gestão, a realização de estudos e escavações em sítios do PAVC, contudo, o cenário apresentando, ainda assinala escassez bibliográfica sobre as dinâmicas de conservação de sítios de arte rupestre em ambientes externos.

No Brasil, ainda é inicial a discussão acerca da conservação preventiva dos sítios de representação rupestre a partir da consideração dos domínios geológicos dos sítios arqueológicos. A discussão sobre as características do suporte rochoso e de

como ele se relaciona com a vegetação, com o clima, com as tipologias das pinturas e gravuras para cada tipo morfológico de rocha e com os aspectos relacionados a utilizações desses locais como abrigo é feita por Carlos Alberto Etchevarne, no livro *Escrito na Pedra*, publicado em 2007.

As primeiras intervenções de conservação visando desacelerar a destruição de sítios de arte rupestre começaram sob a coordenação da professora Maria Conceição Soares Meneses Lage, no ano de 1991, no Parque Nacional da Serra da Capivara, no Piauí; depois, foram realizadas em outros sítios do Nordeste brasileiro (LAGE, QUEIRÓS E LAGE, 2017, p. 100).

Através da formação de equipes multidisciplinares e com a colaboração da comunidade local, foram realizados diagnósticos técnicos, baseados nos resultados obtidos em exames e análises, *in situ* e em laboratórios especializados, dos diferentes depósitos de alteração, suportes rochosos e pigmentos rupestres. As equipes de trabalho incluíram os moradores de locais próximos, considerando-os como os atores principais para a conservação desses espaços, já que os pesquisadores vão ao local periodicamente (para pesquisas) e o contato direto com os sítios é feito por moradores da região circundante (LAGE, QUEIRÓS E LAGE, 2017, p. 100).

Em pesquisa no Catálogo de Dissertações e Teses da Capes, a partir da busca “conservação arte rupestre”, encontramos referência a onze dissertações de mestrado, sendo duas de mestrado profissional, e a uma tese de doutorado, defendida em 2010. A maior parte dos trabalhos foram realizados sobre sítios de arte rupestre nos estados do Piauí, Ceará, Pará e Minas Gerais, o fato que comprova a escassez de estudos que versam sobre o tema da conservação preventiva de sítios arqueológicos de representação rupestre no Brasil.

Até o presente momento, monitoramos a realização de um único estudo que versa diretamente sobre o tema no estado da Bahia, defendido há 20 anos, por Márcia Dantas Braga, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A dissertação de mestrado, intitulada “Projeto de Conservação de Sítios Arqueológicos com Pintura Rupestre no Alto Sertão Baiano”, analisou o estado de conservação das pinturas rupestres localizadas na cidade de Central, totalizando 26 sítios estudados. Além disso, realizou testes preliminares, documentação fotográfica, higienização, consolidação da rocha e da camada pictórica. Segundo a autora, o trabalho fez parte

um projeto maior, denominado Projeto Central, e servirá como um documento útil para o monitoramento da área estudada.

Quanto às análises químicas realizadas em sítios baianos, destacamos o estudo de Luís Carlos Duarte Cavalcante, realizado para a elaboração da sua tese de doutorado, intitulada “Caracterização Arqueométrica de Pinturas Rupestres Pré-Históricas, Pigmentos Minerai s Naturais e Eflorescências Salinas de Sítios Arqueológicos”, defendida em 2012, no Programa de Pós-Graduação em Química da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Nesse estudo, o autor realiza caracterização química e mineralógica de pinturas rupestres pré-históricas, de pigmentos minerai s e de eflorescências salinas de sítios arqueológicos localizados em alguns estados brasileiros; dentre eles, os sítios baianos Poções (no distrito da Pituba, área rural da cidade de Gentio do Ouro, na Chapada Diamantina) e Complexo Serra das Paridas I (na cidade de Lençóis, também na Chapada Diamantina).

253

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos citados exploram as possibilidades da realização dos diagnósticos de conservação de maneira direta e indireta, mas não avançam no sentido de refletir profundamente sobre a relação entre o domínio geológico, o ambiente onde foram feitos os registros e a relação destes com a preservação dos registros rupestres. É importante registrar que grande parte do que vem sendo produzido sobre o assunto intenciona agir de forma direta sobre as rochas após a instalação do agente de degradação, sendo que nenhum desses estudos visa a reflexão sobre ações preventivas para evitar a ocorrência das degradações.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, A. P. B. 2004. O Programa de Conservação do Parque Arqueológico do Vale do Côa: Filosofia, objectivos e acções concretas. **Revista Portuguesa de Arqueologia** [Online], (7): 1. [Consultado em 20.10.2022]. Disponível em: <http://openarchive.icomos.org/id/eprint/948/>

FERNANDES, A.P.B. 2012. Natural processes in the degradation of open-air rock-art sites: an urgency intervention scale to inform conservation. **Tese de Doutorado em Arqueologia**, Bournemouth University.

BRAGA, M. T. 1999. Projeto de conservação de sítios arqueológicos com pintura rupestre no alto sertão baiano. **Dissertação de Mestrado em Conservação e Restauração do Patrimônio Cultural**, Faculdade de Arquitetura e Urbanismos, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CARRERA RAMÍREZ, F. 2002. La Protección del Arte Prehistórico Ibérico, ¿Misión Imposible?. **Revista ArqueoWeb**. Madrid [Online], (4). [Consultado em 22.12.2022]. Disponível em: http://www.ucm.es/info/arqueoweb/numero4_1/articulo4_3_proteccionarte.html.

CAVALVANTE, L. C. D. 2012. Caracterização Arqueométrica de Pinturas Rupestres Pré-Históricas, Pigmentos Minerais Naturais e Eflorescências Salinas de Sítios Arqueológicos. **Tese de Doutorado em Ciências – Química**, Instituto de Ciências Exatas da Universidade Federal de Minas Gerais.

ETCHEVARNE, C. 2007. **Escrito na pedra: cor, forma e movimento nos registros rupestres do estado da Bahia**. Rio de Janeiro, Versal.

ETCHEVARNE, C. 2011. **Patrimônio arqueológico na Bahia: breves considerações sobre o estado atual da questão**. **Patrimônio arqueológico da Bahia - Série estudos e pesquisas** [Online], 88(1). [Consultado em 10.10.2022]. Disponível em: https://www.sei.ba.gov.br/images/publicacoes/sumario/sep/sumario_sep_88.pdf

GHETTI, N. C.; LEITE, M. N.; CASTRO, V. C. 2017. Diagnóstico para conservação em gravuras rupestres no sítio do rio Logradouro-Campinha Grande/PB. *In: 1º Anais do Simpósio Científico ICOMOS Brasil*, 1. Belo Horizonte, ICOMOS.

GONÇALVES, W. B. 2013. Métricas de preservação e simulações computacionais como ferramentas diagnósticas para conservação preventiva de coleções – estudo de Caso no sítio patrimônio mundial de Congonhas – MG. **Tese de Doutorado em Artes**, Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais.

KESTERING, C. 2003. Estratégias de conservação das pinturas rupestres do Boqueirão do Riacho de São Gonçalo, em Sobradinho, BA. **CLIO Arqueológica** [Online], 1(16). [Consultado em 15.10.2022]. Disponível em:

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/clioarqueologica/article/view/246972/35867>

KESTERING, C. 2007. Identidade dos grupos pré-históricos de Sobradinho-Ba. 2007. **Tese de Doutorado em Arqueologia**, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco.

LAGE, M. C. S. M.; BORGES, J. F.; JÚNIOR, S. R. 2005. Sítios de Registros Rupestres: monitoramento e conservação. **Mneme Revista de Humanidades** [Online], 6(13). [Consultado em: 15.10.2022]. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/269>.

LAGE, M. C. S. M.; QUEIRÓS, S. F. Q.; LAGE, W. (eds) 2017. **Arte rupestre pré-histórica: algumas medidas de conservação**. Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro.

SANTOS, L. A. 2016. **Cartografia social da paisagem cultural do município de Iraquara-Ba: subsídios para o planejamento territorial participativo**. Relatório Técnico do Mestrado Profissional em Planejamento Territorial, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana.

EVENTO



256

INSTITUIÇÕES ORGANIZADORAS

